

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

ISABELA JUNQUEIRA OTTONI

**A MONARQUIA BRITÂNICA E A MÍDIA: UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES REAIS NA IMPRENSA**

BRASÍLIA - DF
1/2022

ISABELA JUNQUEIRA OTTONI

**A MONARQUIA BRITÂNICA E A MÍDIA: uma análise das representações Reais
na imprensa**

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Thaïs de Mendonça Jorge

BRASÍLIA - DF
1/2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

ISABELA JUNQUEIRA OTTONI

**A MONARQUIA BRITÂNICA E A MÍDIA: uma análise das representações Reais
na imprensa**

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Comunicação Organizacional.

Aprovado em: 02 de maio de 2022

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Thaïs de Mendonça Jorge
Orientadora - FAC/UnB

Prof.^a Dr.^a Márcia Marques
Avaliadora - FAC/UnB

Prof.^a Dr.^a Luciane Agnez
Avaliadora - FAC/UnB

Prof.^a Dr.^a Nathália Coelho
Suplente - FAC/UnB

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que mostraram os caminhos possíveis para construir minha jornada da vida, sempre me orientando, apoiando e incentivando em todas as decisões que tomei. À minha família, que nunca deixou de contribuir para o meu crescimento com muito amor e suporte envolvidos.

Aos meus amigos, especialmente Luiza Peres, Mariana Toni, Isadora Dias, Pablo Tenorio e José Vitor Barizon, que estão comigo desde antes do meu desenvolvimento pessoal e profissional e acompanharam de perto essa caminhada. E aos amigos da faculdade Isabela Berrogain, Luma Bessa, Júlia Fialho, Pedro Ibarra, Gabriel Pasqua, Caio Lourenço e Matheus Ferreira, por compartilhar as batalhas do dia a dia e as conquistas que obtivemos ao longo do curso.

Ao meu companheiro de vida, Lucas Menescal, que nunca faltou com palavras de incentivo e sempre esteve ao meu lado em todos os momentos, bons ou ruins, em especial nessa jornada. Também à sua família, que sempre demonstrou compaixão e acolhimento ao longo deste processo.

Agradeço imensamente à minha professora orientadora, Thaís de Mendonça Jorge, que foi uma grande parceira na orientação e me ajudou nesta empreitada com muita disposição, paciência, um sorriso no rosto e palavras acolhedoras. À Universidade de Brasília pelos ensinamentos da vida e à Faculdade de Comunicação e professores por ajudar a promover meu crescimento profissional e acadêmico.

A todos, deixo o meu maior agradecimento por contribuírem de alguma forma na minha formação, tanto acadêmica e profissional quanto pessoal. Sem a participação de cada um, eu não teria orgulho de ser quem eu sou hoje.

Muito obrigada!

“A maior doença que o mundo sofre atualmente é a doença das pessoas que não se sentem amadas.”

- Diana Spencer

RESUMO

É fato que a mídia tem um poder relevante de influência. A maneira como um veículo de imprensa coloca uma informação à disposição do leitor será determinante para a construção e interpretação da imagem dos personagens envolvidos em um acontecimento. Esta monografia tem o objetivo de avaliar como é feita essa construção a partir de um estudo de caso – as entrevistas das personagens Diana Spencer e Meghan Markle, cônjuges dos membros da Família Real Britânica – os Príncipes Charles e Harry. Para atingir este objetivo, optamos por um mix metodológico. Além de examinar cada caso, aplicamos dois tipos de análise: Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013) para as entrevistas e Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) para as notícias de repercussão. Utilizando o referencial teórico do *newsmaking*, da teoria da ação política, do *gatekeeping* e da *agenda-setting*, nosso objetivo foi identificar como foram construídas suas imagens por parte da imprensa. Ao colocar as entrevistas lado a lado, vimos que as entrevistas de Diana e Meghan, que foram ao ar em 1995 e 2021, respectivamente, apesar de distantes no tempo, se assemelham na importância e no impacto que tiveram, pois demonstram a capacidade de duas mulheres de personalidade forte enfrentarem uma das instituições mais tradicionais na sociedade atual: a monarquia.

Palavras-chaves: Família Real Britânica; Diana Spencer; Meghan Markle; imprensa; monarquia; narrativa.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - DIANA DURANTE A ENTREVISTA	30
FIGURA 2 - BASHIR DURANTE A ENTREVISTA	31
FIGURA 3 - PLANO GERAL DA ENTREVISTA: MEGHAN E OPRAH	32
FIGURA 4 - PLANO MÉDIO DA ENTREVISTA: MEGHAN E HARRY	33
FIGURA 5 - DADOS DE CIRCULAÇÃO DOS JORNAIS INGLESES NO REINO UNIDO	101
FIGURA 6 - CAPA DO DAILY MIRROR EM 20/11/1995	105
FIGURA 7 - RECORTE DA CAPA DO JORNAL	106
FIGURA 8 - PÁGINAS 2 E 3 DO DAILY MIRROR EM 20/11/1995	107
FIGURA 9 - RECORTE DA MATÉRIA NA PÁGINA 2 DO JORNAL	107
FIGURA 10 - SEGUNDO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL	109
FIGURA 11 - TERCEIRO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL	110
FIGURA 12 - QUARTO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL	111
FIGURA 13 - ÚLTIMO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL	112
FIGURA 14 - CAPTURA DE TELA DA MATÉRIA - ENTREVISTA DE MEGHAN	114
FIGURA 15 - CAPTURA DE TELA DA PRIMEIRA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN	115
FIGURA 16 - CAPTURA DE TELA DA SEGUNDA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN	116
FIGURA 17 - CAPTURA DE TELA DA TERCEIRA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN	117
FIGURA 18 - CAPTURA DE TELA DA QUARTA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN	117
FIGURA 19 - CAPTURA DE TELA DA ÚLTIMA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN	118

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - COLETA DE MATÉRIAS DE REPERCUSSÃO DA ENTREVISTA DE
DIANA **102**

TABELA 2 - COLETA DE MATÉRIAS DE REPERCUSSÃO DA ENTREVISTA DE
MEGHAN **103**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1. <i>NEWSMAKING</i>	11
1.2. TEORIAS DE AÇÃO POLÍTICA	13
1.3. <i>GATEKEEPING</i>	15
1.4. <i>AGENDA-SETTING</i>	16
2. METODOLOGIA	18
2.1. ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA	20
2.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO	24
3. AS CÔNJUGES: DIANA SPENCER E MEGHAN MARKLE	25
3.1. QUEM É DIANA SPENCER	25
3.2. QUEM É MEGHAN MARKLE	27
4. AS ENTREVISTAS	29
4.1. DIANA SPENCER: UM DESABAFO DE 54 MINUTOS	29
4.2. MEGHAN MARKLE: 85 MINUTOS DE TENSÃO	31
4.3. MUDIATIZAÇÃO DE UMA PRINCESA	34
4.4. A VIVÊNCIA NA REALEZA POR UMA MULHER DIFERENTE	63
4.4.1. Harry entra em cena	78
5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	85
5.1. DIANA E SEUS CICLOS	85
5.2. MEGHAN E O RACISMO	90
5.3. RESULTADOS	95
6. JORNALISMO BRITÂNICO: HISTÓRIA DA IMPRENSA INGLESA	98
6.1. PERSONAGENS <i>VERSUS</i> IMPRENSA: COMO DIANA E MEGHAN FORAM RETRATADAS	100
6.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS DE REPERCUSSÃO	104
6.2.1. Discussão	118
7. CONCLUSÕES	120
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICE A - TRADUÇÃO DA ENTREVISTA DE DIANA SPENCER A MARTIN BASHIR	131
APÊNDICE B - TRADUÇÃO DA ENTREVISTA DE MEGHAN MARKLE A OPRAH WINFREY	156

INTRODUÇÃO

A monarquia é a forma mais antiga de governo no conjunto de ilhas – Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte – que leva o próprio sistema no nome: *Reino Unido*. Está em vigor desde o ano 827 d.C. com o monarca anglo-saxão Egbert Bretwalda (HISTORIC UK, s.d.). A Rainha Elizabeth Alexandra Mary Windsor é a atual Chefe de Estado e, no ano de 2022, completou 70 anos como soberana, marcando o período mais longo de um reinado da história. Além da Rainha Elizabeth II, a Família Real britânica assume funções oficiais e os membros são os parentes mais próximos: filhos, netos, cônjuges e primos de Elizabeth (filhos dos irmãos do Rei George VI, pai de Elizabeth II). Os membros seniores desempenham as funções mais importantes da monarquia e estão no topo da linha de sucessão ao trono. Esta pesquisa escolheu como personagens dois desses membros:

- I. **Diana Frances Spencer**, que recebeu à época o título de Princesa de Gales por casar-se com o **Príncipe Charles Philip Arthur George Mountbatten-Windsor**, Príncipe de Gales, primogênito da Rainha e primeiro na linha de sucessão ao trono;
- II. **Rachel Meghan Markle**, Duquesa de Sussex, casada com o **Príncipe Henry Charles Albert David Mountbatten-Windsor**, Duque de Sussex, segundo filho do Príncipe Charles com a Diana e o sexto da linha de sucessão ao trono.

Por ser um dos poucos reinados ainda presentes na atualidade, os Windsor conquistaram notoriedade mundial e um espaço relevante nas agendas culturais das pessoas. Muito do prestígio é devido à relação geopolítica com os Estados Unidos da América, que coloca a monarquia como um importante estabelecimento comercial do Reino Unido, desempenhando um papel de “empresa de negócios”, e à mídia, que acompanha de perto a trajetória da Família, enfatizando os acontecimentos mais dramáticos, controversos e polêmicos para vender informação, gerar lucro e proporcionar entretenimento a um público amplo. Pode-se mesmo afirmar que a comunicação desempenha um papel de extrema importância para a preservação da imagem e da reputação de prosperidade da Coroa Britânica, que se revela como um modelo de negócios no papel de controle dessa reputação.

A até então desconhecida Diana Spencer, prima distante do Príncipe Charles pela linha da Casa Tudor, casou-se aos 19 anos com o herdeiro do trono e com ele teve dois filhos, William e Harry. Meghan Markle, descendente de afroamericanos, desposou Harry em 2018 e com ele também tem dois filhos. Neste trabalho, vamos abordar dois episódios que atingiram o panorama midiático no Reino Unido e tiveram repercussão internacional: **as entrevistas concedidas por Lady Diana, em 1991, e pela atriz Meghan Markle, em 2021**, trazendo à tona questões internas da Família Real britânica e colocando à prova a capacidade de uma instituição tradicional e conservadora de se manter no poder no mundo moderno. A entrevista de Diana foi concedida ao jornalista Martin Bashir, da *BBC*, e a de Meghan (com Harry), à apresentadora Oprah Winfrey, da *CBS*.

O presente trabalho de conclusão de curso tem como motivação as seguintes perguntas:

- 1) De que maneira a mídia se posiciona diante da Família Real e das entrevistadas?**
- 2) Como a mídia britânica retratou a Princesa Diana e a Duquesa de Sussex Meghan Markle por ocasião das entrevistas?**

O principal objetivo deste estudo é compreender como as personagens foram vistas e que espaço tiveram nos meios de comunicação da época para defender seus pontos de vista. O *corpus* é constituído pelas duas entrevistas que, embora distanciadas no tempo, tiveram igual capacidade de balançar os alicerces da monarquia, jogando questões internas na esfera pública e colocando em discussão as relações da mídia com o poder absoluto. Especificamente, busca-se: a) analisar as narrativas das entrevistas; b) analisar as matérias de repercussão das entrevistas no jornal inglês *Daily Mirror*; e depois, mais tarde, comparar as análises para atingir o objetivo geral.

Esta pesquisa se justifica, pessoalmente, pelo interesse e curiosidade a respeito da família mais famosa do mundo, a Família Real britânica; academicamente, pela necessidade de compreender a evolução do discurso midiático no tratamento de mulheres em oposição a um contexto de extremo conservadorismo. Por meio do ferramental analítico, será possível observar a diferença na maneira como uma Princesa que denunciou crises no seu casamento com um membro da Família Real; e uma Duquesa, birracial e de origem norte-americana, que denunciou casos de racismo internamente foram encaradas

pelos meios de comunicação. Nesta monografia, será investigada a forma como a oposição entre a tradicionalidade e o conservadorismo que a monarquia representa, de um lado; e a negação a esses costumes, que as personagens femininas trouxeram, de outro – foram enfocados pela mídia.

Também nos empenhamos em detectar se há uma relação íntima entre a mídia e a monarquia e se há um favorecimento ou desfavorecimento na construção das imagens das personagens-foco deste estudo. Teorias clássicas do jornalismo, como *newsmaking* e *agenda-setting*, serão utilizadas como embasamento teórico para auxiliar nessa missão.

Esta monografia está dividida em: **Referencial Teórico (capítulo 1)**, com as teorias que fundamentarão a pesquisa; descrição da **Metodologia (capítulo 2)** utilizada para realizar o estudo; **Contextualização das cônjuges Diana e Meghan (capítulo 3)** e das respectivas **entrevistas (capítulo 4)** para justificar a escolha dos objetos de pesquisa; **Análise das entrevistas (capítulo 5)** para compreender em profundidade as intencionalidades nos discursos das personagens; **Contextualização do jornalismo britânico** e, por fim, **Análise das notícias de repercussão (capítulo 6)** para observar a construção das imagens de Diana e Meghan; e, por último, as **Conclusões (capítulo 7)** deste estudo.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

No presente trabalho, pretende-se realizar uma análise de notícias impressas e *online*, aplicando a hipótese de *agenda-setting* para compreender a importância dada pela mídia britânica a determinados tópicos. Estes tópicos foram retirados das entrevistas com as duas personagens: a Princesa de Gales, Diana Spencer, e a Duquesa de Sussex, Meghan Markle. Busca-se averiguar se alguns temas receberam propositalmente mais importância pela mídia para que o público insira-os na sua agenda e, assim, reflita positiva ou negativamente sobre a posição das personagens. Outras teorias do jornalismo ajudarão nesta empreitada: as teorias do *gatekeeping* e da ação política, dentro da moldura teórica do *newsmaking*.

1.1. NEWSMAKING

De maneira sucinta e como diz o próprio nome, a teoria de *newsmaking* propõe como se dá a construção das notícias e o que é utilizado como critério para considerar algum fato como noticiável, apoiando-se nos conceitos de noticiabilidade e valores-notícia, que serão explicados a seguir. Essa teoria será utilizada neste trabalho com a proposta de explicar a notoriedade que as entrevistas das personagens tiveram para se tornarem notícia e observar de que maneira as matérias de repercussão das entrevistas foram construídas.

Podemos definir a notícia como “produto de um processo organizado que implica uma perspectiva prática dos acontecimentos (...)” (ALTHEIDE, 1976, p. 112, apud WOLF, 1995, p. 171). Essa perspectiva tem o objetivo de agrupar estes acontecimentos e examiná-los com base em suas conexões, proporcionando, assim, o entretenimento do público (GARBARINO, 1982, apud WOLF, 1995).

Para compreender a teoria de *newsmaking*, é preciso conhecer os termos “noticiabilidade” (ou *newsworthiness*) e “valores-notícia” (ou *news-values*), que correspondem ao “fazer notícia”. Traquina (2005) define a noticiabilidade como um conjunto de parâmetros para que um fato ou informação possua valor como notícia. Tais parâmetros podem ser: *importância* (em relação aos envolvidos e à abrangência do acontecimento), *interesse* (do público e para o público) e *atualidade* (quanto mais recente o acontecimento, mais relevância terá), constituindo um conjunto dos chamados valores-notícia, componentes do *newsworthiness* (MARTINS, 2002).

A noticiabilidade e os valores-notícia são as condições básicas para que uma informação seja considerada notícia. Tuchman (1977) determina três obrigações que os órgãos de informação devem cumprir para produzirem matérias:

1. devem tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável;
2. devem elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada fato ocorrido a um tratamento idiossincrático;
3. devem organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planejada. Estas obrigações estão relacionadas entre si. (TUCHMAN, 1977, p. 45, apud WOLF, 1995, p. 169-170)

A teoria de *newsmaking* se articula dentro dos principais limites de: “a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos

produtivos” (WOLF, 1995, p. 169), e pode ser compreendida a partir das seguintes questões: “que imagem de mundo fornecem os noticiários televisivos? Como se associa essa imagem às exigências cotidianas da produção de notícias, nos organismos radiotelevisivos?” (GOLDING; ELLIOTT, 1979, p. 1, apud WOLF, 1995, p. 169). De um lado, a “cultura profissional” é compreendida como:

um inextricável emaranhado de retóricas de fachada e astúcias táticas, de códigos, estereótipos, símbolos, tipificações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções dos *mass media* e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que superintendem à sua confecção (...). (GARBARINO, 1982, p. 12, apud WOLF, 1995, p. 170)

Enquanto que, em contrapartida, a “organização do trabalho” contém restrições que originam convenções profissionais:

que determinam a definição de notícia, legitimam o processo produtivo, desde a utilização das fontes até à seleção dos acontecimentos e às modalidades de confecção, e contribuem para se precaver contra as críticas do público (...). (GARBARINO, 1982, p. 12, apud WOLF, 1995, p. 170)

Conclui-se que a teoria de *newsmaking* e o “fazer notícia” se apoiam nas práticas de *noticiabilidade*, utilizando critérios para seleção do que é e o que não é notícia, dos *valores-notícia*, que tornam uma informação apta a ser noticiada, e da *sistematização*, baseado numa divisão de tarefas que vão desde a pauta até a edição (CANTANHEDE; ZANFORLIN, 2020).

1.2. TEORIAS DE AÇÃO POLÍTICA

A teoria de ação política surgiu por volta dos anos 1970 como uma vertente do estudo dos meios de comunicação para explicar a influência política sobre a mídia. Segundo Traquina, esta teoria, que subdivide-se em dois polos ideológicos - direita e esquerda -, defende que a notícia é uma distorção sistêmica para atender aos interesses políticos de alguns agentes sociais muito específicos, que a utilizariam para projetar suas visões sobre o mundo, a sociedade, etc. (TRAQUINA, 2005). Ao utilizar esta teoria neste trabalho, almeja-se identificar se houve, nas notícias de repercussão das entrevistas em análise, um desvio dos fatos por parte

da mídia a favor da monarquia para coagir o público britânico a adotar um lado da história.

Basicamente, “na teoria de ação política, as notícias se constituem, verdadeiramente, em propaganda” (ROCHA, 2007, p. 120). Os autores que explicam esta teoria apontam que, se é certo dizer que os meios de comunicação de massa são controlados pelos governos - e, como aponta a teoria de *gatekeeping*, os meios controlam a informação -, então o público é alimentado por informações manipuladas por um dos alinhamentos ideológicos, que utilizam das notícias para fazer propaganda própria ou anti-propaganda da oposição.

Essa análise da política nos *media* teve início após a grande onda de protestos dos anos 60. Sob influência de ideias marxistas, houve um crescente interesse na ideologia, dando início a uma nova fase de pesquisas sobre o jornalismo e sua relação com a sociedade (TRAQUINA, 2005). Tuchman (1991) descreve que:

O estudo do jornalismo debruça-se sobre as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel social das notícias, e a capacidade do Quarto Poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria teoria democrática (apud TRAQUINA, 2005, p. 161)

Nesta mesma época, aparece uma vertente de pesquisa sobre a parcialidade (*news bias studies*), que pressupõe que as notícias descrevem a realidade da forma como ela é, tal como a Teoria do Espelho, que preconiza que as notícias refletem fielmente a realidade. No entanto, há controvérsias nos resultados de pesquisas, concluindo-se que “nas teorias de ação política, os *media* noticiosos são vistos de uma forma instrumentalista, isto é, servem objetivamente a certos interesses políticos” (TRAQUINA, 2005, p. 163).

Traquina (2005) expõe que, enquanto a versão de direita defende que os jornalistas utilizam os *media* para propagar ideias anti-capitalistas e possuem total controle sobre a produção de notícias, a versão de esquerda argumenta que os jornalistas são produtos do capitalismo e servem para reproduzir estes ideais, como “propaganda” do sistema capitalista.

Herman e Chomsky (1988) são os principais autores da teoria de esquerda e defendem que “existe um diretório dirigente da classe capitalista que dita aos diretores e jornalistas o que sai nos jornais” (TRAQUINA, 2005, p. 164). Sua teoria

avança para a chamada “*propaganda framework*” (“modelo de propaganda”). “Para os autores, toda a vastidão da cobertura dum acontecimento particular nos vários meios de comunicação social é tratada como uma campanha de publicidade maciça” (TRAQUINA, 2005, p. 166).

Traquina (2005) explica que, de acordo com os autores, “o interesse é crucial”. Certos acontecimentos podem servir às relações públicas e se tornam “grandes estórias” que mobilizam a opinião pública numa determinada direção. “Em todos estes casos a cobertura dos *media* ou a ‘publicidade’ salienta e mobiliza o apoio público para ações da política internacional ou nacional” (TRAQUINA, 2005, p. 166).

(...) considerar a cobertura dos acontecimentos como uma campanha publicitária para políticas específicas ajuda a explicar a dinâmica de uma “estória”. Nestes casos, os *media* movem-se rapidamente para além das “notícias duras” em artigos de opinião, especulação e trivialidade (TRAQUINA, 2005, p. 166).

No entanto, segundo Daniel Hallin (1994), a teoria de Herman e Chomsky pode levar a um *false consciousness* (consciência falsa) do papel do jornalista pela sua característica “estática e unidimensional” (TRAQUINA, 2005, p. 168). Sendo assim, as teorias de ação política serão utilizadas neste trabalho apenas com o objetivo de identificar possíveis posições políticas dos jornais britânicos a favor ou contra a monarquia, tendo em vista que esta é uma instituição de imenso poder, tanto político quanto de influência, no Reino Unido. Não foi adotado, entretanto, nenhum lado (esquerda ou direita) para analisar as matérias, centrando-se a análise na ideia de imparcialidade, dever de todo pesquisador.

1.3. GATEKEEPING

A teoria de *gatekeeping* é utilizada neste trabalho paralelamente à hipótese de *agenda-setting*, observando-se de que maneira foi feita a seleção de informações a partir das entrevistas, o que foi destaque e o que não foi. O objetivo é compreender a intenção da imprensa em controlar a informação, na tarefa de divulgação de dados, e de que maneira isto teria sido usado para prejudicar ou beneficiar a imagem de Diana Spencer e Meghan Markle.

Em 1947, o psicólogo Kurt Lewin apresentou o conceito de *gatekeeper* definindo-o como “sistemas objetivos de regras” que controlam áreas chamadas de “zonas filtro”, que funcionariam como uma espécie de “portaria” ou “cancela” para os fatos (WOLF, 1995). “(...) Há um indivíduo, ou um grupo, que tem ‘o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia’” (LEWIN, 1947, p. 145, apud WOLF, 1995, p. 162). Em suma, os chamados “selecionadores” (*gatekeepers* ou guardiões do portão) escolhem o que será notícia e o que será descartado. Cabe a eles definir o que merece ser escolhido e virar destaque (MARTINS, 2002).

Poucos anos depois da conceituação de Lewin, já na década de 1950, David White foi o primeiro a aplicar esta teoria no jornalismo através de uma pesquisa observando a atividade do jornalista a que cognominou “Mr. Gate”, e trabalharia para um jornal médio norte-americano. White chegou à conclusão de que “as decisões do jornalista eram altamente subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no ‘conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*’” (TRAQUINA, 2005, p. 150).

As conclusões de White foram refutadas em um estudo subsequente de Gieber, que amplia o fator pessoal de escolha do *gatekeeper* para a organização. “Gieber (1956) concluiu que o fator predominante sobre o trabalho jornalístico era o peso da estrutura burocrática da organização e não as avaliações pessoais do jornalista” (TRAQUINA, 2005, p. 152). Sendo assim, o processo de filtragem ocorre de maneira subjetiva e em consonância com os valores da organização noticiosa (jornal, revista, TV, rádio) para a qual aquele jornalista trabalha.

Donohue, Tichenor e Olien (1972) explicam que a maneira como a filtragem é executada implica em uma forma de controle por parte dos meios de comunicação de massa. Apesar disso, “não se presume que o controle social seja a única função que os *mass media* desempenham; presume-se, sim, que todos os processos comunicativos têm em si uma função de controle, manifesta ou latente” (DONOHUE; TICHENOR; OLIEN, 1972, p. 43, apud WOLF, 1995, p. 163).

Na transmissão da mensagem através dos canais, pode estar envolvido muito mais do que uma simples recusa ou aceitação (...). O *gatekeeping* nos *mass media* inclui todas as formas de controle da informação, que podem estabelecer-se nas decisões acerca da codificação das mensagens, da seleção, da formação da mensagem, da difusão, da programação, da exclusão de toda a mensagem ou das suas componentes. (DONOHUE; TICHENOR; OLIEN, 1972, p. 43, apud WOLF, 1995, p. 163)

1.4. AGENDA-SETTING

A hipótese de *agenda-setting* propõe que os temas abordados pelos meios de comunicação de massa podem ser incluídos ou excluídos das agendas das pessoas no dia a dia (MARTINS, 2002). Ou seja, pressupõe-se que os *mass media* distribuem os acontecimentos do dia de acordo com uma ordem hierárquica de importância, para que o público discuta, em seu cotidiano, os assuntos que lhes são apresentados e destacados pela mídia. Isto posto, a hipótese de *agenda-setting* será utilizada neste trabalho como suporte à ênfase dada pela mídia a determinados assuntos abordados nas entrevistas, buscando encontrar a maneira como os fatos foram hierarquizados e apresentados ao público.

De acordo com as pesquisas de Shaw, a teoria de *agenda-setting* determina que:

em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. (...) Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo [dos *mass media*] inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW, 1979, p. 96 apud WOLF, 1995, p. 130)

Shaw ainda indica que, de acordo com esta teoria, os meios de comunicação de massa estabelecem qual deve ser a interpretação das pessoas sobre a sociedade (SHAW, 1979, apud WOLF, 1995). Segundo Wolf, “a hipótese do *agenda-setting* defende que os *mass media* são eficazes na construção da imagem da realidade que o sujeito vem estruturando” (WOLF, 1995, p. 137). Wolf também explica que esta hipótese evidencia que os *mass media* têm:

um impacto direto - mesmo que não imediato - sobre os destinatários, que se configura segundo dois níveis: a. a “ordem do dia” dos temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos *mass media*; b. a hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na “ordem do dia”. (WOLF, 1995, p. 132)

No entanto, a *agenda-setting* não diz respeito à intenção dos meios de comunicação de massa de persuadir o público. A hipótese sustenta que “os *mass*

media, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo sobre que é necessário ter uma opinião e discutir” (SHAW, 1979, p. 96-101, apud WOLF, 1995, p. 130).

Cohen (1963, p. 13) afirma ainda que “a imprensa pode, na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, (...) mas tem uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre que temas devem pensar (...)” (apud WOLF, 1995, p. 130). Em outras palavras, os *mass media* podem determinar os assuntos que farão parte da agenda do público. No entanto, na maioria das vezes, não serão capazes de determinar as interpretações pessoais sobre os assuntos.

Uma pesquisa realizada por McClure e Patterson acerca de uma campanha presidencial americana traz indícios de que a notícia impressa é mais “sólida, constante e visível”, portanto, detém um poder de influência maior do que as notícias televisionadas, que são mais rápidas, curtas e enfáticas (MCCLURE; PATTERSON, 1976, apud WOLF, 1995). Em uma análise seguinte, segundo Wolf (1995, p. 145) essa eficácia dos meios seria “temporalmente graduada e diferenciada”:

Os jornais são os principais promotores da agenda do público. Definem amplamente o âmbito do interesse público, mas os noticiários televisivos não são totalmente desprovidos de influência. A televisão tem um certo impacto, a curto prazo, na composição da agenda do público. O melhor modo de descrever e distinguir essa influência será, talvez, chamar “*agenda-setting*” à função dos jornais e “*ênfase*” (ou *spot-lighting*) à da televisão. O caráter fundamental da agenda parece, frequentemente, ser estruturado pelos jornais, ao passo que a televisão reordena ou ressystematiza os temas principais da agenda. (MCCOMBS, 1976, p. 6, apud WOLF, 1995, p. 145)

2. METODOLOGIA

Os estudos deste trabalho iniciam-se com a revisão bibliográfica acerca das teorias do jornalismo e sobre o objeto desta monografia, a monarquia e a imprensa britânicas. Com base em nosso referencial teórico, exploramos as teorias de *agenda-setting*, *gatekeeping*, *newsmaking* e ações políticas para compreender a construção das notícias e a formulação da imagem, por parte da mídia, das protagonistas desta pesquisa: a Princesa Diana e a Duquesa Meghan Markle.

A metodologia que escolhemos para examinar e mapear o discurso dos meios de comunicação na Inglaterra, em dois momentos distintos - a entrevista da Princesa Diana Spencer, em novembro de 1995; e a entrevista de Meghan Markle, em março de 2021 - foi, em primeiro lugar, a análise crítica da narrativa, conjugada com a análise de conteúdo de duas matérias de repercussão num dos veículos mais proeminentes da imprensa londrina, o *Daily Mirror*, nos dias 21 de novembro de 1995 e 8 de março de 2021.

As entrevistas foram televisionadas, contudo, não é possível encontrar a íntegra dos vídeos na internet. Como alternativa, nos baseamos nas transcrições das entrevistas - para fins deste trabalho, foram traduzidas do inglês pela autora -, que estão à disposição na internet¹ e contam com o conteúdo integral do que foi exposto pelas personagens. Diana teve 54 minutos de conversa com o jornalista Martin Bashir, da *BBC News*, a maior organização de notícias de transmissão do mundo. Meghan - e mais tarde seu marido, o Príncipe Harry - concederam uma entrevista de 85 minutos à apresentadora Oprah Winfrey, da *Harpo Studios*, considerada uma das mais influentes mulheres do panorama midiático.

Embora distanciadas no tempo, as duas entrevistas se assemelham no impacto que tiveram: a primeira, porque Diana já era uma personalidade conhecida no cenário internacional, querida e admirada por sua beleza, e porque estava no epicentro de um escândalo devido à sua separação do Príncipe Charles, herdeiro do trono britânico. A segunda, porque Meghan é uma atriz famosa e, ao se casar com o Príncipe Harry, filho de Diana, tornou-se a primeira pessoa de cor a entrar na Família Real, fato que trouxe à tona questões polêmicas.

A primeira etapa do processo metodológico deste trabalho contempla a compreensão do contexto da Família Real: conhecer quem são seus membros, o envolvimento deles em intrigas e quais as circunstâncias de declarações públicas, no caso, entrevistas a veículos de imprensa por parte das personagens-foco deste estudo, levando em consideração os contextos tanto familiares quanto sociopolíticos de cada época.

¹ Transcrição da entrevista da Diana disponível em:

<<https://www.bbc.co.uk/news/special/politics97/diana/panorama.html>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

Transcrição da entrevista da Meghan disponível em:

<<https://www.thesun.co.uk/news/14277841/meghan-markle-oprah-interview-full-transcript/>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

Em seguida, damos prosseguimento aos estudos ao fazer a análise das narrativas de cada entrevista, investigando as intencionalidades das entrevistadas: Diana e Meghan. Por fim, analisamos a repercussão dessas entrevistas na mídia, observando-se de que maneira as personagens foram retratadas.

O objetivo da **análise da narrativa** é compreender em profundidade a intenção dos discursos e os fatos que foram relatados pelas personagens, enquanto a finalidade da **análise de conteúdo** é averiguar a maneira como os jornais - em especial o *Daily Mirror* - abordaram os temas citados em cada entrevista e como construíram o retrato das personagens.

2.1. ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA

A **análise crítica da narrativa** das entrevistas de Diana e Meghan será realizada seguindo a proposta de Luiz Gonzaga Motta (2013). Segundo o autor, ao aplicar esta técnica, temos capacidade de compreender como a linguagem foi utilizada, e de examinar criticamente a configuração de tramas e intrigas, quais foram os tópicos de fundo ético, moral e ideológico e as intenções das várias vozes expressas, implícitas ou explícitas.

Motta (2013, p. 18) defende que “nossas vidas são as nossas narrativas. Melhor dizendo, nossas narrativas tecem nossas vidas”. Ao estudar as narrativas, estamos buscando compreender nossa existência através de histórias. Nos interpretamos e interpretamos o mundo sob um determinado ponto de vista, e a partir disso narramos essas histórias, criando representações e erigindo imagens de quem somos e do que entendemos sobre o que é o mundo e a vida. Portanto, “estudá-las é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o que as narrativas realizam enquanto atos de fala” (MOTTA, 2013, p. 27). Nessa perspectiva, buscamos perceber a construção da imagem que as personagens Diana e Meghan fizeram sobre si mesmas e sobre a monarquia, ao estudar as suas histórias por meio de uma técnica jornalística: a entrevista.

A proposta da Análise Crítica da Narrativa de Motta (2013) abrange narrativas em diversos formatos, sejam eles reportagens, comerciais de TV, vídeos, filmes, canções populares, histórias em quadrinhos, sejam contos, diários. Para analisar uma narrativa, Motta (2013) descreve três planos ou instâncias que a compõem: 1. plano da expressão (linguagem ou discurso); 2. plano da estória (ou

conteúdo); 3. plano da metanarrativa (tema de fundo). Essas instâncias estão presentes como as camadas de uma narrativa: a parte superficial é onde se encontra o discurso e a linguagem utilizada para contar a história; um pouco mais abaixo encontramos o conteúdo, que é a história de fato; e o plano mais profundo contém a bagagem cultural, ética e moral que o narrador emprega para contextualizar o ouvinte. Estas instâncias são distinguidas metodologicamente para efeitos de análise, visto que durante o ato de narrar não há separação dos planos. Os planos são investigados por meio de sete movimentos ou etapas, que servem como procedimentos para averiguar as profundezas delas e, em consequência, da narrativa propriamente dita.

Para começar a análise de uma narrativa, o pesquisador deve diferenciar as três instâncias presentes no discurso. O plano da expressão é a instância em que o narrador apresenta exatamente o que deseja expressar ao destinatário. É o plano mais superficial, que contém a linguagem propriamente dita, e é empregada nos estudos como delimitador dos sentidos, de acordo com as entonações empregadas para a construção da realidade. É o que determina o clima da narrativa, ou seja, o andamento dela de acordo com o tom que o narrador adotou. Ao longo desta primeira fase da análise observam-se quais são as intenções do locutor (MOTTA, 2013).

O plano da estória, plano principal para efeitos de pesquisa, é o plano da contextualização, é o que dá sentido à narrativa. Também conhecido como “plano do conteúdo”, nele encontram-se o enredo, quem são os participantes do acontecimento e as intrigas que se sucederam de acordo com a cronologia e a lógica adotadas pelo narrador na sequenciação dos fatos. Aqui, a análise será feita constatando-se “as micro e macroestruturas ou princípios de organização que configuram a narrativa de uma certa maneira no ato de contar” (MOTTA, 2013, p. 138).

Por fim, o plano da metanarrativa é a instância das crenças e ideais do narrador, carregado por um *background* cultural. Neste plano, é possível encontrar uma contextualização mais profunda da ética e moralidade do imaginário coletivo, do que é certo e o que é errado, provocando assim alguns efeitos no receptor. Em nosso trabalho, o plano da metanarrativa se aplica ao contexto social de cada época. No ambiente de Diana, os valores da religião prevaleciam sobre as questões matrimoniais, especialmente na Família Real. Portanto, havia muito preconceito com

o divórcio. Já no caso de Meghan, prevaleceram as questões raciais e o racismo velado que estava presente na imprensa britânica, como veremos no próximo capítulo.

Ao distinguir cada plano, Motta (2013) descreve sete movimentos para aprofundar a análise da narrativa:

1. compreender a intriga como síntese do heterogêneo;
2. compreender a lógica do paradigma narrativo;
3. deixar surgirem novos episódios;
4. permitir ao conflito dramático se revelar;
5. personagem: metamorfose de pessoa a persona;
6. as estratégias argumentativas;
- e 7. permitir às metanarrativas aflorar. (MOTTA, 2013, p. 140-204)

O primeiro movimento é denominado “sintetização da narrativa” e contempla principalmente os planos da expressão e do conteúdo em conjunto: o analista deve conhecer todo o conteúdo da estória² e do seu enredo para determinar um começo, meio e fim. Nesta primeira etapa, a estória será sintetizada em um *storyline*, ou resumo-síntese, compreendendo os principais acontecimentos abordados pelo narrador, colocados em ordem cronológica. Aqui será feita uma avaliação dos recursos utilizados pelo narrador para criar efeitos de sentido (metáforas, hipérboles, comparações, ironia, *flashbacks* e *flashforwards*, dêiticos, etc.), presentes no plano da expressão.

O segundo movimento é chamado de “compreensão da narrativa” e também incide principalmente sobre os dois primeiros planos. Busca-se perceber as intenções do locutor ao contar a estória: como utilizou os recursos de linguagem para construir uma lógica e quais foram as estratégias para provocar emoções no ouvinte. Também serão encontrados os pontos de virada: momentos marcantes em que os personagens mudam seu rumo (por exemplo: um novo emprego, uma mudança de cidade, um casamento). Motta (2013, p. 158) sugere a construção de uma linha do tempo para identificar os principais momentos de tensão e os pontos de virada, identificando os dêiticos, definidos pelo autor como “elementos espaço-temporais do discurso que concorrem para situar o enunciado e os sujeitos no ato de comunicação”. São os dêiticos os encarregados de oferecer as referências sobre o momento e o lugar em que o discurso ocorre.

² O autor diferencia os termos “estória” e “história” como adaptação dos termos em inglês “*story*” e “*history*”, respectivamente. “Estória” foi adotado pelo autor como uma narrativa fictícia, enquanto “história” refere-se a algo que aconteceu no passado e possui relevância histórica (MOTTA, 2013).

O terceiro movimento recebe o título de “novos episódios” e estende-se pelo plano do conteúdo. A partir da síntese elaborada na primeira etapa, são determinados acontecimentos específicos que podem revelar táticas destinadas a produzir efeito dramático. Os “novos episódios” possuem certa autonomia em relação ao contexto principal e detêm início, meio e fim, personagens, localidade e temporalidade próprios, apontados pelo pesquisador.

O quarto movimento é a identificação do “conflito dramático”, conflito este que, segundo o autor, além de ser o fator principal de construção do enredo, é um ponto de vista que organiza a realidade que o narrador pretende contar. Sua identificação servirá como uma *escavação* da narrativa, atingindo camadas mais profundas de interpretação. Portanto, recai sobre o plano do conteúdo, mas também abrange parte do plano da metanarrativa.

O quinto movimento, chamado de “personagem”, é centrado no ator principal da trama e compreende as três instâncias simultaneamente. Nesta fase, procuram-se manobras argumentativas do narrador, em prol da construção da imagem dos personagens. Vale ressaltar que, no caso específico deste estudo, as personagens serão analisadas conforme foram construídas nas narrativas das entrevistas. Ou seja, apesar de serem pessoas reais, nossas personagens aparecem sob um ponto de vista e assumem a função de uma figura de papel - uma representação do narrador.

O sexto movimento é referente às “estratégias argumentativas” e acontece ao longo de toda a análise perpassando por todos os planos. O autor afirma que “nenhuma narrativa é ingênua, imparcial; toda narrativa é argumentativa” (MOTTA, 2013, p. 196). Existem dois tipos de efeito: de real e de sentido. Os efeitos de real são os relativos ao factual, e os de sentido são as emoções expressas. Em uma narrativa, esses dois efeitos são produzidos de modo a persuadir o receptor. O propósito desta etapa da análise é identificar o jogo de oposição entre o objetivo e o subjetivo. Portanto, devem ser identificados os elementos linguísticos que criam a veracidade do enredo e a presença de sentidos poéticos que designam estados de espírito.

O sétimo e último movimento chama-se “metanarrativas”, e consiste no fundo ético e moral imposto à narrativa. Concerne principalmente, portanto, ao plano da metanarrativa. É neste momento que a bagagem cultural do narrador entra como contextualização dos acontecimentos e determina a sua superação ou o seu

insucesso dos conflitos dramáticos. Esta etapa se dá a partir da construção de uma curva ascendente e descendente dos episódios (identificados no terceiro movimento) de acordo com o melhoramento ou a degradação destes, a partir do ponto de vista do narrador em como ele concluiu esses episódios e das interpretações feitas pelo pesquisador.

Concomitante aos três planos, esses sete movimentos serão aplicados à análise das entrevistas de Meghan e Diana para chegar ao objetivo deste primeiro momento da pesquisa: compreender em profundidade quais as intenções das entrevistadas ao relatar as dificuldades que enfrentaram com a monarquia.

2.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Depois de concluir a análise crítica da narrativa das entrevistas, faremos, como última etapa deste trabalho, uma **análise dos conteúdos** das notícias de repercussão sobre as entrevistas de Diana e Meghan com base no modelo proposto por Laurence Bardin (1977). Segundo a autora, a análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Ao utilizar este método nesta pesquisa, busca-se explorar e compreender mais do que apenas as mensagens passadas nas notícias a respeito das duas personagens em análise, mas também os significados por trás do conteúdo destas mensagens.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo decorre ao longo de três fases: a fase pré-analítica (delimitação do *corpus*); a fase analítica (exploratória do material); e a fase pós-analítica (tratamento dos resultados). A pré-análise é a fase de organização dos materiais e delimitação do que será estudado, formulando hipóteses que serão comprovadas na última etapa. A fase de exploração é a análise do material propriamente dita, e consiste em procedimentos de leitura do material e decodificação da mensagem por meio de inferências e interpretações. A fase pós-analítica é a fase final com o tratamento dos resultados para cumprir com os

objetivos previstos. Cada fase é dividida em etapas, e nesta monografia nos limitaremos a:

1. **Pré-análise:** *escolha de documentos*, os quais utilizaremos as entrevistas já transcritas e traduzidas; *constituição do corpus*, reunindo as notícias de repercussão das entrevistas; e *formulação das hipóteses e objetivos*, que já foram determinados previamente na introdução desta pesquisa.
2. **Análise:** *leitura flutuante*, com a exploração dos materiais; e *interpretações e inferências* sobre o conteúdo.
3. **Pós-análise:** *tratamento dos resultados* para cumprir com os objetivos.

Na pré-análise, as etapas de “escolha de documentos” e “constituição dos *corpus*” já foram cumpridas no início do trabalho, com as escolhas das entrevistas e das notícias para serem os materiais de estudo. A etapa de “formulação dos objetivos e das hipóteses da pesquisa” também foi cumprida na introdução desta monografia. Nos capítulos 4 e 5, concluímos parte da etapa “leitura flutuante” de metade do material, que foi investigado pelo método de análise crítica da narrativa de Motta (2013). No capítulo 6 completamos a fase analítica, aprofundando o objeto de estudo com a descrição da pesquisa realizada para delimitar nosso *corpus* e, em seguida, interpretando-o. Ao final de cada análise chegamos aos resultados para cumprir com a última fase: a pós-analítica, buscando atingir os objetivos desta monografia e resolvendo a hipótese principal da pesquisa.

3. AS CÔNJUGES: DIANA SPENCER E MEGHAN MARKLE

3.1. QUEM É DIANA SPENCER

Segundo a página de Diana no *site* oficial da Família Real (THE ROYAL FAMILY, s.d.), o primogênito da Rainha Elizabeth II, Príncipe Charles, se casou duas vezes. O seu primeiro casamento foi com Lady Diana Spencer, membro da nobreza britânica, que viria a ser conhecida como Princesa Diana ou Lady Di. Diana Frances Spencer nasceu em 1961 no Condado de Norfolk, Inglaterra, e era a caçula dos quatro filhos de John Spencer, conhecido como Visconde de Althorp, escudeiro do Rei George VI de 1950 a 1952 e da Rainha Elizabeth II de 1952 a 1954.

As famílias já se conheciam há muitos anos porque possuíam propriedades vizinhas na cidade de Sandringham, mas a história de Diana com Charles começa quando ele foi convidado pela família Spencer para passar um final de semana em Althorp praticando esportes de tiro, em novembro de 1977. Eles se conheceram formalmente nesse final de semana, quando Diana tinha apenas 16 anos e Charles, 29. Segundo a biografia de Diana escrita por Andrew Morton (2017), o Príncipe de Gales namorava a irmã mais velha de Diana, Sarah Spencer, mas quando ele conheceu Diana logo se encantou pelo seu jeito brincalhão de ser.

O relacionamento de Charles com Sarah não evoluiu, ao contrário da relação com Diana, que foi acalentado ao longo dos anos depois de diversos encontros. Casaram-se em 1981, e a união perdurou até meados da década de 90. Diana era uma jovem de 20 anos quando entrou para a Família Real, e sua personalidade chamou muito a atenção do público, pois era bonita, desembaraçada e cativante. Não apenas a população britânica foi atraída pela sua pessoa, mas também a mídia.

De acordo com a biografia (MORTON, 2017), além e apesar da adoração pública, muitos conflitos acarretaram danos ao casamento desde o princípio. Logo no início do relacionamento, a atenção da mídia começou a marcar os primeiros indícios de problemas conjugais. Mesmo que realizassem os compromissos reais em conjunto, Diana era o alvo da imprensa e do público, enquanto Charles ficava em segundo plano. Isso provocou ciúmes, possivelmente porque o Príncipe de Gales gostaria de receber a mesma atenção, ou até mais do que Diana (MORTON, 2017).

No entanto, quanto mais atenção a Princesa recebia, mais solitária ela se sentia, pois cada vez mais Charles se afastava (MORTON, 2017). Dia após dia, Diana foi ficando mais e mais isolada, até atingir o ápice que acarretou em problemas de saúde mental. Após o nascimento do primeiro filho, William, em 1982, Diana sofreu com depressão pós-parto. Além da depressão, a Princesa vivia com um transtorno alimentar, a bulimia, que a Família apontou “como a causa do problema, e não um sintoma” (MORTON, 2017, p. 256).

Depois de alguns anos em um casamento insatisfatório, Charles retomou seu relacionamento com uma antiga namorada, Camilla Parker-Bowles, divorciada e mãe de dois filhos do seu antigo casamento (MORTON, 2017). Os dois mantiveram contato como amigos por muitos anos, desde que Charles se casou com Diana, que sempre teria desconfiado da relação. A partir da publicização do caso extraconjugal

de Charles, outras controvérsias passaram a envolver a Família. Foi levantada a possibilidade de um divórcio, trazendo muitos conflitos internos para a monarquia. Prestes a se tornar um Rei, o fato de Charles se divorciar e casar com uma pessoa também divorciada era algo inimaginável para a época. Por seu lado, para Diana, que vinha de um histórico familiar de separação, o divórcio não era uma opção. Por pressão da Família e para o bem dos filhos que estavam vivendo aquele tumulto, a Princesa acabou cedendo e, em 1996, o casal oficializou a desunião (MORTON, 2017).

Em 1997, Diana morreu tragicamente em um acidente de carro e, até hoje, os filhos William e Harry culpam a mídia pela sua morte, tendo em vista que o acidente teria ocorrido em consequência de uma fuga de *paparazzis* (CBS, 2017). A perseguição dos fotógrafos começou quando a Princesa deixava um evento em um hotel de Paris junto com o namorado Dodi Al-Fayed, um milionário egípcio. O motorista Henri Paul, ao tentar despistar os *paparazzis* dirigindo em alta velocidade, perdeu o controle do carro e colidiu com as paredes de um túnel. Apenas o guarda-costas de Diana, Trevor Rees-Jones, sobreviveu. As investigações francesas apontaram que o motorista estaria sob o efeito de álcool e drogas, responsabilizando-o pelo acidente (G1, 2017).

Pouco antes de falecer e da oficialização do divórcio, a Princesa concedeu uma entrevista ao jornalista da *BBC News* Martin Bashir, relatando os principais acontecimentos desde que se casou com Charles. As revelações da Princesa envolvem os casos de traição (que foram confirmados pelos dois), os transtornos psicológicos e os maus-tratos por parte de alguns membros da Família. A polêmica entrevista gerou muita repercussão na mídia, colocando Lady Di sob um enorme holofote, como uma das primeiras a falar abertamente dos problemas internos da monarquia. Alguns anos após a morte de Diana, em 2005, Charles se casou com Camilla, com quem vive até hoje.

3.2. QUEM É MEGHAN MARKLE

O filho mais novo de Charles, o Príncipe Henry Charles Albert David, conhecido mundialmente como Príncipe Harry, teve um casamento que marcou a realeza. Em 2018, aos 33 anos, ele se casou com Rachel Meghan Markle, 36 anos,

atriz e modelo norte-americana birracial³. Meghan nasceu em Los Angeles, Califórnia, no ano de 1981. Seu pai, Thomas Markle, branco, é ex-diretor de fotografia e sua mãe, Doria Ragland, negra, é servidora pública nos Estados Unidos. Ela tem dois irmãos por parte de pai, Samantha e Thomas Jr., e mantém uma relação próxima apenas com a mãe, que se divorciou do pai quando Meghan tinha apenas dois anos de idade. Relatos da imprensa apontam que a relação da Duquesa com seu pai ficou abalada depois que ele publicamente fez críticas à própria filha, e desde seu casamento, o qual ele não compareceu por problemas de saúde, não se falaram (DAILY MAIL, 2020).

Conforme descrito em sua página no *site* oficial da Família Real (THE ROYAL FAMILY, s.d.), Meghan já era conhecida mundialmente pelo seu papel como a personagem Rachel Zane, do seriado *Suits*, que ela interpretou por mais de sete temporadas. Além da biografia de Diana, Andrew Morton (2018) também escreveu uma biografia de Meghan, e nela ele descreve que a atriz sempre esteve envolvida em ações “em prol da igualdade de gênero”. Meghan é divorciada e a união com Harry, segundo Morton (2018, p. 6), “criou uma imagem mais inclusiva e relevante da monarquia em um mundo de constantes transformações”.

O relacionamento com Harry teve início em 2016. Eles se conheceram por meio de amigos em comum, que organizaram um encontro às cegas para o casal enquanto a atriz estava em Londres a trabalho e ele, retornando de uma missão na França. Segundo sua biografia (MORTON, 2018), foi amor à primeira vista. Pouco tempo depois do primeiro encontro começaram a namorar e, desde então, a imprensa acompanhou seus passos. No entanto, o enfoque dado pela mídia ao relacionamento era muito mais relativo à cor da pele de Meghan do que à relação propriamente dita, e por diversas vezes as manchetes não eram positivas: “Em questão de dias, Meghan vivenciou racismo e sexismo em níveis que ela jamais enfrentou na vida”, constatou Morton (2018, p. 210). Com pais divorciados e irmãos distantes, as questões familiares também agravaram as dificuldades que a atriz teve que enfrentar até a chegada do casamento.

O casal namorou por cerca de um ano até o anúncio do noivado. Meghan entrou para a monarquia oficialmente em 2018, e logo se deparou com desafios

³ De acordo com sua biografia (MORTON, 2018), diversas questões envolvem a definição de sua raça. Por ser filha de pai branco e mãe negra, a cor da sua pele é pauta desde criança e, na biografia, o autor usa o termo “birracial”. Portanto, assumimos a mesma nomenclatura.

relativos à Família Real. Segundo alguns registros da imprensa (REVISTA QUEM, 2018), Meghan teria se envolvido em um desentendimento com sua concunhada Kate Middleton, Duquesa de Cambridge, mulher de William, irmão mais velho de Harry. Teria sido o início de uma conturbada relação com a realeza.

Em janeiro de 2020, o casal anunciou que estaria deixando seus postos de membros seniores da Família para cuidar da saúde mental e do próprio bem-estar. Isto desencadeou mais um escândalo crucial para a monarquia (O GLOBO, 2020). No decorrer do ano pandêmico, Meghan e Harry buscaram instalar-se em outro país - o Canadá - com o filho Archie e foram surpreendidos com o corte financeiro da Família. Sem segurança e sem verba, o casal foi atrás de soluções para sobreviver. Como alternativa, os dois fecharam contratos com as plataformas de *streaming* *Spotify* e *Netflix*, enquanto se mantinham com a herança que Diana havia deixado para o neto da Rainha (OBSERVER, 2021).

Quando conseguiu se estabelecer em segurança, o casal, seguindo os passos da mãe e sogra, concedeu uma entrevista a Oprah Winfrey, famosa apresentadora de TV norte-americana. Da mesma forma como ocorreu com a entrevista de Diana, a entrevista de Harry e Meghan chamou muita atenção. A maior polêmica recaí sobre Meghan e a coloca numa escala diferente da de Harry, especialmente pelo fator racial.

Os próximos capítulos estão destinados ao aprofundamento da análise das narrativas das entrevistas de Diana e Meghan. Para fins de comparação e atendendo aos objetivos desta monografia de verificar a repercussão das entrevistas na mídia, nós nos concentraremos na parte da conversação entre Meghan e Oprah.

4. AS ENTREVISTAS

4.1. DIANA SPENCER: UM DESABAFO DE 54 MINUTOS

A entrevista da Princesa de Gales, Diana Spencer, foi ao ar no dia 20 de novembro de 1995 como um episódio da série documental da *BBC One*, *Panorama*, conduzida pelo jornalista e principal apresentador do programa à época, Martin Bashir, e contou com uma audiência de mais de 20 milhões de espectadores, sendo considerado um dos episódios mais assistidos da série (TELEGRAPH, 2016).

O jornalista requisitou a entrevista ao irmão de Diana, Conde Charles Spencer, que aceitou o pedido e o apresentou à Princesa para conversarem. A gravação ocorreu na casa de Lady Di, no Palácio de Kensington, e tem a duração de 54 minutos. A Princesa estava, naquele momento, há três anos separada de Charles.

Na gravação da entrevista Diana aparece sozinha com Bashir e, provavelmente, pelo menos mais duas pessoas da equipe da *BBC* estavam presentes - dois *cameramen* -, tendo em vista que podemos ver dois ângulos diferentes da Princesa e do jornalista. Eles aparecem sentados em poltronas de frente um ao outro, em uma das salas do Palácio de Kensington. Diana usa como vestimenta blusa branca e saia, meia-calça e sobretudo pretos (FIGURA 1), enquanto Bashir está de terno preto (FIGURA 2). Ambos estão aparentemente relaxados e amigáveis, com as pernas cruzadas. Na primeira foto, Diana está com as mãos apoiadas sobre suas pernas; na segunda, Bashir segura o caderno de anotações.

FIGURA 1 - DIANA DURANTE A ENTREVISTA



FONTE: THE NEW YORKER (2021).

FIGURA 2 - BASHIR DURANTE A ENTREVISTA



FONTE: SKY NEWS (2021).

No decorrer da entrevista, Diana relata o que levou ao fim do seu casamento com o Príncipe Charles e como lidou com a mídia e a monarquia. Ela começa descrevendo sua trajetória desde que entrou para a Família Real, revelando os problemas psicológicos que desenvolveu ao longo do tempo e delineando as controvérsias que envolveram seu casamento até o momento em que se encontrava quando realizou a entrevista, como a esposa separada de Charles.

4.2. MEGHAN MARKLE: 85 MINUTOS DE TENSÃO

A entrevista dos Duques de Sussex, Meghan Markle e Príncipe Harry, foi amplamente transmitida ao redor do mundo. A primeira transmissão foi feita nos Estados Unidos, no dia 7 de março de 2021, pela emissora *CBS*, uma das mais importantes do país. No dia seguinte, a entrevista foi ao ar no Reino Unido pelo canal *ITV*, a rede de televisão de sinal aberto mais antiga da região.

Quem realizou a entrevista foi Oprah Winfrey, que convidou o casal pessoalmente para a conversa depois de comparecer ao casamento em 2018. Oprah é conhecida pelo *talk show* chamado *The Oprah Winfrey Show*. O último episódio foi ao ar em 2011; o programa contou com a participação de grandes

personalidades da indústria cultural e política, como Michael Jackson, Madonna, Beyoncé e Barack Obama. A apresentadora é uma magnata da mídia e já recebeu diversos reconhecimentos pelo trabalho, inclusive de maior filantropa negra da história dos Estados Unidos (BIOGRAPHY.COM, 2010).

A entrevista foi produzida pela *Harpo Productions*, produtora fundada e presidida por Oprah, e os direitos de transmissão pertencem à *CBS* (FLINT; VRANICA, 2021). O programa recebeu notoriedade midiática internacional e foi indicado a importantes premiações, entre elas: indicação ao *Emmy Awards* pela categoria “excelente série ou especial de não-ficção hospedada” (EMMYS, 2021) e indicação ao *TCA Awards* pela categoria “realização excelente em notícias e informações” (TV CRITICS, 2021).

O bate-papo de 85 minutos foi gravado na casa de uma amiga de Oprah, não identificada, em Santa Bárbara, Califórnia. Primeiramente, Oprah conversou apenas com Meghan (FIGURA 3) e, mais tarde, Harry se juntou à esposa (FIGURA 4). O casal, no momento da entrevista, já estava afastado dos cargos reais e morando na região. Meghan estava grávida do segundo filho. O sexo do bebê foi revelado como um furo da entrevista.

FIGURA 3 - PLANO GERAL DA ENTREVISTA: MEGHAN E OPRAH



FONTE: THE NEW YORK TIMES (2021).

FIGURA 4 - PLANO MÉDIO DA ENTREVISTA: MEGHAN E HARRY



FONTE: THE NEW YORK TIMES (2021).

A locação escolhida para a gravação foi a varanda da casa, em frente a um grande quintal verde, e todos estavam sentados em poltronas de madeira. Um momento da entrevista, inserido como corte, foi gravado um dia após a entrevista, em outro local: o galinheiro da casa do casal em Santa Bárbara. Meghan, grávida, estava usando um vestido longo preto com detalhes em branco e salto preto e Harry estava de terno cinza claro. Oprah usava uma saia bordô, um suéter rosa e botas. Todos pareciam amigáveis, apesar de Harry e Meghan, principalmente, carregarem um semblante mais entristecido e preocupado.

O casal contou à Oprah os motivos que levaram à sua decisão de deixar seus postos como membros seniores da realeza e de que maneira se deu o processo de saída do Reino Unido. Meghan relatou quais foram os problemas que enfrentou com a nova vida na monarquia, as dificuldades de se relacionar com a instituição e, principalmente, com a imprensa britânica. Em seguida, Harry se juntou à esposa para contar, do seu ponto de vista, como foi o tratamento dado à Duquesa por parte da Família e da mídia, como estava a relação com seus parentes e de que modo o casal se estabeleceu nos Estados Unidos.

4.3. MEDIATIZAÇÃO DE UMA PRINCESA

O enredo da entrevista do jornalista Martin Bashir com a Princesa Diana Spencer foi colocado em ordem cronológica com o objetivo de trazer linearidade aos fatos e coesão entre os acontecimentos. Aqui são delimitados e apresentados os principais eventos descritos por Diana acerca de seu conturbado matrimônio e aparecem destacados os recursos de linguagem utilizados pela Princesa para expressar seus sentimentos, no contexto do diálogo que durou 54 minutos e foi previamente agendado.

A entrevista se inicia com Bashir fazendo uma pergunta a Sua Alteza Real, a Princesa Diana Spencer, sobre como deveria apresentá-la. Em seguida, ele começa as perguntas diretas.

BASHIR: *Sua Alteza Real, o quão preparada a senhora estava para as pressões que vieram ao se casar com a Família Real?*

DIANA: *Aos 19 anos, você sempre pensa que está preparado para tudo, e você acha que tem o conhecimento sobre o que está por vir. Mas apesar de estar assustada com a perspectiva naquela época, eu senti que tinha o apoio do meu futuro marido.*

BASHIR: *Quais eram as expectativas que a senhora tinha para a vida de casada?*

DIANA: *Eu acho que assim como qualquer casamento, especialmente quando você tem pais divorciados como eu, você quer tentar ainda mais fazer funcionar e não quer cair em um padrão que você viu acontecer em sua própria família. Eu quero deixar claro para todas aquelas pessoas que me amaram e me apoiaram durante os últimos 15 anos que eu nunca as decepcionaria. Eu desesperadamente queria fazer funcionar, eu desesperadamente amava meu marido e eu queria compartilhar tudo juntos, e eu pensei que nós éramos um time muito bom. (SPENCER, 1995, p. 1)*

Nesta conversa, é possível observar o quanto Diana queria que o casamento funcionasse ao repetir, em sua segunda resposta, o termo “desesperadamente”; ela não queria se divorciar como seus pais. A Princesa também deixou implícita uma certa estranheza acerca das responsabilidades que assumiria e dos obstáculos que teria que lidar ao entrar na Família com apenas 19 anos, quando disse: “Você acha que tem o conhecimento sobre o que está por vir”. A partir daí a Princesa passou a descrever os principais acontecimentos que sobrevieram, depois de se casar com Charles e com a monarquia.

Cronologicamente, o primeiro grande acontecimento na vida da Princesa de Gales foi a sua entrada na vida pública:

BASHIR: *O quão ciente a senhora estava do significado do que aconteceu com a senhora? Afinal, tornou-se a Princesa de Gales, em última análise com vistas a se tornar Rainha.*

DIANA: *Eu não estava assustada, e eu não estou assustada pelas responsabilidades que esse papel cria. Era um desafio, é um desafio. Quanto a me tornar Rainha, isso, isso nunca esteve à frente na minha mente quando eu me casei com meu marido: estava muito longe desse pensamento. (...) (SPENCER, 1995, p. 1)*

Lady Di revelou que entendia os desafios do cargo que estava assumindo e isso não a assustava, mas ressaltou de imediato:

DIANA: (...) *O aspecto mais assustador era a atenção da mídia, porque meu marido e eu, nos disseram quando noivamos que a mídia ficaria em silêncio e não aconteceu; e então, quando nos casamos, disseram que ficariam em silêncio e não aconteceu; e então começaram a focar muito em mim, e parecia que eu estava na capa de um jornal todo santo dia, o que é uma experiência muito solitária, e quanto mais alto a mídia te coloca, te posiciona, maior é a queda. E eu estava muito ciente disso. (SPENCER, 1995, p. 1)*

O que mais a surpreendia era a atenção que estava recebendo da mídia. Ela enfatizou esse aspecto ao repetir a frase “disseram que a mídia ficaria em silêncio e não aconteceu”. Ao mesmo tempo, chama a atenção o verbo, usado no plural (“disseram”), sem especificar quem disse e dando a entender que havia outros sujeitos na estória. Logo em seguida Diana demonstrou o quanto estava incomodada: “... parecia que eu estava na capa de um jornal todo santo dia”, dando destaque à solidão da sua experiência. Ela finalizou a resposta com uma metáfora muito pessoal: “quanto mais alto a mídia te coloca, maior é a queda”, que começa a indicar os problemas que se sucederam ao receber demasiada atenção dos meios.

Logo em seguida, Bashir a questionou sobre suas percepções em ser a mulher mais famosa do mundo:

BASHIR: *Como a senhora lidou com a transição em ser Lady Diana Spencer para a mais fotografada, a mais falada, mulher do mundo?*

DIANA: *Bem, levou um bom tempo para entender por que as pessoas estavam tão interessadas em mim, mas eu entendi que era porque meu marido havia feito muitos trabalhos maravilhosos com a chegada do nosso casamento e do nosso*

relacionamento. Mas então eu, ao longo dos anos, você vê a si mesmo como um bom produto que fica numa prateleira e vende bem, e as pessoas fazem muito dinheiro por sua causa. (SPENCER, 1995, p. 1)

Diana achava ingenuamente, no início, que a atenção viera devido aos trabalhos do marido. No entanto, ela logo apontou a objetificação que fizeram da sua pessoa ao se comparar com “um bom produto que fica numa prateleira e vende bem, e as pessoas fazem muito dinheiro por sua causa”. Pode-se concluir desta sentença que ela estava denunciando os abusos midiáticos que sofria.

Diante dessa situação, os problemas matrimoniais começaram a surgir. Embora estivessem cientes da posição em que se encontravam e o motivo de estarem rodeados de jornalistas e fotógrafos a todo instante, o casal não contava com o respaldo da Família Real.

BASHIR: *Nesta fase inicial, a senhora diria que vocês eram um casal feliz?*

DIANA: *Muito. Mas, a pressão em nós dois como casal com a mídia era fenomenal, e mal compreendida por muitas pessoas. Estávamos dando uma volta na Austrália, por exemplo, e tudo o que você podia ouvir era: “Oh, ela está do outro lado”. Agora, se você é um homem, como meu marido um homem orgulhoso, você se importa com isso, se você escuta todo dia durante quatro semanas. E você se sente mal, ao invés de se sentir feliz e dividir isso.* (SPENCER, 1995, p. 2)

O entrevistador percebeu o que Diana queria dizer:

BASHIR: *Então eles estavam expressando uma preferência pela senhora em vez de seu marido?*

DIANA: *Sim - o que me fez me sentir muito desconfortável, e eu achei que era injusto, porque eu queria compartilhar.*

BASHIR: *Mas a senhora ficou lisonjeada pela atenção da mídia particularmente?*

DIANA: *Não, não particularmente, porque com a atenção da mídia veio muitos ciúmes, uma grande quantidade de situações complicadas devido a isso.* (SPENCER, 1995, p. 2)

Assim, a Princesa de Gales deixou clara qual era a preferência do público. Isso acarretou nos ciúmes de Charles, já que era um “homem orgulhoso”, e assim vieram outros problemas mais adiante:

BASHIR: *De acordo com os registros da imprensa nacional, foi por volta dessa época [1982, um ano após terem se casado] que a senhora começou a experienciar*

dificuldades no seu casamento, no seu relacionamento com o Príncipe de Gales. Isso é verdade?

DIANA: *Bem, nós éramos um casal recém-casado, então obviamente que tivemos essas pressões [em ser um casal da realeza] também, e nós tínhamos a mídia, que era completamente fascinada por tudo o que fazíamos. E foi difícil compartilhar esse fardo, porque eu era a que sempre era lançada na frente, fossem minhas roupas, o que eu dizia, como meu cabelo estava, tudo - o que era um assunto bem chato, na verdade, e foi exaustivo ao longo dos anos - quando na verdade tudo o que queríamos ser, o que queríamos que fosse apoiado era nosso trabalho, e como um time. (SPENCER, 1995, p. 7)*

Ela chamou de “fardo” a tarefa, agravada ainda pela atenção que recebia da mídia. Por ser sempre “lançada na frente”, era quem estava mais vulnerável. A preferência dos meios de comunicação pela figura da Princesa teria provocado o aborrecimento de Charles, que demonstrou seus sentimentos por meio de uma atitude esquiva, afastando-se e isolando-a. Isso pode ser observado no seguinte diálogo:

BASHIR: *Que efeito teve o interesse da imprensa sobre a senhora em seu casamento?*

DIANA: *Tornou isso bem difícil, porque (...) basicamente nós éramos um casal fazendo o mesmo trabalho, o que é muito difícil para qualquer um, e mais ainda se você tem toda a atenção para você. Nós sofremos um pouco com isso, foi bem difícil; e então meu marido decidiu que faríamos compromissos separados, o que foi um pouco triste para mim, porque eu gostava da companhia. Mas, de novo, eu não tive escolha.*

BASHIR: *Então não foi a seu pedido que a senhora fez isso sozinha?*

DIANA: *De jeito nenhum, não. (SPENCER, 1995, p. 7)*

A resposta de Diana, reiterando a negativa, demonstrou a insatisfação dela em ser o centro das atenções e o susto quanto ao comportamento de Charles. Ele decidiu que fariam os compromissos separadamente, e essa foi uma decisão apenas dele, quando ela constatou: “Eu não tive escolha”, exprimindo vontade em continuar realizando os compromissos em conjunto e tentando manter o bem-estar do casamento.

Enquanto Diana estava vivenciando as dificuldades de ser a mulher mais fotografada do mundo e enfrentando problemas conjugais com Charles, ela também experimentava alguns contratempos com a Família Real. Logo no início da sua vida

na monarquia, ela estava tentando encontrar qual seria seu papel da Princesa de Gales e esperava, como contrapartida, ter o suporte necessário:

BASHIR: *Foi sugerido em alguns jornais que a senhora foi deixada em grande parte para lidar com seu novo status por conta própria. A senhora sente que essa foi sua experiência?*

DIANA: *Sim, eu sinto, em reflexão. Então aqui estava uma situação que não havia acontecido antes na história, no sentido de que a mídia estava em todo lugar, e aqui havia uma história de conto de fadas que todo mundo queria que funcionasse. E assim foi, foi solitário, mas também era uma situação em que você não podia sentir pena de si mesmo: você deveria ou afundar ou nadar. E você tinha que aprender isso muito rápido.*

BASHIR: *E o que a senhora fez?*

DIANA: *Eu nadei. Nós fomos a Alice Springs, na Austrália, e fomos dar uma volta, e eu disse para o meu marido: “O que eu faço agora?” E ele: “Vá até o outro lado e fale com eles [o público].” Eu disse: “Eu não consigo, eu simplesmente não consigo.” Ele disse: “Bem, você tem que fazer isso.” E ele foi embora e fez sua parte, e eu fui embora e fiz minha parte. Isso praticamente acabou comigo algumas vezes, e de repente eu percebi (...), eu tinha que me virar por conta própria. Nós fizemos uma turnê de seis semanas - quatro semanas na Austrália e duas semanas na Nova Zelândia - e no final, quando voltamos da Nova Zelândia, eu era uma pessoa diferente. Eu percebi o senso de dever, o nível de intensidade de interesse, e o papel demandante que agora eu me encontrava. (SPENCER, 1995, p. 1-2)*

Na primeira resposta, Diana começou a revelar a solidão do processo. Primeiro, comentou a presença ostensiva da mídia, que nunca tinha acontecido antes na história. Em segundo lugar, a Princesa constatou a pressão que sofria para manter um casamento feliz, quando observou acertadamente: “Aqui havia uma história de conto de fadas que todo mundo queria que funcionasse”. Ela utilizou uma outra figura de linguagem para exemplificar como ela deveria lidar com o fato: “afundar ou nadar”. Mais tarde, ela comprovou esse desamparo ao narrar a turnê de seis semanas na Oceania e a conversa com Charles, que lhe deu uma ordem e a deixou sozinha. Apesar da falta de apoio do marido, ela “nadou”, ou seja, cumpriu com o objetivo de encontrar um papel, pois descobriu, ao final da turnê, qual era seu dever, enfatizando que “era uma pessoa diferente”.

Esse processo de autoconhecimento tem sequência em outro momento da entrevista:

BASHIR: *Nesta fase inicial do seu casamento, que papel a senhora via para si mesma como Princesa de Gales? A senhora tinha alguma ideia do papel que gostaria de desempenhar?*

DIANA: *Não, eu estava muito confusa sobre a qual área eu deveria ir. Então eu me encontrei me envolvendo mais e mais com pessoas que eram rejeitadas pela sociedade (...) e eu encontrei uma afinidade ali. E eu respeitava muito a honestidade que eu encontrei naquele nível com as pessoas que conheci, (...) quando as pessoas estão morrendo, elas são muito mais abertas e mais vulneráveis, e muito mais reais do que outras pessoas. E eu gostava disso.*

BASHIR: *O Palácio deu alguma ideia do papel que a senhora teria como Princesa de Gales?*

DIANA: *Não, ninguém sentou comigo com um pedaço de papel e disse: “Isso é o que é esperado de você.” Mas de novo, eu sou sortuda o suficiente por ter encontrado meu papel, e eu sou muito consciente disso, e eu amo estar com pessoas.*

BASHIR: *Então a senhora realmente criou o papel que desempenharia de verdade? Foi isso o que a senhora fez?*

DIANA: *Acho que sim. Eu lembro quando eu sentava nas camas de hospitais e segurava as mãos das pessoas, as pessoas ficavam um pouco chocadas porque elas diziam que nunca haviam visto isso antes, e para mim era uma coisa um tanto quanto normal de se fazer. E quando eu vi a segurança que uma ação como aquela dava, eu fiz em todo lugar, e sempre farei. (SPENCER, 1995, p. 2-3)*

Nesse trecho, Diana revelou que não lhe ofereceram orientações sobre os deveres e os papéis que ela deveria cumprir e contou que estava “muito confusa”. Ela esperava receber alguma diretriz, algo que foi explicitado quando ela disse que “ninguém sentou comigo com um pedaço de papel”. Isso fez com que ela descobrisse, por conta própria, quais seriam suas atribuições. No entanto, ela demonstrou a sua felicidade e a facilidade em ter se encontrado, ao frisar ser “sortuda o suficiente por ter encontrado meu papel”. Era um trabalho gratificante, que ela reforçou ao dizer que “ama estar com pessoas” e que “era uma coisa um tanto quanto normal de se fazer”.

Com as atitudes de Charles, somadas à atenção da mídia e às dificuldades em exercer funções sem o apoio das pessoas à sua volta, a saúde mental de Diana começou a decair. Esse momento marca o segundo grande acontecimento em sua trajetória e começa quando ela contou sobre a sua primeira gravidez:

BASHIR: *Como o restante da Família Real reagiu quando eles souberam que a sua criança seria um menino?*

DIANA: Bem, todo mundo ficou muito entusiasmado. Foi uma gravidez um tanto difícil - eu não estive muito bem ao longo dela - então assim que William nasceu foi um grande alívio porque tudo estava em paz novamente, e eu estava bem por um tempo. Então eu fiquei mal de novo com a depressão pós-parto, a qual ninguém discute (...), você tem que ler sobre isso depois, e isso por si só foi um tempo um tanto difícil. Você acorda de manhã sentindo que não queria sair da cama, você se sente incompreendida, e apenas muito, muito baixa em si mesma. (SPENCER, 1995, p. 3)

A narrativa tem continuidade com Lady Di declarando o que levou à sua depressão:

BASHIR: Isso [ter depressão] foi completamente fora do personagem para a senhora?

DIANA: Sim, muito. Eu nunca tinha tido uma depressão na minha vida. Então quando eu analisei isso, pude ver que as mudanças que eu fiz no último ano [desde que se casou com Charles] me esgotaram, e meu corpo dizia: “Nós queremos um descanso.” (SPENCER, 1995, p. 3-4)

O “último ano” citado por Diana foi o ano em que ela se casou com Charles. Bashir perguntou se o reconhecimento dos problemas mentais estava “fora do seu personagem”, ou seja, teria sido algo atípico, não esperado na realeza britânica. No final da resposta ela exemplificou o cansaço das situações com as quais teve que lidar ao longo deste ano, dizendo que seu corpo “queria um descanso”. Ela gostaria de ter sido ajudada, como se viu no seguinte diálogo:

BASHIR: Então que tratamentos a senhora fez, na verdade?

DIANA: Eu fiz vários tratamentos, mas sabia por mim mesma que na verdade o que eu precisava era de espaço e tempo para me adaptar a todos os diferentes papéis que entraram no meu caminho. Sabia que poderia fazer isso, mas precisava que as pessoas fossem pacientes e me dessem espaço.

BASHIR: Quando a senhora diz “todos os diferentes papéis que entraram no seu caminho”, o que quer dizer?

DIANA: Bem, isso foi em um curto espaço de tempo: em um espaço de um ano minha vida inteira havia mudado, virado de cabeça para baixo, e houve momentos maravilhosos, como também desafiadores. E eu pude ver onde as beiradas grossas precisavam ser suavizadas. (SPENCER, 1995, p. 4)

Diana expôs quais eram suas necessidades: o que ela precisava era de “espaço e tempo” para se adequar. Sua vida havia “virado de cabeça para baixo” e,

em uma autoanálise, ela percebeu “onde as beiradas grossas precisavam ser suavizadas”. Infere-se dessa analogia que a Princesa passou por dificuldades que poderiam ter sido encaradas de outra maneira, possivelmente de uma maneira mais fácil se tivesse sido guiada, se aquilo que lhe cobravam de forma grosseira pudesse ter sido passado de outra maneira, com um caráter de ajuda.

A depressão de Diana aparentemente não foi bem recebida pela Família, como ela apontou na seguinte resposta:

BASHIR: *Qual foi a reação da família à sua depressão pós-parto?*

DIANA: *Bem, talvez eu tenha sido a primeira pessoa na família que tenha tido uma depressão ou era abertamente chorosa. E obviamente isso é assustador, porque se você nunca viu isso antes como você dá suporte?*

BASHIR: *Que efeito a depressão teve em seu casamento?*

DIANA: *Bem, isso deu a todos um maravilhoso novo rótulo - Diana é instável e Diana é mentalmente desbalanceada. E infelizmente parece que isso ficou preso ao longo dos anos.*

BASHIR: *A senhora está dizendo que aquele rótulo ficou preso ao seu casamento?*

DIANA: *Eu acho que as pessoas usaram isso e ficou preso, sim. (SPENCER, 1995, p. 4)*

Aqui ela comentou os problemas afirmando que foi a primeira pessoa “abertamente” depressiva neste ambiente e complementou ressaltando: “... se você nunca viu isso antes como você dá suporte?”. Deu a entender que, como os membros da Família Real nunca tinham experimentado algo parecido, não souberam como apoiá-la. A Princesa destacou essa falta de apoio nas respostas seguintes, quando destacou ironicamente que todos lhe deram o “maravilhoso rótulo” de “instável” e “mentalmente desbalanceada”. Quando Diana afirmou que os rótulos ficaram presos à sua imagem ao longo dos anos, pode ser que ela estava tentando dizer que as pessoas não conseguiam ver por trás do problema e apenas assumiam que a depressão era o verdadeiro problema. Isso pode ser constatado quando ela disse que “as pessoas usaram isso”.

Com o agravamento dessa situação, problemas maiores surgiram:

BASHIR: De acordo com os registros da imprensa, foi sugerido que foi por volta dessa época [1982] as coisas começaram a ficar tão difíceis que a senhora na verdade tentou se machucar.

DIANA: Mmm. Quando ninguém te escuta, ou você sente que ninguém está te escutando, todo o tipo de coisa começa a acontecer. Por exemplo, você tem tanta dor dentro de você mesmo que você tenta e machuca a si mesmo por fora porque você quer ajuda, mas é a ajuda errada que você está pedindo. As pessoas veem isso como um alarme sem razão ou busca por atenção, e elas pensam que porque você está na mídia o tempo todo você recebe atenção o suficiente, aspas. Mas eu estava na verdade chorando porque eu queria ficar bem para poder seguir em frente e continuar com meu dever e meu papel como esposa, mãe, Princesa de Gales. Então sim, eu me machuquei. Eu não gostava de mim mesma, estava envergonhada porque não consegui lidar com a pressão.

BASHIR: O que a senhora realmente fez?

DIANA: Bem, eu apenas machuquei meus braços e minhas pernas (...). (SPENCER, 1995, p. 4-5)

Nesse momento, ela tentou justificar os motivos para a automutilação, explicando que estava com vergonha por não estar conseguindo lidar com suas diferentes funções e que sofria de baixa autoestima. Diana sentia que ninguém a escutava, e isso se acumulou em seu interior ao ponto dela externalizar machucando braços e pernas. No entanto, em sua resposta ela indicou que alguns alegaram ser tudo uma “busca por atenção” e apontavam (como uma coordenação) que ela já recebia atenção suficiente “por estar na mídia o tempo todo”. A Princesa tentou mostrar que estava solitária, independente de receber atenção da mídia, algo que, na verdade, piorava ainda mais sua situação. Não era apenas a Família que não compreendia sua crise, mas também o marido, como ela descreveu:

BASHIR: Qual foi a reação do seu marido a isso, quando a senhora começou a se machucar desse jeito?

DIANA: Bem, na verdade eu não fazia isso na frente dele. Mas obviamente qualquer um que ama alguém ficaria bem preocupado sobre isso.

BASHIR: Ele entendia o que estava por trás do ato físico de se machucar, a senhora acha?

DIANA: Não, mas então nem muitas pessoas teriam tirado um tempo para ver isso. (SPENCER, 1995, p. 5)

Bashir perguntou se Charles entendia o que estava por trás da iniciativa de alguém se autoagredir, e Diana negou, pois, como disse, a poucas pessoas importava esse tipo de problema: [eles] “não teriam tirado um tempo para ver isso”. Porém, junto com a sua primeira resposta, demonstrava algum ressentimento quanto ao comportamento do marido: “... qualquer um que ama alguém ficaria bem preocupado”. Apesar de estar enfrentando grandes dificuldades, a Princesa de Gales não deixou de cumprir com seus deveres:

BASHIR: *A senhora foi capaz de admitir que estava de fato mal, ou a senhora se sentiu compelida a simplesmente continuar atuando como a Princesa de Gales?*

DIANA: *Eu me senti compelida a atuar. Bem, quando eu digo atuar, eu estava compelida a sair e realizar meus compromissos e não magoar as pessoas e dar suporte a elas e amá-las. E de certa maneira ao estar em público eles me deram suporte, apesar de não estarem cientes do quanto estavam me curando, e isso me carregou.*

BASHIR: *Mas a senhora sentiu que teve que manter a imagem pública de uma bem-sucedida Princesa de Gales?*

DIANA: *Sim, eu senti, sim, eu senti. (SPENCER, 1995, p. 5)*

Quando o jornalista lhe perguntou se ela se sentia compelida a continuar “atuando” como Princesa de Gales, Diana afirmou que não era atuação, ela apenas continuou exercendo seus compromissos e isso lhe ofereceu suporte indiretamente através do apoio do público. Apesar disso, ela não foi capaz de admitir que estava mal e confessou que fazia o trabalho para manter a imagem de “uma bem-sucedida Princesa de Gales”, mostrando que ela estava tentando provar seu valor.

Na sequência desse momento depressivo, um outro complicador entrou em seu caminho:

BASHIR: *A depressão foi resolvida, como a senhora diz, mas em seguida foi reportado que a senhora sofria de bulimia. Isso é verdade?*

DIANA: *Sim, eu sofria. Eu tive bulimia por muitos anos. E essa é como uma doença secreta. Você se machuca porque sua autoestima está muito baixa, e você não pensa que é digno ou valioso. Você preenche seu estômago de quatro a cinco vezes ao dia - alguns fazem mais - e isso dá uma sensação de conforto. É como ter um par de braços à sua volta, mas é temporário. Então você sente nojo do inchaço no seu estômago, e então você traz tudo de volta. E é um padrão repetitivo o qual é muito destrutivo para si mesmo. (SPENCER, 1995, p. 5)*

Diana caracterizou a bulimia como “uma doença secreta”, porque as pessoas não percebem que o outro está doente, algo que na época era muito apropriado para Diana, dadas as circunstâncias da atenção da mídia e os problemas com a Família. A Princesa aludiu a bulimia como “um par de braços à sua volta”, refletindo uma necessidade profunda de zelo que não se fazia presente naquele momento. Mais uma vez, Diana confessou que não lhe ofereceram ajuda:

BASHIR: *Com que frequência a senhora faria isso diariamente?*

DIANA: *Depende da pressão. Se (...) eu estive pelo país durante o dia inteiro, eu chegaria em casa me sentindo bem vazia, porque meus compromissos àquela época seriam com pessoas morrendo, pessoas muito doentes, problemas matrimoniais das pessoas, e eu chegaria em casa e seria muito difícil saber como me confortar depois de ter confortado muitas outras pessoas, então seria um padrão regular pular para dentro da geladeira. Era um sintoma do que estava acontecendo no meu casamento. Eu estava implorando por ajuda, mas dando os sinais errados, e as pessoas estavam usando a bulimia como um “casaco no cabideiro”: eles decidiram que esse era o problema - Diana era instável.*

BASHIR: *Ao invés de olhar por trás do sintoma da causa.*

DIANA: *Uh, uh.*

BASHIR: *Qual era a causa?*

DIANA: *A causa era a situação em que meu marido e eu tínhamos que manter, tudo nos conformes, porque nós não queríamos desapontar o público, ainda que, obviamente, muita ansiedade acontecia entre nossas quatro paredes.*

BASHIR: *A senhora quer dizer entre vocês dois?*

DIANA: *Uh, uh. (SPENCER, 1995, p. 5-6)*

A Princesa começou sua explicação contando o que levaria à bulimia e denunciou que os outros não conseguiam admitir qual era o verdadeiro problema. Ela completou o raciocínio dizendo que “era um sintoma do que estava acontecendo no meu casamento”. Ou seja, entendeu que o verdadeiro problema eram as condições conjugais. Isso ficou explícito quando ela afirmou que o casal real precisava manter “tudo nos conformes”. Logo em seguida, explicou o que a bulimia significava: era fuga da realidade que estava vivendo.

BASHIR: *E então a senhora se sujeitou a essa fase de se machucar e vomitar?*

DIANA: *Você pode dizer a palavra sujeitar, mas era meu mecanismo de escape, e isso funcionou, para mim, naquela época. (SPENCER, 1995, p. 6)*

Por mais que Lady Di estivesse desesperada por ajuda, ela não conseguiu conversar diretamente com um membro da Família:

BASHIR: *A senhora buscou ajuda de algum outro membro da Família Real?*

DIANA: *Não. (...) Quando você tem bulimia você fica muito envergonhado de si mesmo e você se odeia, então - e as pessoas pensam que você está desperdiçando comida - então você não discute isso com as pessoas. E a coisa sobre bulimia é que seu peso sempre mantém o mesmo, enquanto a anorexia você visivelmente encolhe. Então você pode fingir durante todo o caminho. Não há provas.*

BASHIR: *Quando a senhora diz que as pessoas pensariam que estava desperdiçando comida, alguém sugeriu isso para a senhora?*

DIANA: *Oh sim, várias vezes.*

BASHIR: *O que foi dito?*

DIANA: *Bem, era apenas, “Eu imagino que você vai desperdiçar essa comida mais tarde?” E isso era uma pressão por si só. E claro que eu iria, porque aquilo era minha válvula de escape. (SPENCER, 1995, p. 6)*

No trecho acima, Diana expôs os motivos de não conseguir buscar ajuda. Primeiro, ela tinha vergonha da doença. Segundo, havia alegações de que ela estivesse “desperdiçando comida”, algo que a desencorajava para falar a respeito. Bashir tentou enfatizar essa menção, e a Princesa admitiu que diversas vezes lhe sugeriram que iria “desperdiçar a comida mais tarde”, tornando-se mais uma pressão no seu dia a dia. Ao mesmo tempo, aqueles que a rodeavam consideravam a doença como “um casaco no cabideiro”, um problema a mais derivado da “instabilidade” da Princesa. A bulimia culminou em outro grande acontecimento na vida de Diana: a traição de Charles. Ainda no auge da doença, Charles retomou o relacionamento com a ex-namorada, Camilla Parker-Bowles, com quem, na época, ele não podia se casar porque ela tinha um matrimônio com Arthur Parker-Bowles.

No contexto da narrativa, esse acontecimento é abordado por Bashir:

BASHIR: *A biografia do Príncipe de Gales escrita por Jonathan Dimbleby, que, a senhora sabe, foi publicada ano passado [1994], sugeria que a senhora e seu marido tinham perspectivas muito diferentes, interesses muito diferentes. A senhora concordaria com isso?*

DIANA: Não. Eu acho que nós tínhamos muitos interesses (...). Mas eu era retratada pela mídia naquela época (...) como alguém (...) estúpida. E eu cometi o grande erro de dizer uma vez a uma criança que eu era grossa como uma tábua, para aliviar o nervosismo da criança, o que aconteceu. Mas a manchete rodou o mundo inteiro, e eu prefiro me arrepender de ter dito isso. (SPENCER, 1995, p. 7)

O jornalista perguntou sobre seus interesses, porque a mídia dizia que o casal tinha perspectivas muito diferentes. Diana discordou dessa constatação e afirmou que eles compartilhavam muitos interesses parecidos. Porém, ela delatou que a mídia a retratava como uma pessoa “estúpida”, sem estudos. Além disso, mais à frente, a Princesa mencionou sobre não ter “recebido créditos para crescimento”:

BASHIR: O Príncipe de Gales, em sua biografia, é descrito como um grande pensador, um homem com uma tremenda variedade de interesses. O que ele pensava sobre os seus interesses?

DIANA: Bem, eu não acho que eu tinha permissão para ter algum. Eu acho que sempre fui a garota de 18 anos com quem ele noivou, então eu não acho que me deram o crédito para crescimento. E, meu Deus, eu tive que crescer.

BASHIR: Explique o que a senhora quer dizer quando diz isso (...), que nunca recebeu nenhum crédito, o que a senhora quer dizer?

DIANA: Bem, qualquer coisa boa que eu fazia ninguém dizia algo, nunca disseram, “muito bem”, ou “isso foi OK?” Mas se eu tropeçava, o que invariavelmente acontecia, porque eu era nova no jogo, uma tonelada de tijolos caía sobre mim.

BASHIR: Como a senhora lidou com isso?

DIANA: Bem, obviamente havia muitas lágrimas, e poderia mergulhar na bulimia, na fuga. (SPENCER, 1995, p. 7-8)

O discurso de Diana atestava que ela não passou pelo processo inconscientemente. Enquanto Charles era visto como “um grande pensador”, Diana registrava que a viam como “estúpida” e reclamou dizendo que não lhe permitiam ter interesses: “Não me deram o crédito para crescimento”. Ela afirmou que, diante das coisas boas que fazia, que ninguém elogiava, mas quando “tropeçava”, quando fazia algo errado, “uma tonelada de tijolos caía” sobre sua cabeça. Ela lidou com a situação “mergulhando na bulimia”, como um mecanismo de fuga. O jornalista sugeriu que, pela fala de Diana, eles não estavam muito bem desde o começo. Diana afirmou que, apesar dos esforços de tentar “encobrir as pressões únicas”

sobre eles, “não era para ser”. Em outras palavras, não haveria como continuarem juntos:

BASHIR: *Algumas pessoas achariam isso difícil de acreditar, que a senhora tinha muita coisa para lidar sozinha, e a descrição que a senhora deu sugere que seu relacionamento com seu marido não era muito bom mesmo no começo.*

DIANA: *Bem, nós tivemos pressões únicas colocadas sobre nós, e nós dois tentamos nosso melhor para encobri-las, mas obviamente não era para ser. (SPENCER, 1995, p. 8)*

Foi a partir desse momento que Camilla entrou na história:

BASHIR: *Por volta de 1986, de novo de acordo com a biografia escrita por Jonathan Dimpleby sobre seu marido, ele diz que seu marido renovou seu relacionamento com a senhora Camilla Parker-Bowles. A senhora estava ciente disso?*

DIANA: *Sim, eu estava, mas eu não estava em posição para fazer algo a respeito disso.*

BASHIR: *Que evidência a senhora teve de que o relacionamento continuava, mesmo os senhores estando casados?*

DIANA: *Ah, o instinto de uma mulher é muito bom. (SPENCER, 1995, p. 8)*

Diana demonstrou estar a par do *affair* Charles-Camilla, entretanto, reconheceu que “não estava em posição para fazer algo”, deixando implícito que ela não poderia interferir para não sofrer consequências ou para não agravar ainda mais seu próprio estado de saúde, como veremos. Quando o jornalista perguntou sobre as evidências desta relação, Diana afirmou que “o instinto de uma mulher é muito bom”. A forma como tudo aconteceu ficou mais clara adiante:

BASHIR: *Que efeito isso teve na senhora?*

DIANA: *Bem devastador. Bulimia desenfreada, se você pode ter bulimia desenfreada, e apenas um sentimento de não ser boa em nada, ser inútil, sem esperança e fracassada em todas as direções.*

BASHIR: *E com um marido que estava tendo um relacionamento com outra pessoa?*

DIANA: *Com um marido que amava outra pessoa, sim.*

BASHIR: *A senhora realmente achava isso?*

DIANA: *Uh, uh. Eu não achava, eu sabia disso.*

BASHIR: *Como a senhora sabia?*

DIANA: *Pelas mudanças de padrão de comportamento no meu marido; por todas as razões que o instinto de uma mulher produz; você simplesmente sabe. Já era difícil, mas se tornou cada vez mais difícil. (SPENCER, 1995, p. 8-9)*

Bashir continua a questioná-la sobre as dificuldades que estava enfrentando:

BASHIR: *No sentido prático, como isso se tornou difícil?*

DIANA: *Bem, as pessoas estavam - quando eu digo pessoas eu quero dizer amigos, do lado do meu marido - estavam indicando que eu era novamente instável, doente, e deveria ser colocada em algum tipo de casa para melhorar. Eu era quase uma vergonha.*

BASHIR: *A senhora acha que ele realmente pensou isso?*

DIANA: *Bem, não há maneira melhor de desmantelar uma personalidade do que isolá-la.*

BASHIR: *Então a senhora estava isolada?*

DIANA: *Uh, uh, bastante. (SPENCER, 1995, p. 9)*

Aqui, Diana acusou os amigos “do lado do marido” de a estarem rotulando de “instável” e “doente”. Ela expressou seu descontentamento quando disse que era “quase uma vergonha”. Como justificativa, Diana confirmou que estavam tentando “desmantelar uma personalidade”, isto é, segundo a Princesa, estavam tentando criar uma nova imagem dela no imaginário do público para prejudicá-la. Lady Di sinalizou que a traição foi o colapso do relacionamento:

BASHIR: *A senhora acha que a senhora Parker-Bowles foi um fator para o colapso do seu casamento?*

DIANA: *Bem, havia três de nós nesse casamento, então estava um pouco lotado. (SPENCER, 1995, p. 9)*

Com uma frase irônica - “havia três de nós nesse casamento” -, a entrevistada deixou claro que não haveria como continuar o relacionamento dessa maneira, explicitado pela conclusão de que “estava um pouco lotado”. Para tentar melhorar sua situação, Diana buscou outras fontes de ajuda:

BASHIR: A Rainha descreveu 1992 como seu “*annus horribilis*”, e foi nesse ano que o livro de Andrew Morton sobre a senhora foi publicado. A senhora conheceu Andrew Morton ou o ajudou pessoalmente com o livro?

DIANA: *Eu nunca conheci ele, não.*

BASHIR: A senhora o ajudou pessoalmente a escrever seu livro?

DIANA: *Muitas pessoas viram a angústia em que minha vida estava, e eles sentiram que era algo de apoio ajudar da maneira que fizeram.*

BASHIR: A senhora autorizou seus amigos, amigos próximos, a falar com Morton?

DIANA: *Sim, permiti. Sim, permiti.*

BASHIR: *Por quê?*

DIANA: *Eu estava no fim das minhas forças. Estava desesperada. Eu acho que estava tão farta de ser vista como alguém que era um caso perdido, porque sou uma pessoa muito forte e eu sei que isso causa complicações no sistema em que eu vivo.*

BASHIR: *Como um livro mudaria isso?*

DIANA: *Não sei. Talvez as pessoas compreendam melhor [a situação], talvez tenham várias mulheres por aí que sofressem do mesmo nível mas em um ambiente diferente, que fossem incapazes de se defender porque sua autoestima estivesse partida em dois. Eu não sei. (SPENCER, 1995, p. 10)*

O lançamento da sua biografia escrita por Andrew Morton “*Diana: Her True Story*”, em 1992, provocou grandes conflitos entre a Princesa e a Família Real. Embora Lady Di afirme que não colaborou para a construção da biografia, ela permitiu a contribuição de colegas e familiares que, segundo ela, estavam vendo a “angústia” em sua vida, procurando ajudar quem estivesse na mesma situação que a sua e declarar publicamente qual era sua verdade. Esse fato fica evidente quando ela se disse “no fim das minhas forças” e que estava “farta de ser vista como ... um caso perdido”. Ela deixou claro que reconhecia seu poder e reconhecia que não vivia em um sistema que aceitasse esse tipo de atitude, como ao observar: “eu sou uma pessoa muito forte e sei que isso causa complicações no sistema em que eu vivo”.

Os efeitos do livro logo começaram a aparecer:

BASHIR: *Que efeito teve o livro de Andrew Morton no seu relacionamento com o Príncipe de Gales?*

DIANA: *Bem, o que estava escondido - ou melhor, o que achávamos que estava escondido - veio à tona e foi falado diariamente, e a pressão era para que*

resolvêssemos de certa forma. Nós iríamos ficar juntos ou iríamos nos separar? E as palavras “separação” e “divórcio” apareciam na mídia diariamente.

BASHIR: *O que aconteceu depois que o livro foi publicado?*

DIANA: *Bem, nós lutamos. Fizemos nossos compromissos juntos. E a nossa vida privada estava obviamente turbulenta.*

BASHIR: *As coisas vieram à tona?*

DIANA: *Sim, devagar, sim. Meu marido e eu, nós discutimos isso bem tranquilamente. Nós podíamos ver o que o público estava querendo. Eles queriam clareza de uma situação que estava obviamente se tornando intolerável. (SPENCER, 1995, p. 11)*

Além de relatar que havia coisas escondidas que emergiram, Diana contou que o casal estava sendo pressionado para tomar uma decisão: separar ou não. Ainda que continuassem realizando seus compromissos em conjunto, eles discutiram no modo privado como resolver a situação que Diana chamou de “intolerável”: eles não suportavam mais o que estava acontecendo em seu casamento. Então, uma decisão foi tomada:

BASHIR: *Então o que aconteceu?*

DIANA: *Então nós reunimos os advogados, discutimos separação - obviamente havia muitas pessoas com quem discutir: o Primeiro Ministro, Sua Majestade - e então a coisa mudou, por assim dizer.*

BASHIR: *Em dezembro daquele ano [1992], como a senhora diz, os senhores concordaram com uma separação legal. Quais eram seus sentimentos na época?*

DIANA: *Profunda, profunda, profunda tristeza. Porque nós lutamos para continuar, mas obviamente nós dois perdemos o fôlego. E de certa forma eu suponho que tenha sido um alívio para nós dois termos finalmente decidido. Mas meu marido pediu a separação e eu o apoiei.*

BASHIR: *Não foi sua ideia?*

DIANA: *Não. De jeito nenhum. Eu venho de uma família divorciada, e eu não queria entrar nessa de novo. (SPENCER, 1995, p. 11)*

Nesse diálogo, a Princesa de Gales contou como a separação foi acordada entre as partes e revela que ficou muito triste com a decisão, sentimento que foi ressaltado pela repetição do termo “profunda [tristeza]”. Ela afirmou que estavam “lutando” para continuar e “perderam o fôlego”, estavam esgotados diante da

situação, que foi aliviada com a decisão. Apesar disso, ela ainda não queria se separar, expressado por “eu não queria entrar nessa de novo”. Ela se lembrava mais uma vez dos pais divorciados, e destacou que foi uma decisão vinda apenas de Charles. E então, veio o anúncio da separação:

BASHIR: *O que aconteceu em seguida?*

DIANA: *Nós, eu pedi para meu marido se podíamos anunciar antes que as crianças voltassem da escola para as férias de Natal porque elas estavam protegidas na escola em que estavam. E ele fez isso, e saiu no dia 9 de dezembro. (...) Eu ouvi na rádio, e foi apenas muito, muito triste. Realmente triste. O conto de fadas chegou ao fim, e o mais importante nosso casamento havia tomado um turno, um turno diferente. (SPENCER, 1995, p. 11)*

A partir daí, Diana passou a ser vista como a “esposa separada de Charles” e diversos problemas se sucederam:

BASHIR: *Uma vez que a separação tinha ocorrido, chegando em 1993, o que aconteceu durante aquele período?*

DIANA: *As agendas das pessoas mudaram da noite para o dia. Eu era agora a esposa separada do Príncipe de Gales, eu era um problema, eu era a dependência (vista como), e como nós vamos lidar com ela? Isso nunca havia acontecido antes.*

BASHIR: *Quem estava fazendo essas perguntas?*

DIANA: *Pessoas ao meu redor, pessoas nesse ambiente, e...*

BASHIR: *A casa real?*

DIANA: *Pessoas no meu ambiente, sim, sim.*

BASHIR: *E eles começaram a ver a senhora como um problema?*

DIANA: *Sim, bastante, uh, uh.*

BASHIR: *Como isso se mostrou?*

DIANA: *Por visitas ao exterior sendo bloqueadas, por coisas que vinham naturalmente em meu caminho sendo interrompidas, cartas indo, que se perdiam, e várias coisas. (SPENCER, 1995, p. 12)*

Diana demonstrou sua indignação pelo que ocorreu após a separação ao afirmar que era vista como um “problema” e a encaravam como dependente do Príncipe. Ela deu indícios de que a instituição não sabia como lidar com ela, o que

constatou nas visitas ao exterior sendo bloqueadas, nas cartas que não chegavam e “coisas que vinham naturalmente ... sendo interrompidas”. No entanto, Diana sabia quem estava por trás desses acontecimentos:

BASHIR: *Então apesar do fato de que seu interesse sempre tenha sido continuar com seus deveres, a senhora se deparou com esses deveres sendo tirados da senhora?*

DIANA: *Sim. Tudo mudou depois que nos separamos, e a vida se tornou bem difícil então para mim.*

BASHIR: *Quem estava por trás dessa mudança?*

DIANA: *Bem, o lado do meu marido estava bem ocupado me parando. (SPENCER, 1995, p. 12)*

A Princesa de Gales pretendia continuar a exercer o papel de representação a que tinha se acostumado, mantendo contato com pessoas - o que gostava - mas expressou com raiva seu sentimento a partir de então: “A vida se tornou bem difícil então para mim”. Quando o jornalista perguntou quem estava por trás dessa mudança, ela respondeu de maneira irônica e carregada de rancor: “O lado do meu marido estava bem ocupado me parando”. Sinalizava então que estavam tentando impedi-la de continuar seu trabalho.

Outras ocorrências vieram em seguida e marcaram as dificuldades que Diana enfrentou nesse período: diversas conversas íntimas com outros homens foram expostas. O ápice das dificuldades desse momento ocorreu com o lançamento do livro “*Princess in Love*”, de Anna Pasternak, relatando uma relação íntima, por volta de 1989, entre Lady Di e James Hewitt, ex-oficial do Exército britânico, com quem ela confessou ter tido relações:

BASHIR: *Outro livro que foi publicado recentemente dizia a respeito de um Sr. James Hewitt, no qual ele afirmava ter tido uma relação muito próxima com a senhora, por volta de 1989 eu acho. Qual era a natureza do seu relacionamento?*

DIANA: *Ele foi um grande amigo meu em um momento muito difícil, (...) e ele sempre estava lá para me apoiar, e eu fiquei absolutamente devastada quando este livro apareceu, porque eu confiava nele, e porque, novamente, eu me preocupava com a reação nos meus filhos. E, sim, havia evidências factuais no livro, mas muitas delas foram, vinham de outro mundo, não correspondiam ao que aconteceu.*

BASHIR: *O que a senhora quer dizer?*

DIANA: Bem, havia muita fantasia naquele livro, e foi muito angustiante para mim que um amigo meu, em quem eu confiava, estava fazendo dinheiro comigo. Eu realmente me importei com isso. E ele me ligou 10 dias antes do livro chegar nas livrarias para me dizer que não havia nada para me preocupar, e eu acreditei nele, estupidamente. E então, quando chegou, a primeira coisa que eu fiz foi correr para falar com meus filhos. E William fez uma caixa de chocolates e disse: “Mamãe, acho que você se machucou. Estes são para fazer você sorrir novamente.” Então...

BASHIR: Seu relacionamento foi além de uma amizade próxima?

DIANA: Sim, foi, sim.

BASHIR: A senhora foi infiel?

DIANA: Sim, eu o adorava. Sim, eu estava apaixonada por ele. Mas eu estava muito chateada. (SPENCER, 1995, p. 15-16)

Além da publicação deste livro, conversas telefônicas, supostamente controversas, com os senhores James Gilbey, amigo de infância de Diana, e Oliver Hoare, negociador inglês de obras de arte, foram divulgadas nos jornais britânicos. A Princesa de Gales estava passando por uma fase conturbada, sentindo-se “de fora da rede”:

BASHIR: A senhora tem ideia de como essa conversa [com Gilbey] veio a ser publicada pela imprensa nacional?

DIANA: Não, mas foi feito para me prejudicar gravemente, e essa foi a primeira vez que experimentei o que era estar de fora da rede, por assim dizer, e não estar na família.

BASHIR: Qual a senhora acha que foi o propósito que estava por trás disso?

DIANA: Foi para fazer o público mudar sua atitude em relação a mim. Era, você sabe, se vamos nos divorciar, meu marido teria mais cartas do que eu - era muito mais um jogo de pôquer, um jogo de xadrez. (SPENCER, 1995, p. 13)

Nesse trecho, Diana queixou-se das exposições indevidas e definiu as ações para “fazer o público mudar sua atitude” como um jogo estratégico, de pôquer ou xadrez. Os sentimentos de insatisfação e decepção ficam visíveis no seguinte diálogo:

BASHIR: A senhora realmente acredita que uma campanha estava sendo travada contra a senhora?

DIANA: Sim, eu acreditei, absolutamente, sim.

BASHIR: *Por quê?*

DIANA: *Eu era a esposa separada do Príncipe de Gales, eu era um problema, ponto final. Nunca aconteceu antes, o que vamos fazer com ela?*

BASHIR: *Não podemos mandá-la para algum lugar silenciosamente em vez de fazer campanha contra ela?*

DIANA: *Ela [referindo-se a si própria] não vai ficar em silêncio, esse é o problema. Eu vou lutar até o fim, porque acredito que eu tenho um papel a cumprir, e tenho dois filhos para criar. (SPENCER, 1995, p. 14)*

Deixou claro que estavam tentando reprimi-la ao concordar com Bashir que “uma campanha estava sendo travada contra ela”. Novamente, Diana definiu-se como um “problema” aos olhos da instituição da monarquia, e alegou que não sabiam o que fazer com ela por nunca ter acontecido algo parecido antes na história. Porém, a Princesa não se deixou abalar e frisou que “não vai ficar em silêncio”, que continuaria lutando para provar seu valor e cumprir com seu papel de Princesa de Gales, o qual ela abraçou desde o início e manteve firme durante toda a trajetória.

Enquanto Lady Di encarava essa batalha contra a Família Real, a mídia não deixou de importuná-la:

BASHIR: *No final de 1993 a senhora teve dificuldades persistentes com a imprensa - essas conversas telefônicas foram tornadas públicas - e a senhora decidiu se retirar da vida pública. Por que a senhora fez isso?*

DIANA: *A pressão era intolerável na época, e meu trabalho, meu trabalho estava sendo afetado. Eu queria dar 110% no meu trabalho, e só podia dar 50%. Eu estava constantemente cansada, exausta, porque a pressão era tão cruel! Então pensei que a única maneira de fazer isso era me levantar e fazer um discurso, e me retirar antes que começasse a me decepcionar e não realizar meu trabalho. Foi minha decisão fazer esse discurso porque eu devia ao público dizer isso (...): “Obrigada. Estou desaparecendo um pouco, mas eu vou voltar.” (SPENCER, 1995, p. 14)*

Bashir tentou investigar os motivos por trás da retirada de Diana da vida pública, trazendo destaque às dificuldades que estava enfrentando com os ataques da mídia. Diana apontou que era uma situação “intolerável” e, em consequência disso, não estava conseguindo se entregar ao trabalho. Quando ela disse: “Eu queria dar 110% no meu trabalho, e só podia dar 50%”, ela demonstrou o quanto estava cansada em ter que suportar essa situação, que estava sugando todas as suas energias e seu tempo. Enquanto ela desejava apenas se dedicar ao trabalho,

ela precisava apagar os incêndios que estavam provocando. “Era tão cruel”, ela apontou, porque não estavam poupando esforços em depreciá-la publicamente. Ao se afastar por um tempo, Diana poderia ter uma margem para reverter o cenário ao mesmo tempo em que continuava exercendo o trabalho, mostrando qual era sua prioridade e que ainda estava ali para o público. Ela acreditava que esse movimento lhe daria vantagem no “jogo contra a instituição”:

BASHIR: *Não demorou muito para a senhora voltar, é claro.*

DIANA: *Bem, eu não sei. Quer dizer, eu fiz muito trabalho, bem, oculto, sem nenhuma atenção da mídia, então eu nunca parei realmente de fazer isso. (...) Sabe, a campanha naquele momento estava sendo bem-sucedida, mas surpreendeu as pessoas o fato de que tudo aquilo causava dor - elas ficaram surpresas quando eu me retirei do jogo. Não esperavam isso. E eu acredito muito que você deve sempre confundir o inimigo.*

BASHIR: *Quem era o inimigo?*

DIANA: *Bom, o inimigo era o departamento do meu marido, porque eu sempre tive mais publicidade, meu trabalho era mais, era muito mais discutido do que ele. E, você sabe, desse ponto de vista eu entendo. (SPENCER, 1995, p. 14)*

Bashir sugeriu que ela tivesse voltado rápido para a vida pública; no entanto, o que Diana fez foi realizar seu trabalho na surdina, a fim de se desviar da campanha que travavam contra ela. Deixou claro que estava fazendo apenas coisas boas e não queria decepcionar ninguém, portanto, pode-se dizer que não havia motivo para os ataques que estava sofrendo. Podemos inferir destas revelações que ela estava evitando ter contato com a imprensa para não dar motivos de uma publicidade ruim, algo que “o inimigo” estava fazendo, conforme relatou. A situação se complicou de tal maneira que a Princesa de Gales estava considerando o “departamento do seu marido” na instituição como seu inimigo - é a primeira vez na entrevista que ela nomeia os dois lados da história -, trazendo destaque ao fato de que toda essa circunstância se dava porque recebia mais atenção da mídia do que Charles, o que dava a entender que o que motivou essa “guerra” foi o ciúme e a inveja do marido. Isso se manifesta na conversa:

BASHIR: *Mas a senhora realmente acredita que foi por ciúmes que eles quiseram miná-la?*

DIANA: *Acho que foi por medo, porque aqui estava uma mulher forte fazendo sua parte, e de onde ela tirava forças para continuar?* (SPENCER, 1995, p. 14-15)

O jornalista tentou saber mais sobre a vida de Diana naquele momento.

BASHIR: *Como a senhora descreveria sua vida agora? A senhora vive muito sozinha, não é?*

DIANA: *Sim, eu não me importo com isso, na verdade. Sabe?, as pessoas pensam que no final das contas um homem é a única resposta. Na verdade, um trabalho gratificante é melhor para mim* (risada).

BASHIR: *O que a senhora quer dizer com isso?*

DIANA: *Bem, quero dizer que qualquer cavalheiro que tenha passado pela minha porta, nós instantaneamente fomos colocados juntos na mídia e todo o inferno se soltou, então isso tem sido muito difícil para os amigos homens que tive, obviamente do meu ponto de vista.* (SPENCER, 1995, p. 16)

De maneira leve, ela relatou que estava realizada com seu trabalho e acreditava que encontrar uma atividade “gratificante” era melhor do que viver na companhia de um homem. A importunação midiática fazia parte do seu dia a dia:

BASHIR: *Como a senhora se sente sobre a forma como a imprensa se comporta em relação à senhora agora?*

DIANA: *Ainda hoje acho o interesse assustador e fenomenal, porque eu na verdade não gosto de ser o centro das atenções. Quando tenho meus deveres públicos, entendo que, quando saio do carro, estou sendo fotografada, mas na verdade, agora, é quando saio pela minha porta, pela porta da frente, estou sendo fotografada. Eu nunca sei onde uma lente vai estar. (...) Eles decidiram que eu ainda sou um produto, depois de 15, 16 anos, que vende bem (...).* (SPENCER, 1995, p. 16-17)

Ao longo de toda a entrevista Diana demonstrou seu mal-estar perante a imprensa, expresso nos termos “assustador e fenomenal” com que se refere ao interesse suscitado. Não ficava de modo nenhum indiferente a esse assédio, e de novo apontou a objetificação de sua personagem ao se comparar com um “produto que vende bem”. Todavia, Bashir alegou que algumas pessoas achavam que Diana era responsável pelo interesse da mídia:

BASHIR: *Algumas pessoas diriam que nos primeiros anos de seu casamento a senhora foi parcialmente responsável por estimular o interesse da imprensa - a senhora dançou com pessoas como Wayne Sleep [dançarino inglês], a senhora parecia gostar, vocês tinham um relacionamento muito bom e caloroso. A senhora*

sente alguma responsabilidade pela forma como a imprensa se comportou em relação a senhora?

DIANA: *Eu nunca encorajei a mídia. Havia um relacionamento que funcionava antes, mas agora eu não posso tolerar isso porque se tornou abusivo e é assédio. (...) E cada vez que a gente se diverte - embora seja em uma situação diferente - você tem que pagar por isso, porque as pessoas criticam (...). Mas sou um espírito livre - infelizmente para alguns. (SPENCER, 1995, p. 17)*

A Princesa de Gales mostrou que sabia a diferença entre exercer uma função pública, gostar disso e, de certa maneira, compactuar com a mídia, mas que isso tinha limites e poderia se tornar abusivo. Ela deixou implícito que estava sendo criticada por se divertir um pouco. No entanto, isso não a impediu de ser feliz, pois ela se considerava “um espírito livre”. Diana concluiu sua resposta com: “infelizmente para alguns”, dando a entender que a sua felicidade incomodava a certas pessoas, possivelmente o “departamento” de Charles na instituição monárquica.

Quando Lady Di deu a entrevista, ela estava há três anos separada do Príncipe de Gales, vivendo sozinha no Palácio de Kensington. Bashir tocou nesse ponto, perguntou se ela estava isolada lá e ela confirmou, sem sentir pena de si mesma por causa disso. A Princesa estava realizada com seu trabalho e buscava novas oportunidades para si:

BASHIR: *Aqui no Palácio de Kensington a senhora está isolada?*

DIANA: *Bem, pela natureza da minha situação, sim, mas eu não sinto pena de mim mesma de forma alguma. Tenho o trabalho que eu escolho fazer, e tenho meus meninos. Muitas oportunidades vão surgir no próximo ano - visitas ao exterior: estou prestes a ir para a Argentina, estou muito feliz, e espero muito continuar o bom relacionamento entre os dois países. Eu espero poder ajudar aí. (SPENCER, 1995, p. 17)*

Diana pretendia continuar realizando seu trabalho e expandi-lo na área de relações internacionais. Ela acreditava que, graças aos conhecimentos que adquiriu e às habilidades que desenvolveu exercendo seu papel enquanto Princesa de Gales, poderia ser uma espécie de embaixadora do país. Como ela tinha a mídia sempre a acompanhando, ela gostaria de usar isso a favor do Reino Unido:

BASHIR: *Que papel a senhora vê para si mesma no futuro?*

DIANA: *Eu gostaria de ser uma embaixadora para este país. Eu gostaria de representar este país no exterior. Como eu tenho todo esse interesse da mídia, não vamos apenas sentar neste país e sermos agredidos por ele. Vamos levá-los, essas pessoas, para representar este país e as boas qualidades dele no exterior. Quando eu for para o exterior temos de 60 a 90 fotografos, só deste país, vindo comigo, então vamos usar de forma produtiva, para ajudar este país.*

BASHIR: *A senhora diz que sente que seu futuro é como uma espécie de embaixadora. A mando de quem é isso? Com base em quê a senhora acha que tem o direito de se considerar uma embaixadora?*

DIANA: *Eu estou em uma posição privilegiada há 15 anos. Tenho um tremendo conhecimento sobre as pessoas e sei como me comunicar. Aprendi isso, eu tenho isso, e quero usá-lo. E quando olho para as pessoas na vida pública, eu não sou um animal político, mas acho que a maior doença que este mundo sofre hoje em dia é a doença das pessoas que se sentem não amadas, e sei que posso dar amor por um minuto, por meia hora, por um dia, por um mês, mas posso dar - estou muito feliz em fazer isso e quero fazer isso. (SPENCER, 1995, p. 17-18)*

Em sua segunda resposta, ela referiu-se às pessoas políticas como “animais”, possivelmente relacionando-as à falta de carinho e atenção que sofreu na Família. A expressão “doença das pessoas que se sentem não amadas”, supostamente se refere, não ao público, e sim aos momentos depressivos que vivenciou. O que a Princesa gostaria de fazer era oferecer esses cuidados ao povo britânico, como forma de compensação pelo que ela deixou de receber em todos esses anos. Ela deixa isso claro logo após:

BASHIR: *A senhora acha que o povo britânico está feliz com a senhora em seu papel?*

DIANA: *Eu acho que o povo britânico precisa de alguém na vida pública para dar carinho, para fazê-los se sentirem importantes, para apoiá-los, para dar-lhes luz em túneis escuros. Vejo isso como um papel possivelmente único, e sim, eu tive dificuldades, como todos testemunharam ao longo dos anos, mas agora vamos usar o conhecimento que reuni para ajudar outras pessoas em apuros.*

BASHIR: *A senhora acha que consegue?*

DIANA: *Eu sei que consigo, eu sei que consigo, sim. (SPENCER, 1995, p. 18)*

Já quase no final da entrevista, Bashir começou a perguntá-la sobre as perspectivas de futuro da monarquia:

BASHIR: *Até a senhora vir para esta família, a monarquia parecia ter uma posição inquestionável no coração da vida britânica. A senhora se sente culpada pelo fato de*

que a sobrevivência da monarquia é agora uma pergunta que as pessoas estão fazendo?

DIANA: *Não, eu não sinto culpa. Quero dizer, uma ou duas vezes eu ouvi as pessoas me dizerem que (...)“Diana está querendo destruir a monarquia”, o que me deixou perplexa. Por que eu iria querer destruir algo que é o futuro dos meus filhos? Vou lutar pelos meus filhos em qualquer nível para que eles sejam felizes e tenham paz de espírito e cumpram seus deveres. Acho que o que mais me preocupa sobre como as pessoas discutem a monarquia é que elas se tornam indiferentes, e acho que isso é um problema, e eu acho que isso deveria ser resolvido, sim.*

BASHIR: *Quando a senhora diz “indiferente”, o que quer dizer?*

DIANA: *Elas não se importam. As pessoas não se importam mais. Elas foram tão alimentadas à força com problemas conjugais, seja o que for, seja o que for, seja o que for, que estão fartos. Eu estou farta de ler sobre isso. Eu estou nisso, então Deus sabe o que as pessoas lá fora devem pensar. (SPENCER, 1995, p. 18)*

Diana confessou que os problemas conjugais com Charles esgotaram o povo britânico, quando disse que “elas foram tão alimentadas à força com problemas conjugais que estão fartos”. Isso fez com que se tornassem indiferentes quanto à monarquia, e ela acreditava que isso deveria ser alterado. No entanto, Diana não pensava acabar com a monarquia porque se tratava do futuro dos seus filhos. Sua perplexidade diante da situação se expressa também nas repetições (“seja o que for”). Ela acreditava que apenas algumas mudanças seriam necessárias para se adaptar aos tempos. O entrevistador perguntou diretamente se a monarquia precisava de mudanças. E Diana respondeu:

DIANA: *Eu entendo que a mudança é assustadora para as pessoas, especialmente se não há para onde ir. É melhor ficar onde está. Eu entendi isso. Mas eu acho que há algumas coisas que podem mudar, que aliviarão essa dúvida, e às vezes a relação complicada entre monarquia e público. Eu acho que eles poderiam andar de mãos dadas, ao invés de estarem tão distantes. (SPENCER, 1995, p. 18)*

A Princesa acreditava que a monarquia deveria estar mais próxima do público; porém ela, como parte do sistema, achava “melhor ficar como está”. Parte dessa reflexão possivelmente veio dos problemas que ela mesma enfrentou com a realeza ao longo dos anos e pode ser observado no seguinte trecho:

BASHIR: *Que tipo de monarquia a senhora prevê?*

DIANA: *Eu gostaria de uma monarquia que tivesse mais contato com seu povo - e não me refiro a andar de bicicleta e coisas assim, mas apenas ter um entendimento*

mais profundo. E eu não digo isso como uma crítica à atual monarquia: eu digo apenas pelo que vejo e ouço e sinto diariamente no papel que escolhi para mim. (SPENCER, 1995, p. 19)

Bashir perguntou sobre a relação com Charles e quais seriam os próximos capítulos dessa história:

BASHIR: *Há muita discussão no momento sobre como os assuntos entre a senhora e o Príncipe de Gales serão resolvidos. Existe até a sugestão de um divórcio entre os senhores. Quais são seus pensamentos sobre isso? (SPENCER, 1995, p. 19)*

A Princesa continuava firme em seu posicionamento de não querer o divórcio, embora colocasse a decisão final nas mãos de Charles:

DIANA: *Eu não quero o divórcio, mas obviamente precisamos de clareza sobre uma situação que tem sido muito discutida nos últimos três anos em particular. Então tudo o que eu digo a isso é que aguardo a decisão do meu marido sobre o caminho que todos seguiremos. (SPENCER, 1995, p. 19)*

O entrevistador rebateu: “Se ele desejasse o divórcio, a senhora aceitaria?”

DIANA: *Eu obviamente discutiria isso com ele, mas até agora nenhum de nós discutiu esse assunto, embora o resto do mundo pareça ter discutido.*

BASHIR: *Seria seu desejo se divorciar?*

DIANA: *Não, não é meu desejo. (SPENCER, 1995, p. 19)*

Diana não acreditava que seria Rainha da Inglaterra, mas ela gostaria - talvez ingenuamente iludida quanto aos poderes da Família em relação à sua própria imagem - de ser a “rainha do coração das pessoas”. Contudo, ela tinha consciência de que não se casou com Charles, e sim com um “estabelecimento”.

BASHIR: *A senhora acha que um dia será a Rainha?*

DIANA: *Não, eu não acho, não.*

BASHIR: *Por que a senhora acha isso?*

DIANA: *Eu gostaria de ser a rainha do coração das pessoas, no coração das pessoas, mas não me vejo sendo a Rainha deste país. Eu não acho que muitas pessoas vão querer que eu seja Rainha. Na verdade, quando eu digo “muitas pessoas” eu quero dizer o estabelecimento com o qual me casei, porque eles decidiram que eu não sou uma iniciante.*

BASHIR: *Por que a senhora acha que eles decidiram isso?*

DIANA: *Porque eu faço as coisas de forma diferente, porque eu não sigo um livro de regras, porque eu lidero com o coração, não com a cabeça, e embora isso tenha me causado problemas no meu trabalho, eu entendo isso. Mas alguém tem que ir lá e amar as pessoas e mostrar isso. (SPENCER, 1995, p. 20)*

Nesse relato, Diana acreditava que “nem muitas pessoas” queriam que ela fosse Rainha. Quanto à frase “eles decidiram que eu não era uma iniciante”, pode ser inferido que a Princesa conseguiu bater de frente com a instituição e provou sua força com as atitudes que tomou por conta própria ao longo dos anos. Isso ficou evidente na segunda resposta, quando ela disse: “eu faço as coisas de forma diferente”, “eu não sigo um livro de regras” e “eu lidero com o coração, não com a cabeça”, o que também era uma crítica ao “estabelecimento” e à Rainha Elizabeth.

Bashir perguntou se essas atitudes foram um obstáculo para ela ser Rainha:

BASHIR: *A senhora acha que por causa da maneira como a senhora se comporta isso a impediu efetivamente de se tornar Rainha?*

DIANA: *Sim, bem, não me impediu. Eu não diria isso. Só acho que eu não tenho tantos apoiadores nesse ambiente como eu tinha.*

BASHIR: *A senhora quer dizer dentro da Casa Real?*

DIANA: *Uh, uh. Eles me veem como uma ameaça de algum tipo, e eu estou aqui para fazer o bem: não sou uma pessoa destrutiva.*

BASHIR: *Por que eles veem a senhora como uma ameaça?*

DIANA: *Eu acho que toda mulher forte na história teve que trilhar um caminho semelhante, e eu acho que é a força que causa a confusão e o medo. Por que ela é forte? De onde ela tira isso? Onde ela está levando? Onde ela vai usar? Por que o público ainda a apoia? (...) (SPENCER, 1995, p. 20)*

Ainda no âmbito da reflexão da monarquia, o jornalista a questionou sobre o futuro de Charles:

BASHIR: *A senhora acha que o Príncipe de Gales algum dia será Rei?*

DIANA: *Eu não acho que algum de nós sabe a resposta para isso. E obviamente é uma pergunta que está na cabeça de todo mundo. Mas quem sabe, quem sabe o que o destino produzirá, quem sabe o que as circunstâncias provocarão?*

BASHIR: *Mas a senhora o conheceria melhor do que a maioria das pessoas. A senhora acha que ele gostaria de ser Rei?*

DIANA: *Sempre houve conflito sobre esse assunto com ele quando discutimos isso, e eu entendi esse conflito, porque é um papel muito exigente, sendo Príncipe de Gales, mas é um papel igualmente mais exigente ser Rei. E ser Príncipe de Gales produz mais liberdade agora, e ser Rei seria um pouco mais sufocante. E porque conheço o personagem acho que o trabalho principal, como eu chamo, traria enormes limitações para ele, e não sei se ele poderia se adaptar a isso. (SPENCER, 1995, p. 20-21)*

Diana não quis dar uma resposta direta a Bashir, e comentou o fato de que o assunto sobre o reinado de Charles gerava desconforto entre o casal, comprovado pela fala “sempre houve conflito sobre esse assunto”. Ela entendia que o Príncipe de Gales gostava de viver uma vida livre, quando disse que “o trabalho principal traria enormes limitações para ele”, e isso possivelmente não faria ele se ajustar ao cargo de Rei, explicitado em “não sei se ele poderia se adaptar a isso”. Para encerrar a entrevista, Bashir indagou:

BASHIR: *Por que a senhora decidiu dar esta entrevista agora? Por que a senhora decidiu falar neste momento?*

DIANA: *Porque estaremos separados três anos em dezembro, e a percepção que me foi dada nos últimos três anos tem sido muito confusa, turbulenta, e em algumas áreas tenho certeza que muitas, muitas pessoas duvidam de mim. E eu quero garantir a todas as pessoas que me amam e me apoiaram nos últimos 15 anos que eu nunca os decepcionaria. Isso é uma prioridade para mim, junto com meus filhos. (SPENCER, 1995, p. 21)*

Ela tinha a convicção de que poderia se explicar e se defender por meio de uma entrevista, a fim de esclarecer às pessoas as incertezas que giravam em torno do seu casamento e desmistificar a imagem que haviam criado para si, fato que ficou claro no uso das palavras “muito confusa, turbulenta”, e na percepção de que muitas pessoas não acreditavam nela. Com leveza de coração, afirmou que não estava tentando se vingar e que não havia ressentimento de sua parte, respondendo à última afirmação de Bashir:

BASHIR: *Algumas pessoas podem interpretar isso como a senhora simplesmente aproveitando a oportunidade para se vingar do seu marido.*

DIANA: *Eu não sento aqui com ressentimento: eu sento aqui com tristeza porque um casamento não deu certo. Eu sento aqui com esperança porque há um futuro pela frente, um futuro para meu marido, um futuro para mim e um futuro para a monarquia. (SPENCER, 1995, p. 21)*

4.4. A VIVÊNCIA NA REALEZA POR UMA MULHER DIFERENTE

Consoante com a indicação proposta por Motta (2013), a entrevista de Meghan e Harry também foi colocada em ordem cronológica, reconstituindo do início ao fim a história do casal no seio da Família Real britânica. Os principais acontecimentos foram identificados e interpretados e, para fins de análise, esta entrevista foi dividida em duas partes: a primeira parte conta apenas com a participação de Meghan e, na segunda parte, entra a figura de Harry.

Depois de contextualizar que o casal não foi pago pela entrevista, que nenhuma pergunta havia sido combinada e que não haveria assunto fora dos limites, Oprah dá início à conversa comentando a entrada de Meghan na Família Real.

OPRAH: *Todo mundo que se casa sabe que, na verdade, você está se casando com a família. Mas você não estava apenas se casando com uma família, você estava se casando com uma instituição de 1.200 anos, estava se casando com a monarquia. Como achou que seria?*

MEGHAN: *Eu diria que entrei nisso ingenuamente porque não cresci sabendo muito sobre a Família Real. Não era algo que fazia parte das conversas em casa. Não era algo que nós acompanhávamos. Minha mãe até me indagou alguns meses atrás: "Diana já deu uma entrevista?" Agora eu posso dizer: "Sim, uma bem famosa", mas minha mãe não sabia disso. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 1)*

Oprah iniciou sua fala chamando a atenção para o peso que Meghan viria a enfrentar, já que estava se casando com uma "instituição de 1.200 anos", a monarquia. A partir dessa caracterização, pode ser inferido que a instituição é uma entidade que representa os valores mais tradicionais e conservadores da sociedade. Quando Meghan diz: "Entreli nisso ingenuamente", ela admite que não estava preparada para lidar com essas questões. Como dissemos antes, Morton (2018) havia descrito Meghan como uma ativista pelos direitos das mulheres, e a monarquia, enquanto uma instituição antiga, iria de encontro a esses valores.

Meghan fez uma referência à entrevista de Diana para explicar que a família da atriz norte-americana não acompanhava a realeza britânica. A mãe, por exemplo, não teria conhecimento da "entrevista famosa" da Princesa de Gales. "Não era algo que fazia parte das conversas em casa", disse, e o fato já demonstrava uma certa dificuldade de se adaptar a uma realidade que não conhecia. Isso ficou claro mais à

frente, quando contou a entrada na Família Real. Assim como Diana, Meghan apontou a falta de cuidado da Família. Ela enfrentou dificuldades ainda maiores por ser estrangeira, pois teve que aprender tudo sobre o Reino Unido e a monarquia para agradar a Família, como destacou no seguinte trecho:

MEGHAN: (...) Não teve orientação também, (...) diferente do que você vê nos filmes, não tem uma aula sobre como falar, como cruzar as pernas, como ser da realeza. Não há treinamento algum. Isso pode existir para outros membros da família. Isso não foi algo oferecido a mim.

OPRAH: Então, ninguém lhe contou nada?

MEGHAN: Não. (...) Nem mesmo o Hino Nacional. Ninguém pensou em dizer: “Oh, você é americana. Você não vai saber disso”. Essa sou eu tarde da noite, pesquisando como... qual é o Hino... eu tive que aprender isso. Eu não quero constrangê-los. Eu preciso aprender esses 30 hinos para a igreja. Tudo isso é televisionado. Nós estávamos treinando nos bastidores porque eu só queria deixá-los orgulhosos. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 32-33)

Não havia como ela conhecer coisas que eram simples para os membros da Família ou para qualquer cidadão britânico, como o Hino Nacional. Ela parecia esperançosa de que seria orientada quanto à etiqueta e como se portar como um membro da realeza, constatação que pode ser comprovada quando ela disse: "diferente do que você vê nos filmes". Havia uma expectativa por parte dela que não foi cumprida, e ela demonstrou esse sentimento de frustração ao dizer que "isso pode existir para outros membros da família, [mas] isso não foi algo oferecido a mim". Além disso, o fato dela não ter conhecimento dessas coisas poderia provocar complicações com a imprensa, quando ela mesma constatou: “Tudo isso é televisionado” e “Não quero constrangê-los”. Exemplificou com as produções audiovisuais em que as pessoas são orientadas sobre o básico para se comportar num estúdio, mas entendeu que a realidade era outra. Meghan comentou a diferença com a realidade em outro momento:

OPRAH: (...) Você não conversou consigo mesma, nem falou com seus amigos sobre como seria se casar com um príncipe, que é o Harry, por quem você se apaixonou... não pensou muito sobre isso?

MEGHAN: Não. Nós pensamos muito sobre o que achávamos que poderia ser. Eu não entendia completamente qual era o trabalho: O que significa trabalhar como membro da realeza? O que você faz? O que isso significa? (...) Não tinha como entender o que seria o dia a dia (...). Acho que, especialmente como americanos, o

que você sabe sobre a realeza é o que você lê nos contos de fadas (...). É fácil ter uma imagem tão distante da realidade, e é isso que foi tão complicado nos últimos anos, quando a percepção e a realidade são duas coisas diferentes e você sendo julgado pela percepção mas está vivendo a realidade daquilo. Há um desalinhamento completo e não tem como explicar isso para as pessoas. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 2)

A Duquesa deixou claro que, no início, "não entendia completamente qual era o trabalho", dando a entender que quando vivenciou aquilo, percebeu um nível de dificuldade que não era esperado. Isso pode ser observado quando ela disse em seguida: "Não tinha como entender o que seria o dia a dia". A realidade foi muito mais difícil do que imaginava. Ela comparou a vida na realeza com um "conto de fadas": quem vê de fora acreditaria que é uma linda história de amor, embora a vivência seja muito mais complicada do que parecia. Essa observação se comprovou quando Meghan admitiu que caíra facilmente nessa ideia e que depois disso se tornou "complicado": era observada e julgada o tempo todo pela mídia e pelo público, mas as aparências eram diferentes do que estava vivendo de verdade.

O primeiro impacto dessa disparidade "percepção" versus "realidade" foi quando conheceu a Rainha Elizabeth:

MEGHAN: *Ela foi uma das primeiras pessoas que eu conheci. A verdadeira Rainha.*

OPRAH: *Como foi? Você estava preocupada em causar a impressão certa?*

MEGHAN: *(...) Nós estávamos indo para um almoço no Royal Lodge, que é onde alguns outros membros da família moram, especificamente Andrew e Fergie [filho e nora da Rainha Elizabeth II], e Eugenie e Beatrice [filhas de Andrew] passavam bastante tempo lá. Eugenie e eu nos conhecemos antes de eu conhecer Harry, então foi confortável e acabou que a Rainha estava terminando um serviço na igreja em Windsor e ela estaria na casa. Harry e eu estávamos no carro e ele disse: "OK, então, minha avó está lá, você vai conhecê-la". Eu disse: "OK, ótimo". Eu amava minha avó, eu costumava cuidar dela. Ele disse: "Você sabe fazer uma reverência?" [Meghan disse] "O quê?" (...) Eu pensei genuinamente que aquilo era o que acontecia lá fora, que era parte da fanfarra. Eu não pensava que isso acontecia lá dentro. Eu disse: "Mas é sua avó". Ele disse: "É a Rainha!"*

OPRAH: *Uau!*

MEGHAN: *E esse foi realmente o primeiro momento em que a ficha caiu. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 2)*

Ela e o Príncipe Harry foram a um almoço na casa de um dos filhos da Rainha, o Príncipe Andrew, e a filha mais nova de Andrew, Princesa Eugenie, já era

uma conhecida de Meghan, o que a deixou mais confortável, porém parece que estava um tanto nervosa na ocasião. Apesar disso, Meghan comparou a Rainha com a avó, que amava, querendo demonstrar tranquilidade para lidar com a situação. No entanto, Harry perguntou se ela sabia fazer a reverência, algo que a deixou chocada. Ela acreditava que a reverência era parte da "fanfarra", do espetáculo que a monarquia apresenta ao público como parte da tradicionalidade. A surpresa foi constatada pelo termo "genuinamente". Quando pronunciou a frase "Ela é sua avó", deu a entender que esperava um relaxamento das normas, diante da intimidade do parentesco. Ela acreditava com veemência que a formalidade não acontecia "lá dentro". O susto fez "a ficha cair", ou seja, percebeu que seria muito diferente do que presumia.

A situação também pode ser compreendida como mais um detalhe que Meghan teve que descobrir por conta própria, uma vez que ninguém a preparou:

OPRAH: *Você pesquisou como fazer a reverência?*

MEGHAN: *Não, nós estávamos no carro. No fundo, para mostrar respeito, eu aprendi bem rapidamente na frente da casa. Nós praticamos e entramos. (...) Apparently eu fiz uma reverência bem profunda, e nós apenas sentamos lá e conversamos e foi adorável e fácil (...).*

OPRAH: *(O que) você está compartilhando conosco é que você não estava mais nervosa do que alguém comum que vai conhecer a avó de alguém.*

MEGHAN: *Eu tinha confundido a ideia. Eu cresci em LA [Los Angeles], você vê celebridades o tempo todo. Isso não é o mesmo, mas é muito fácil, especialmente como americana, dizer: "Estas são pessoas famosas". É um jogo de bola completamente diferente. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 2-3)*

Como boa atriz, Meghan aprendeu a fazer a reverência e cumpriu ali seu papel para demonstrar respeito à Rainha e atender à formalidade da apresentação. Então, quando conversaram, ela contou que a relação foi "adorável e fácil", provando que a Rainha é uma pessoa gentil, possivelmente identificada com sua avó dado ao termo "adorável"; quanto ao uso do adjetivo "fácil", ela mostrou que, no seu entendimento, toda a expectativa que se criava era exagerada, como Oprah interpretou na segunda pergunta quando afirmou que Meghan "não estava mais nervosa do que alguém comum que vai conhecer a avó de alguém". Mesmo assim, a Duquesa reconhecia que não era o mesmo quando, nas ruas de Los Angeles, ela se deparava com pessoas famosas "tinha confundido a ideia", não era tão simples

quanto imaginava, e ela demonstrou a dificuldade em se adaptar com a comparação: "Este é um jogo de bola completamente diferente".

Os obstáculos no processo de adaptação logo surgiram:

OPRAH: (...) Logo depois do casamento, os tablóides começaram a publicar histórias que pintavam uma imagem não tão lisonjeira de você em seu novo mundo. Havia rumores sobre você ser o "Furacão Meghan". (...) Havia uma história (...) sobre você fazer Kate Middleton chorar?

MEGHAN: (...) Aquele foi um momento de virada. (...)

(Oprah narra) Seis meses depois do casamento de Harry e Meghan, manchetes começaram a girar em torno de uma rixa entre Meghan e sua concunhada, a Duquesa de Cambridge, Kate Middleton. Foi relatado que Meghan deixou Kate "em lágrimas" pelas "exigências rígidas" da noiva sobre os vestidos das daminhas. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 4-5)

Ainda na organização da cerimônia de casamento, Meghan teria enfrentado um impasse com Kate Middleton acerca dos vestidos das damas de honra, acontecimento que, segundo a primeira, foi divulgado de forma equivocada pelos jornais britânicos. Ela considerou o episódio com Kate um "momento de virada" por ter sido mal-retratada pelos tabloides e por ter percebido que a Família não estava do seu lado, mas nada foi feito para defendê-la:

MEGHAN: O que foi difícil de superar foi ser culpada por algo que eu não só não fiz mas aconteceu comigo. E as pessoas que faziam parte de nossa equipe de comunicação confirmavam: "Eu sei que isso não aconteceu". (...)

OPRAH: Então, durante todo o tempo, as histórias que vazaram diziam que você fez Kate chorar... Você sabia o tempo todo, e as pessoas à sua volta sabiam que aquilo não era verdade?

MEGHAN: Todo mundo na instituição sabia que aquilo não era verdade.

OPRAH: Então, porque ninguém disse isso?

MEGHAN: Essa é uma boa pergunta. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 6-7)

Esse desentendimento repercutiu na mídia de uma maneira pouco favorável a Meghan, que foi posta como vilã, como apontado por Oprah quando usou a expressão "Furacão Meghan", algo que soa como uma força sem controle, nefasta. A entrevistadora desenvolveu o tema contando as manchetes que comparavam Kate com Meghan:

OPRAH: *Kate foi elogiada por embalar sua barriga de bebê, e a manchete sobre você fazendo a mesma coisa dizia: “Meghan não consegue tirar as mãos de sua barriga de bebê por orgulho ou vaidade”.*

MEGHAN: *O que isso tem a ver com orgulho ou vaidade? (...)*

OPRAH: *Depois, havia um artigo online inteiro sobre isso: “Kate come abacates para ajudar com os enjoos matinais”. (...) Mas você estava comendo abacates...*

MEGHAN: *E alimentando um assassinato, aparentemente. (...) (Risos) Quer dizer... você tem que rir em um certo ponto, porque é ridículo. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 7-8)*

Nesse momento, Meghan salientou as dificuldades que estava enfrentando com a imprensa britânica. Os meios de comunicação criavam uma imagem para a Duquesa de Sussex que a prejudicava, enquanto a concunhada, Duquesa de Cambridge, com a mesma posição na Família, recebia tratamento diferente. O exemplo citado na conversa foi o carinho na barriga grávida, em que Kate foi elogiada e Meghan, repreendida por “orgulho ou vaidade”. A indignação da entrevistada ficou muito explícita quando ela comparou a abordagem que fizeram de um determinado tema casual (“comer abacate para ajudar com enjoos matinais”) de uma forma esdrúxula: “alimentando um assassinato, aparentemente”. E o retrato que fazem de Meghan é tão absurdo que chega a ser “ridículo”, como ela chamou, soltando uma risada irônica.

O caso de Meghan *versus* Kate foi relatado como um dos exemplos da falta de proteção da Família, episódio que prosseguiu e se agravou ao longo do tempo. Ela percebeu que não seria resguardada dos ataques da mídia, enquanto lhe prometeram o contrário. Vejamos no seguinte diálogo:

OPRAH: *(...) Como disseram para você lidar com os tablóides ou as fofocas? (...)*

MEGHAN: *(...) Todos do meu mundo receberam uma direção bem clara; a partir do momento em que o mundo soube que Harry e eu estávamos namorando; era para sempre dizer: “Sem comentários”. (...) Eu fiz tudo o que me disseram para fazer - é claro que eu fiz, porque também foi através das lentes de: “E nós protegeremos você”. Então, mesmo quando as coisas começaram a sair na mídia e eu não via - meus amigos me ligavam e diziam: “Meg, isso é muito ruim” - eu retrucava: “Não se preocupe. Estou protegida”. (...) Eu acreditava nisso. (...) Aquilo foi muito difícil de conciliar porque (...) foi só quando nos casamos e quando tudo começou a piorar que percebi que eu não só não estava sendo protegida, mas eles estavam dispostos a mentir para proteger outros membros da família e não estavam dispostos a dizer a verdade para me proteger e proteger meu marido. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 9)*

Meghan apontou que até mesmo nas coisas pequenas, que pareciam irrelevantes, havia a expectativa de que seriam filtradas pela Família para que não saíssem na mídia:

MEGHAN: *Depois que voltamos da nossa turnê na Austrália (...), conversamos sobre quando as coisas realmente começaram a mudar, quando eu passei a saber que nós não estávamos protegidos. E foi durante essa parte da minha gravidez [entre 2018 e 2019], especialmente, que eu comecei a entender como seria a nossa realidade contínua.*

OPRAH: *Que tipo de proteção você queria (...) que não estava recebendo?*

MEGHAN: *(...) Eles [membros da Família] iriam para o registro [de imprensa] e negariam a história mais ridícula para qualquer um, certo? Estou falando sobre coisas que são super-artificiais e inconsequentes. Mas a narrativa sobre (...) fazer Kate chorar, eu acho que foi o começo de um verdadeiro assassinato de personagem. E eles sabiam que aquilo não era verdade. Eu pensei, bem, se eles não vão matar coisas assim, então o que nós vamos fazer? (HARRY; MARKLE, 2021, p. 12)*

A história com Kate em torno do casamento não foi explicada, nem houve da parte da Família Real uma tentativa de esclarecimento, ao que parece, e o que ficou foi uma imagem negativa de Meghan. Ela acreditou, usando o vocabulário do cinema, que esse fato foi “um verdadeiro assassinato de personagem”, ou seja, estavam tentando comprometer a sua reputação, o que ficou evidente quando ela admitiu: “Eles sabiam que aquilo não era verdade”. Em seguida, afirmou que a Família não teria problemas nem demandaria muito esforço “matar coisas assim”, para abafar casos como o relatado. Foi nesse momento que ela entendeu como seria a sua “realidade contínua”: não receberiam proteção de possíveis ataques da mídia. Oprah a espicou sobre o assunto:

OPRAH: *(...) Então, você acha que havia um padrão para Kate em geral e um separado para você? E se sim, por quê?*

MEGHAN: *Eu não sei porquê. Posso ver agora quais camadas estavam em jogo. (...) E, de novo, realmente parecia que eles [a Família e/ou a mídia] queriam uma narrativa de um herói e um vilão. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 8)*

Aqui novamente Meghan utiliza a metáfora das artes dramáticas, ao mencionar a narrativa de “herói e vilão” em que queriam enquadrá-la e a seu casamento. Ela não explicitou se “as camadas que estavam em jogo” eram a Família, a mídia ou ambos, embora dê a entender que compreendeu que havia algo

por trás dessa dessemelhança, fato que levantamos como um possível racismo velado, já que ela era a primeira pessoa birracial a entrar na monarquia britânica. Oprah captou esse sentimento e perguntou sobre a adequação:

OPRAH: (...) *Você veio como a primeira pessoa mestiça a se casar na família. Isso a preocupou em ser capaz de se encaixar? (...) Você pensou sobre isso alguma vez?*

MEGHAN: *Eu pensei sobre isso porque eles me fizeram pensar sobre isso.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 8)

Oprah, enquanto mulher negra, percebeu que Meghan, por ser uma pessoa birracial, estaria enfrentando dificuldades em ser bem recebida na Família. Ela tocou nesse ponto e Meghan respondeu dizendo que apenas pensou nesse tópico porque foi forçada a isso, o que indica que se não houvessem claras distinções entre as duas esposas *de fora*, decerto não seria um problema considerável. Ainda no âmbito racial, outro acontecimento foi determinante para a experiência desagradável de Meghan: Archie, filho do casal, não receberia um título real como parte da tradição:

MEGHAN: *Além disso, o que estava acontecendo a portas fechadas era que (...) eles estavam dizendo que não queriam que ele [Archie] fosse um príncipe (...) e que ele não receberia segurança.*

OPRAH: *O que você quer dizer?*

MEGHAN: *Ele não ia receber segurança. (...)*

OPRAH: *Que o seu filho - e de Harry, filho do Príncipe Harry, não ia receber segurança?*

MEGHAN: *É isso mesmo, eu sei.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 12)

A entrevistadora questionou a importância do título para Meghan:

OPRAH: *O título... (...) Archie ser chamado de príncipe, era importante para você?*

MEGHAN: *Se isso significasse que ele estaria seguro, então, é claro. Toda a grandeza que envolve essas coisas é um apego que eu pessoalmente não tenho, certo? Eu fui garçoneiro, atriz, princesa, duquesa. Eu sempre continuei sendo só a Meghan, certo? Então, para mim, está claro quem eu sou, independente destas coisas. E o título mais importante que eu sempre terei é Mãe. Eu sei disso. Mas a ideia de nosso filho não estar seguro, e também a ideia de que o primeiro membro de cor nesta família não ter o mesmo título que outros netos teriam... (...)*

OPRAH: *Então, para você, é sobre proteção e segurança, não muito o que o título significa para o mundo.*

MEGHAN: *Essa é uma grande parte disso, mas (...) também não é direito deles tirar isso. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 12-14)*

Meghan explicou que, pessoalmente, não lhe importava o título para ser considerado alguém importante. Entretanto, julgava ser a segurança necessária, e já estava claro que eles não estariam seguros nas mãos da Família. A Duquesa levantou um ponto que chamou a atenção: “A ideia de que o primeiro membro de cor nesta família não [viria a] ter o mesmo título que outros netos teriam”. Nesta relação, ficou claro que havia diferenças no tratamento entre os membros, e o racismo estava se revelando na narrativa. A constatação desse preconceito ficou em evidência no diálogo logo em seguida, no qual a entrevistadora não conseguiu esconder a surpresa e o assombro:

OPRAH: *Você certamente deve ter tido conversas com Harry sobre isso e tem suspeitas próprias sobre por que eles não queriam fazer de Archie um príncipe. Quais são esses pensamentos? Por que você acha que é isso? Você acha que é por causa da raça dele?*

MEGHAN: *(Suspiros)*

OPRAH: *Eu sei que esta é uma pergunta pesada, mas...*

MEGHAN: *Mas eu posso te dar uma resposta honesta. Naqueles meses em que eu estava grávida, (...) tivemos em conjunto a conversa: “Ele não vai ter segurança, ele não vai ter um título” e também preocupações sobre quão escura seria a pele dele quando nascer.*

OPRAH: *O quê? (...) Quem... quem teve essa conversa com você? O quê?*

MEGHAN: *Então...*

OPRAH: *Tem uma conversa... espera aí. Segura. Segura. Pare agora mesmo.*

MEGHAN: *Houve... houve várias conversas sobre isso.*

OPRAH: *Houve uma conversa com você...?*

MEGHAN: *Com Harry.*

OPRAH: *Sobre quão escura a pele do seu bebê seria?*

MEGHAN: *Potencialmente, e o que isso significaria ou seria.*

OPRAH: *Uau. E você não vai me dizer quem teve essa conversa?*

MEGHAN: *Eu acho que isso seria muito prejudicial a eles. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 15-16)*

Depois que Oprah perguntou os motivos por trás da não-titularidade de Archie, Meghan acusou, com uma visível decepção profunda - expressa no suspiro que deu depois da pergunta e no desconforto presente nos gaguejos em ter revelado esse caso ("então...") -, que membros da Família teriam questionado a cor da pele do filho. Essa revelação pasmou Oprah, que demonstrou a incredulidade com expressões como "o quê?", "espera aí", "segura", "pare agora mesmo" e "uau". As questões foram direcionadas a Harry, e Meghan se recusou a expor quem o questionava para não prejudicá-lo(a). A conversa continuou com muita sinceridade da parte de Meghan, que não ocultou a indignação e a tristeza. Ela também acreditava que poderia, com seu exemplo, exercer um papel importante na representação de um novo conceito de monarquia.

MEGHAN: *Isso me foi transmitido por Harry. Eram conversas que a família tinha com ele. (...) Foi realmente difícil ver que essas conversas foram compartilhadas.*

OPRAH: *Porque eles estavam preocupados que se ele fosse muito escuro, isso seria um problema? Você está dizendo isso?*

MEGHAN: *Não consegui explicar o porquê, mas isso – se essa é a suposição que você está fazendo, eu acho que parece bastante segura, o que foi muito difícil de entender, certo? (...) A Commonwealth é uma grande parte da monarquia (...), eu diria que 60%, 70% dos quais abrigam pessoas de cor, certo? (...) E crescendo como uma mulher de cor, como uma garotinha de cor, eu sei o quão importante é a representação. Eu sei como você quer ver alguém que se pareça com você em certas posições.*

OPRAH: *Obviamente.*

MEGHAN: *(...) Eu penso muito sobre isso, (...) mulheres e homens adultos que, quando eu os encontrava no nosso tempo na Commonwealth, o quanto isso significava para eles poder ver alguém que se parece com eles (...) nesta posição. E nunca consegui entender como isso não seria visto como um benefício adicional (...) e um reflexo do mundo de hoje. Em todos os momentos, especialmente agora, para dizer: "Quão inclusivo é isso, que você pode ver alguém que se parece com você nesta família, muito menos alguém que nasceu nela?" (HARRY; MARKLE, 2021, p. 16-17)*

Oprah suspeitou que o fato de Archie "ser muito escuro" seria um problema para a Família, Meghan não soube explicar os motivos das indagações, apesar de

ter afirmado que a suposição da entrevistadora “parecia bastante segura”, dando a entender que ela concordava com Oprah de que essa era a questão principal. Em seguida, a entrevistada delinea uma das frentes de atuação da monarquia, que é a *Commonwealth*, uma comunidade de países que faziam parte do império britânico e que hoje estão unidos como uma associação política para relações governamentais⁴. A maioria das nações presentes nesta comunidade é africana, por isso a importância da representatividade apontada por Meghan. Ela acreditava que seria uma grande adição à manutenção da *Commonwealth* enquanto mulher de cor, quando disse: “Eu sei como você quer ver alguém que se pareça com você em certas posições”. Portanto, segundo esse ponto de vista, os questionamentos a respeito da cor de Archie se provavam incoerentes. Meghan deixou claro que valorizava as experiências de vida que a fizeram compreender melhor as questões sociais que a rodeavam, e começou a desenvolver mais um problema que estava enfrentando com a Família Real, além dos que já foram citados:

MEGHAN: (...) *Graças a Deus eu tive aquela experiência de vida. Graças a Deus, conhecia o valor do meu trabalho. Meu primeiro emprego foi quando tinha 13 anos, em uma loja de iogurte congelado chamada Humphrey Yogart. (...) Eu sempre trabalhei. Sempre valorizei a independência. Sempre fui franca, especialmente sobre os direitos das mulheres. Quer dizer, essa é a triste ironia dos últimos quatro anos... que defendo há tanto tempo que as mulheres usem suas vozes, e então eu fiquei em silêncio.*

OPRAH: *Você ficou em silêncio? Ou você foi silenciada?*

MEGHAN: *O último.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 8-9)

Meghan contou as experiências com o primeiro emprego como uma parte importante para compreender a si mesma na sociedade e o papel que desempenharia. Repetindo o termo “sempre”, ela reconhecia seus direitos e lutava por eles. O senso de coletividade aflorou nela, expressado pelo termo “graças a Deus”, que aparece repetido duas vezes para enfatizar a gratidão pelas vivências que lhe permitiram evoluir. Entretanto, quando chegou à monarquia, ela não foi

⁴ Os países que fazem parte da *Commonwealth* atualmente são: África do Sul, Antígua e Barbuda, Austrália, Bahamas, Bangladesh, Barbados, Belize, Botsuana, Brunei, Camarões, Canadá, Chipre, Dominica, Fiji, Gâmbia, Gana, Granada, Guiana, Ilhas Salomão, Índia, Jamaica, Kiribati, Lesoto, Malásia, Malauí, Maldivas, Malta, Maurício, Moçambique, Namíbia, Nauru, Nigéria, Nova Zelândia, Paquistão, Quênia, Reino de Essuatíni, Reino Unido, Ruanda, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas, Samoa, Seicheles, Serra Leoa, Singapura, Sri Lanka, Tanzânia, Tonga, Trindade e Tobago, Tuvalu, Uganda, Vanuatu e Zâmbia (THE COMMONWEALTH, s.d.).

capaz de continuar atuando em prol da sociedade e pelo próprio bem-estar, como reconhece em “eu fiquei em silêncio”. A pergunta certa de Oprah, em seguida, revelou que a Duquesa não estava em silêncio por conta própria, mas porque a obrigaram: “foi silenciada”. Então, um cenário que já estava se tornando complicado devido ao assédio da mídia e à omissão da Família, se agravou em instantes:

MEGHAN: (...) *Meu entendimento e minha experiência dos últimos quatro anos é de que nada é como parece ser. Não é nada como parece ser. E eu me lembro que muitas vezes as pessoas de dentro da Firma diziam: “Bem, você não pode fazer isso porque vai parecer aquilo. Você não pode”. Então, [Meghan dizia] até mesmo: “Posso sair para almoçar com meus amigos?” [Eles respondiam:] “Não, não, não, você está saturada, está em todo lugar, é melhor que você não saia para almoçar com seus amigos”. Eu disse: “Bem, não tenho saído de casa há meses”. (...) Teve um dia que um dos membros da família, ela veio até mim e disse: “Por que você não fica quieta por um tempinho, porque você está em todos os lugares agora?”. E eu disse: “Saí de casa duas vezes em quatro meses. Eu estou em todo lugar, mas eu não estou em lugar algum”. E desse ponto de vista, continuei dizendo às pessoas: “Sei que há uma obsessão sobre como as coisas parecem, mas alguém já falou sobre como é? Porque agora eu não poderia me sentir mais só”. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 10-11)*

Meghan se via em uma situação delicada: estava sendo silenciada pela “Firma” para não causar mais rebuliço na mídia. Contudo, a Duquesa não acreditava que estava dando motivos, fato que foi manifestado pela frase – “Eu estou em todo lugar, mas eu não estou em lugar algum”. A experiência se tornava solitária, como frisou: “... não poderia me sentir mais só”, pois não podia encontrar os amigos e familiares e Harry não podia estar presente o tempo inteiro.

Pela primeira vez ela usa o termo “Firma”, referindo-se à entidade que administra a monarquia, talvez mais especificamente o departamento de comunicação, dadas as preocupações de relacionamento com a imprensa e preserva da imagem da Família Real. Não deve ser por acaso que utiliza o termo que qualifica a Máfia, *A Firma*. Meghan explica as diferenças entre a “Firma” e a Família Real:

MEGHAN: *É difícil para as pessoas distinguirem os dois porque é... é um negócio de família, certo? (...) Então, tem a família, e aí tem as pessoas que estão administrando a instituição. Essas são duas coisas separadas. E é importante poder compartilhar isso, porque a Rainha, por exemplo, sempre foi maravilhosa comigo. (...)* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 9-10)

Segundo Meghan, havia uma “obsessão sobre como as coisas parecem”, uma preocupação excessiva com a imagem da Família, mas “as pessoas de dentro da Firma”, da instituição, não percebiam o quanto isso era prejudicial. Em algum momento chega a identificar a pessoa que lhe deu um toque como “ela”, o que sugere que era uma mulher, apesar de não lhe dar nome. Comparou a solidão que estava vivendo com o confinamento ocasionado pela pandemia por Covid-19:

MEGHAN: *Houve momentos que ele [o Príncipe Harry] precisava sair para trabalhar ou precisava viajar (...). E assim, havia muito pouco do que eu tinha permissão para fazer. (...) Então, sim, é claro que isso gera solidão quando você vem de uma vida tão plena ou quando você vem da liberdade. Eu acho que o jeito mais fácil agora das pessoas entenderem isso é o que todos passamos no confinamento. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 11)*

Todos os transtornos que envolveram a entrada de Meghan à Família (a negligência da Família em acolhê-la por ser estrangeira; o silenciamento; a atenção constante da imprensa e a falta de proteção contra ela; o título de Archie negado; e as questões raciais) aconteceram simultaneamente em um período de tempo muito curto - desde que se casou com Harry em 2018 até meados de 2019 -, acarretando no declínio da saúde mental de Meghan. A Duquesa, que vivia antes da monarquia uma “vida plena” e com “liberdade”, se sentia presa com as imposições da “Firma”: era “muito pouco o que eu tinha permissão para fazer”.

Oprah salientou os ataques da mídia para contextualizar este triste momento para a Duquesa:

[Oprah narra] Quando Meghan se juntou à Família Real em 2018, ela se tornou alvo de ataques implacáveis e generalizados. Abuso racista online direcionado a Meghan Markle. Havia inegáveis conotações racistas. Isso se destaca do tipo de cobertura que vimos de qualquer outro membro da realeza. Houve críticas constantes, comentários sexistas e racistas flagrantes de tabloides britânicos e trolls da internet. Vimos o racismo contra ela em tempo real. Referindo-se a ela como "direto de Compton"⁵. O ataque diário de vitriolo e a condenação da imprensa do Reino Unido tornaram-se esmagadores e, nas palavras de Meghan, “quase impossível de sobreviver”. [De volta à entrevista]

OPRAH: *(...) O que realmente estava acontecendo? “Quase impossível de sobreviver” soa como se houvesse um ponto de ruptura.*

⁵ Expressão depreciativa, referindo-se ao bairro menos favorecido de Los Angeles, cidade-natal de Meghan.

MEGHAN: *Sim, havia. Eu só não vi solução. (...) Não entendo como tudo isso está sendo produzido. E, de novo, eu não estava vendo, mas é quase pior quando você sente através da expressão da minha mãe ou dos meus amigos, ou eles me ligando chorando: (...) “Meg, eles não estão protegendo você”. E percebi que tudo estava acontecendo só porque eu estava respirando. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 17)*

Meghan era bombardeada de diversas direções, tanto no contexto interno – os impasses com a Família, verdadeiros ou imaginados – quanto no externo, com a depreciação midiática. Ela percebeu que todas as coisas ruins que aconteciam eram “porque estava respirando”, isto é, só o fato dela existir, especificamente por causa de sua cor, estava desencadeando as atrocidades que sofria, uma constatação bem devastadora. A maldade era tanta que estava se tornando “quase impossível de sobreviver”, dando indícios de problemas psicológicos mais graves. Meghan tentou pedir ajuda à Família:

MEGHAN: *(...) Estava com muita vergonha de dizer isso na época e vergonha de ter que admitir isso para Harry, especialmente, porque sei quanta perda ele sofreu. Mas sabia que se não dissesse, eu faria [cometeria suicídio]. (...) Eu só não queria mais estar viva. E esse era um pensamento constante muito claro e real e assustador. (...) Eu me lembro de como ele me embalou. (...) Fui à instituição, e disse que precisava ir a algum lugar para obter ajuda. Eu disse: “Nunca me senti assim antes e preciso ir a algum lugar”. E me disseram que não poderia, que não seria bom para a instituição. (...) Fui a uma das pessoas mais velhas apenas para conseguir ajuda. (...) Tem tantas pessoas que têm medo de falar que precisam de ajuda. E eu sei, pessoalmente, como é difícil não apenas falar isso, mas quando você fala, ouvir um não. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 17)*

Nesta descrição, Meghan descarregou toda a dor em uma frase: “Eu só não queria mais estar viva”. Afirmou não querer sobrecarregar o marido, que já havia experimentado circunstância parecida com a depressão da mãe – “Sei quanta perda ele sofreu”. Porém, os pensamentos sobre suicídio tomavam conta da sua mente e ela não sabia como se desviar. Ao tentar pedir socorro à instituição, deparou-se com mais uma negativa. Ela demonstrou a mágoa, o ressentimento e a incompreensão de que foi vítima quando contou: “... tantas pessoas têm medo de pedir ajuda”...“sei (...) como é difícil (...) falar isso, mas quando você fala, [é mais difícil ainda] ouvir um não”. Ela recorreu a uma pessoa “mais velha”, uma amiga de Diana, para ser aconselhada:

OPRAH: *Você estava pensando em se machucar? Estava tendo pensamentos suicidas?*

MEGHAN: *Sim. Isso ficou muito, muito claro.*

OPRAH: *Uau.*

MEGHAN: *Muito claro e muito assustador. (...) Eu não sabia a quem recorrer. E uma das pessoas que procurei, que continuou sendo amiga e confidente, era uma das melhores amigas da mãe do meu marido, uma das melhores amigas da Diana. Porque (...) quem mais poderia entender o que é realmente por dentro? (HARRY; MARKLE, 2021, p. 18)*

Buscou o amparo dessa amiga de Diana porque provavelmente havia aí um mecanismo de identificação e uma tentativa de proteção; a pessoa saberia como ajudar, já que o restante da Família parecia não se importar com seu bem-estar. Isso ficou claro mais tarde, quando Meghan confessou que a verdade era que, mesmo “à beira do suicídio”, não conseguiu sequer um ombro amigo:

OPRAH: *Bom, do jeito que você está descrevendo isso, é como se você estivesse presa e não conseguisse ajuda, mesmo que você estivesse à beira do suicídio. É isso que você está descrevendo. É isso que estou ouvindo.*

MEGHAN: *Sim.*

OPRAH: *E essa seria uma interpretação precisa, sim?*

MEGHAN: *Essa é a verdade. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 19)*

A primeira parte da entrevista caminha para o fim quando Oprah perguntou os sentimentos da Família ao ouvir a verdade de Meghan:

OPRAH: *Como você se sente em relação ao palácio ouvindo você dizer sua verdade hoje? Você está com medo de uma reação ou de sua reação?*

MEGHAN: *(...) Não sei como eles poderiam esperar que, depois de todo esse tempo, nós ainda ficaríamos em silêncio se houvesse um papel ativo que a Firma estivesse desempenhando [um papel] na perpetuação de falsidades sobre nós. (...) Que, em um certo ponto, você vai dizer: “Mas, pessoal, alguém apenas fale a verdade”. E se isso vem com o risco de perder coisas, (...) tem muita coisa que já foi perdida. (...) E eu sofro muito. (...) Eu perdi meu pai. Eu perdi um bebê. Eu quase perdi meu nome. (...) Há a perda de identidade. Ainda estou de pé, e minha esperança para as pessoas que estão entendendo isso é saber que existe um outro lado. (...) Saber que a vida vale a pena ser vivida. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 21-22)*

A Duquesa compreendeu que o casal não poderia ficar em silêncio diante do que estava vivendo. De acordo com seu relato, a “Firma” teria um papel na

“perpetuação de falsidades” que era o de se omitir diante das inverdades que estavam sendo propagadas. Com isso, ela apontava que um dos principais agentes para todos os problemas que se sucederam à sua entrada na Família teria sido a “Firma”. Ela observou que já havia perdido muitas coisas, então o outro lado deveria assumir alguns riscos e reconhecer o que poderia perder. Apesar de tudo, continuava firme e aceitou conceder a entrevista para ajudar outras pessoas a compreender que “a vida vale a pena ser vivida”.

4.4.1. Harry entra em cena

Neste momento, Harry se juntou à esposa para contar o processo de afastamento da Família Real, fato que teria sido determinante para a melhoria de suas vidas, e começou em 2019 quando os dois se mudaram do Reino Unido para o Canadá.

[Oprah narra] No final de 2019, Príncipe Harry e Meghan deixaram o Reino Unido e se mudaram para o Canadá. O casal diz que escolheu o Canadá, uma comunidade da Grã-Bretanha, com a intenção de continuar servindo à Rainha. Após a mudança, Harry e Meghan disseram que a segurança normalmente fornecida pela Família Real foi cortada. Em março de 2020, poucos dias antes do início do confinamento por Covid-19, Meghan, Harry e Archie se mudaram para Los Angeles, onde o magnata da mídia Tyler Perry⁶ lhes ofereceu sua casa como um refúgio temporário. Ele também forneceu segurança.

Três meses depois eles compraram casa própria e se estabeleceram na área de Santa Bárbara [também nos Estados Unidos]. Na primavera passada, o Duque e a Duquesa de Sussex criaram a própria fundação e uma empresa de conteúdo de mídia chamada Archewell.

OPRAH: *E então vocês ficaram na casa de Tyler Perry por vários meses.*

HARRY: *Três meses, creio eu.*

MEGHAN: *Sim, porque não tínhamos um plano. (...) Nós precisávamos de uma casa e ele ofereceu segurança também, isso nos deu um espaço para respirar e tentar descobrir o que iríamos fazer. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 23)*

Meghan confessou que eles “não tinham um plano”. Em outros termos, haviam se preparado para continuar servindo à Rainha do Canadá - um país da *Commonwealth* - e foram surpreendidos com alguns cortes, deixando-os à deriva e

⁶ Tyler Perry é autor, diretor, roteirista, produtor e comediante nos Estados Unidos. A revista Forbes o apontou como o homem mais bem pago do setor de entretenimento no país em 2011.

vulneráveis a riscos e perigos. A primeira coisa a ser cortada foi a segurança, e naquele momento eles se encontravam em outro país, prestes a eclodir uma pandemia mundial sem data para acabar e sem nenhum resguardo. A salvação foi o “refúgio temporário” oferecido por Tyler Perry em Los Angeles, onde ficaram por três meses até se mudarem definitivamente para uma casa em Santa Bárbara.

Nesse ínterim, o casal decidiu que deixaria os postos de membros seniores da realeza:

[Oprah narra] Em janeiro de 2020, o Príncipe Harry e Meghan anunciaram que eles deixariam de ser membros seniores da Família Real. A rapidez com que tomaram essa decisão, apenas 18 meses depois que se casaram, pegou todos de surpresa, desde a Rainha até o fim.

A notícia bombástica provocou um frenesi na mídia mundial apelidado de “Megxit” pela imprensa britânica. Muitos repórteres e postagens virais culpavam Meghan pela decisão. Em um comunicado oficial, a Rainha Elizabeth disse: “Embora tivéssemos preferido que eles continuassem trabalhando em tempo integral como membros da Família Real, nós respeitamos e entendemos seu desejo de viver uma vida mais independente como uma família enquanto permanecem como uma parte valiosa de minha família”. [De volta à entrevista]

OPRAH: (...) Há mais de um ano, vocês chocaram o mundo. Anunciaram que estavam se afastando da Família Real. E então a mídia reportou que vocês “surpreenderam” a Rainha, sua avó. Então aqui está a hora de esclarecer as coisas. Qual foi o ponto de inflexão que fez vocês decidirem que tinham que sair?

HARRY: Sim, foi desesperador. Eu fui a todos os lugares que achei que deveria ir, para pedir ajuda. Nós dois fomos. (...) Separadamente e juntos.

OPRAH: Então vocês saíram porque estavam pedindo ajuda e não conseguiram?

HARRY: Sim, basicamente. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 24-25)

Meghan complementou a resposta do marido dizendo que não queriam abandonar a realeza, apenas dar “um passo atrás”:

MEGHAN: Nós nunca deixamos a família e só queríamos ter o mesmo tipo de papel que existe, certo? Tem os membros seniores da família e os membros não-seniores. E nós dissemos, especificamente: “Nós estamos nos afastando dos cargos seniores para ser como vários [outros].” (...) Eu consigo pensar em tantos agora mesmo que são (...) altezas reais, príncipe ou princesa, duque ou duquesa... que ganham a vida, vivem em terrenos do palácio, podem apoiar a Rainha se e quando solicitados. Não estávamos reinventando a roda aqui. Estávamos dizendo: “OK, se isso não está funcionando para todos, nós estamos sofrendo muito, vocês não podem nos providenciar a ajuda de que precisamos, nós podemos apenas dar um passo para trás.”

HARRY: Respirar um pouco. (...)

OPRAH: (...) E vocês queriam respirar um pouco do que exatamente? Vamos ser claros.

HARRY: Desta barreira constante. Minha maior preocupação era a história se repetir e eu disse isso em várias ocasiões, bem publicamente. E o que eu estava vendo era a história se repetindo. Mais, talvez. Ou definitivamente mais perigoso porque você adiciona a questão racial e as mídias sociais. E quando eu falo sobre a história se repetindo, eu estou falando sobre minha mãe. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 25)

Oprah quis compreender o que estava sufocando o casal, e Harry explicou que era a “barreira constante”, dando a entender que eram as proibições, e que a Família criava bloqueios contra quem não conseguia se adaptar à realidade de ser um Membro Real. Isso ficou evidente quando Harry comparou o que aconteceu com sua mãe. Ele acreditava que a situação em que se encontravam era “a história se repetindo”: via que o rumo era o mesmo de Diana, especialmente os problemas de saúde mental e agruras com a Família e a imprensa, adicionando “a questão racial e as mídias sociais”; portanto, pior do que foi a experiência de Diana, que havia sido muito complicada. Além disso, Meghan deixou claro que nada do que estavam fazendo era novo – “não estávamos reinventando a roda aqui” –, eles apenas gostariam de viver da forma como outros membros viviam, sem as pressões constantes do dia a dia que estavam degradando a vida do casal. Harry revelou uma relação que existe entre a imprensa britânica e a Família Real para explicar o motivo da instituição não ter tomado uma atitude perante os ataques midiáticos:

HARRY: Quando você vê algo acontecendo da mesma forma, qualquer um pediria ajuda, pediria ao sistema do qual você faz parte - especialmente quando sabe que há uma relação ali - que possam ajudar e compartilhar algumas verdades ou (...) acalmar os cachorros, como quiserem chamar. Então não receber ajuda alguma e ouvir continuamente: “É assim que as coisas são. É apenas como as coisas são. Todos nós passamos por isso” (...) Eu acho que o maior ponto de virada para mim foi (...) bem no começo. (...) Esta união... (...) ter uma namorada seria algo. (...) Mas nunca esperei, ou nunca pensei...

OPRAH: Porque ela era mestiça?

HARRY: Não (...). Eu não havia realmente pensado sobre a parte racial porque (...) não estava ciente disso para começar. Meu Deus, não demora muito para de repente se conscientizar disso. (...) Por mais triste que seja dizer isso, é preciso viver no lugar dela - neste caso, por um dia, ou aqueles primeiros oito dias - para ver onde isso iria e até onde eles iriam.

OPRAH: *E fugir disso?*

HARRY: *E fugir disso e ser tão descarado. Essa é a parte que me chocou. (...) Estamos falando sobre a imprensa do Reino Unido aqui, certo? (...) O Reino Unido é meu lar. (...) Foi onde fui criado. Sim, tenho meu próprio relacionamento que remonta a um longo caminho com a mídia. Eu pedi calma aos tabloides britânicos - uma vez como namorado, uma vez como marido e uma vez como pai. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 25-26)*

Harry mostrou que existe uma relação entre a mídia britânica e a monarquia. A expressão “acalmar os cachorros” deixou clara a existência dessa relação e indicou que a “Firma” recorre aos tabloides quando convém. A justificativa de não terem “acalmado os cachorros” era que as coisas aconteciam daquela forma e todos já haviam passado por isso, demonstrando o descaso da Família em lidar com essa problemática. Ele compreendeu a questão racial quando viveu os primeiros dias com Meghan, e mesmo possuindo uma própria relação com os jornais, nem mesmo o Príncipe foi capaz de conter os abusos. Pediu “calma uma vez como namorado, uma vez como marido e uma vez como pai”, referindo-se a cada fase do relacionamento e mostrando que não havia mudado com o passar do tempo. Não apenas o casal percebeu que a instituição estava sendo desleixada ao lidar com as atrocidades, como também os membros do Parlamento:

HARRY: *Uma das partes mais reveladoras - e uma das partes mais tristes (...) - foi que mais de 70 membros do Parlamento, mulheres membros do Parlamento, tanto Conservadoras quanto Trabalhistas - saíram e apontaram os tons coloniais de artigos e manchetes escritos sobre Meghan. No entanto, ninguém da minha família nunca falou algo ao longo desses três anos. E isso machuca. Estou bem ciente de onde minha família está e de como eles estão com medo dos tabloides se voltarem contra eles.*

OPRAH: *Se voltar contra eles pelo quê? Eles são a Família Real.*

HARRY: *Sim, mas (...) existe esse invisível... o que é denominado ou referido como o “contrato invisível” atrás de portas fechadas entre a instituição e os tabloides, os tabloides do Reino Unido.*

OPRAH: *Como?*

HARRY: *Bem, para simplificar, é o caso de, se você como membro da família estiver disposto a beber, jantar e dar acesso total a esses repórteres, então você terá uma imprensa melhor.*

OPRAH: *Por que você se importa com uma imprensa melhor se você é da realeza?*

HARRY: *Eu acho que todo mundo precisa ter um pouco de compaixão por eles [a realza] nessa situação, certo? Tem um nível de controle por um medo que existe há gerações. (...)* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 29-30)

Nesta exposição, Harry explicou como funciona a relação da mídia com a Família. Segundo o Príncipe, basta “dar acesso” aos jornalistas que “você terá uma imprensa melhor”, ou seja, pode-se afirmar que existe um controle entre uma parte e outra que direciona o que será noticiado no Reino Unido. É um “contrato invisível”, como ele chama, para que a imagem da monarquia não seja prejudicada e os canais de informação tenham a garantia de informações privilegiadas. Isso ficou óbvio em seguida, quando Oprah chama essa relação de “simbiótica”: “um vive porque o outro existe”. Meghan apontou que essa relação foi “o que mudou tudo”, porque o casal sabia que não havia nada a fazer para sair daquela situação.

OPRAH: *Mas quem está controlando quem? É a instituição. Do nosso ponto de vista, apenas o público. (...)*

HARRY: *Sim, mas a instituição sobrevive com base nisso, nessa percepção. (...)*

OPRAH: *Então você está dizendo que existe essa relação [entre imprensa e monarquia] de que Meghan estava contando... é tipo, simbiótica. Um vive ou prospera porque o outro existe.*

HARRY: *(...) Essa é a ideia.*

MEGHAN: *Bem, veja, eu acho que existe uma razão para que todos esses tabloides tenham festas de final de ano no Palácio. Eles são recepcionados pelo Palácio, os tabloides são. Sabe, existe uma construção em jogo ali. E porque desde o início do nosso relacionamento eles estavam atacando tanto e incitando tanto racismo, realmente, isso mudou nosso nível de risco, (...) não era apenas fofoca maldosa. (...) Isso mudou tudo.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 30)

O Príncipe afirmou que a “Firma” não foi capaz de compreender as adversidades que Meghan estava enfrentando nem prestar apoio quando solicitado:

OPRAH: *Então quando eu pergunto: “Por que vocês foram embora?”, a resposta simples é...?*

HARRY: *Falta de suporte e falta de entendimento.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 25-26)

A pergunta de Oprah em seguida deixou claro que o conjunto dessas dificuldades foi determinante para a decisão:

OPRAH: *Então eu quero clareza. A mudança foi sobre fugir da imprensa do Reino Unido? Porque a imprensa, como vocês sabem, está em todo lugar. Ou a mudança foi porque vocês não estavam recebendo apoio suficiente da Firma?*

HARRY: *Ambos. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 26)*

Oprah questionou o que Diana pensaria sobre essa atitude do casal:

OPRAH: *O que você acha que sua mãe diria sobre esse passo atrás, essa decisão de se afastar da Família Real? Como ela se sentiria sobre esse momento?*

HARRY: *Eu acho que ela ficaria muito zangada com a forma como isso aconteceu, e muito triste. Mas, em última análise, (...) tudo o que ela sempre quis é que fôssemos felizes. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 34)*

Harry também opinou que Diana, de alguma forma, teria previsto as complicações que enfrentariam:

HARRY: *Nós não tínhamos um plano. Isso [fechar contratos com plataformas de streaming] nos foi sugerido por outra pessoa no ponto em que minha família me cortou financeiramente, e eu tive que pagar segurança para nós.*

OPRAH: *Espere. Segure... segure um pouco. Espere um minuto. Sua família te cortou?*

HARRY: *Sim, na primeira metade, o primeiro quarto de 2020. Eu tenho o que minha mãe me deixou, e, sem isso, nós não teríamos conseguido. (...) Voltando ao que você me perguntou, o que minha mãe pensaria disso, acho que ela viu isso vindo. E certamente senti sua presença durante todo esse processo. (...) Só estou realmente aliviado e feliz de estar sentado aqui conversando com você e minha esposa do meu lado. Porque eu não consigo começar a imaginar como deve ter sido para ela [Diana] passar por esse processo sozinha todos os anos anteriores, porque tem sido incredivelmente difícil para nós dois, mas pelos menos temos um ao outro. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 34)*

É interessante notar que a presença da Princesa Diana continua a ser marcante na vida do casal, não apenas pelas semelhanças no tratamento da Família para com eles, como também no desamparo e abandono, bem como no trauma sofrido com sua morte.

Mais à frente, Meghan fez uma relação da sua experiência com o filme “A Pequena Sereia”, em que a protagonista, a sereia Ariel, perde a voz para poder viver com o Príncipe Encantado. No final da história a voz dela é restabelecida, e Meghan acreditou que o mesmo aconteceu com ela: a Duquesa teve que viver “silenciada”

por muito tempo enquanto esteve na monarquia, mas ela e o marido ficaram livres da instituição e puderam contar sua história à Oprah.

MEGHAN: (...) *Eu estava sentada na casa de campo de Nottingham [onde Harry morava quando estava solteiro e quando se casou] e A Pequena Sereia começou a passar. (...) E eu disse: “Oh, meu Deus! Ela se apaixonou por um príncipe e, por causa disso, ela deve perder a voz”. (...) Mas no final, ela recupera a voz.*

OPRAH: (...) *E foi isso o que aconteceu aqui? Você sente que recuperou sua voz?*

MEGHAN: *Sim.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 27-28)

O casal determinou que se não fossem as dificuldades que tiveram que enfrentar, ainda estariam na Família:

OPRAH: *Então, em conclusão, se vocês tivessem o apoio, vocês ainda estariam lá?*

MEGHAN: *Sim.*

HARRY: *Eu estou triste que o que aconteceu tenha acontecido, mas (...) estou confortável em saber que nós fizemos tudo o que podíamos para fazer funcionar. E nós fizemos tudo no processo de saída do jeito que deveria ter sido feito.*

MEGHAN: *Com muito respeito.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 36)

Terminamos esta parte trazendo o trecho gravado no outro dia da entrevista que mostra como o casal parece feliz com a nova vida:

OPRAH: *Como vocês estão se sentindo aqui (na casa deles)? Qual é a palavra?*

MEGHAN: *Paz.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 3)

Meghan confessa que gosta de resgatar animais. Ela está vivendo com seu cachorro Guy (resgatado de uma instituição) e construiu um galinheiro (com galinhas salvas do matadouro) para que o filho Archie tivesse contato com o campo:

[Oprah narra] Nós colocamos galochas para alimentar as galinhas que Meghan e Harry haviam resgatado recentemente de uma fazenda industrial. (...)

MEGHAN: (...) *Guy passou por tudo comigo. (...) Eu o tive no Canadá. Eu o peguei em um abrigo para matar em Kentucky.*

HARRY: *Ela sempre quis galinhas.*

MEGHAN: *Bom, você sabe, eu apenas amo resgatar.*

OPRAH: *Então, isso é parte da sua nova vida? Sobre o que vocês estão mais animados?*

MEGHAN: *Eu acho que apenas ser capaz de viver autenticamente. (...) Como esse tipo de coisa. É básico, mas é realmente gratificante. Só voltando ao básico. (...) (HARRY; MARKLE, 2021, p. 3-4)*

Sair da monarquia trouxe um momento de “paz” para o casal, especialmente Meghan, que apontou que agora era “capaz de viver autenticamente”. Ela disse que “é tão básico, mas é realmente gratificante”, dando a entender que a vida fora da realeza é menos complicada e mais feliz. Ficou implícito que ela remontou às experiências que viveu antes de entrar para a monarquia, deixando um sentimento de saudosismo da vida em liberdade. Eles conseguem, enfim, viver o próprio conto de fadas:

OPRAH: *Então, sua história com o príncipe tem um final feliz?*

MEGHAN: *Tem sim. (...) Realmente teve.*

OPRAH: *Tem um final feliz porque vocês fizeram ter.*

MEGHAN: *Sim, melhor do que qualquer conto de fadas que você já leu. (HARRY; MARKLE, 2021, p. 39-40)*

5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

5.1. DIANA E SEUS CICLOS

Retomando a proposta de Motta (2013), existem três planos que permeiam uma narrativa: 1. plano da expressão, que é onde se encontra o discurso e a linguagem utilizada para contar a história; 2. plano da estória, que é onde se encontra o conteúdo de fato; 3. plano da metanarrativa, que contém a bagagem cultural, ética e moral. Os planos são investigados por meio de sete movimentos ou etapas, que neste trabalho foram nomeados como: 1. sintetização da narrativa; 2. compreensão da narrativa; 3. novos episódios; 4. conflito dramático; 5. personagem; 6. estratégias argumentativas; 7. metanarrativas.

Se o primeiro movimento da Análise Crítica da Narrativa é a síntese (p. 35), como parte do segundo movimento - a “compreensão da narrativa” -, foram

distinguidos os dêiticos delimitando alguns pontos de virada que são determinantes para a construção do enredo e da imagem da personagem, principais responsáveis pela repercussão da entrevista na mídia. Segundo Motta (2013), identificar esses pontos de virada em uma narrativa traz uma perspectiva de evolução do ser, em que ele perpassa o ciclo dramático “degradação - reparação - melhoramento”. Examinaremos, em primeiro lugar, a entrevista de Diana e, em seguida, a de Meghan.

Em sua narrativa, Diana cumpriu três principais ciclos dramáticos, que serão distinguidos a seguir por três momentos de virada:

1. O primeiro ponto de virada na narrativa de Diana foi quando ela descobriu sozinha quais eram suas funções. Esse ciclo está inserido no período delimitado por Diana de “um ano após o casamento com Charles”, entre 1981 e 1982. Ela concluiu o ciclo da seguinte maneira: a fase de degradação se deu com o descuramento da Família Real na falta de explicação dos seus deveres. A fase de reparação acontece quando ela se conscientiza do papel que cumpriria, até atingir a fase de melhoramento ao se metamorfosear, de fato, em Princesa de Gales, exercendo plenamente seus encargos.
2. O segundo ponto de virada de Lady Di foi com o lançamento da sua biografia escrita por Andrew Morton, em 1992, e está inserido em um período de tempo de mais ou menos dez anos da vida da Princesa de Gales, entre 1982 e 1992. A fase de degradação pode ser percebida a partir de todas as dificuldades que ela enfrentou ao longo dos anos, desde o princípio, com a depressão, até a traição de Charles. A fase de reparação acontece com o lançamento do livro, o qual ela acreditava que a ajudaria ou, no mínimo, ajudaria outras pessoas que estivessem passando por uma situação parecida. Diana destacou que estava buscando desesperadamente por alguma ajuda, e esse foi o meio que encontrou para ser escutada. A fase de melhoramento veio com a sua autoafirmação de força e, apesar de a separação de Charles não ter sido um bom momento para Diana trouxe muitas dificuldades para a Princesa, mas resolveu uma situação que estava se tornando insuportável para o casal.

3. O terceiro e último ponto de virada na narrativa de Diana é justamente a sua vida separada de Charles, que marca a sua transformação final, começando em 1992 e indo até 1995. A fase de degradação deste ciclo começa quando a Princesa muda seu *status* para “esposa separada de Charles” e sofre com os ataques do “departamento” de Charles em expor suas intimidades com outros homens. O fastígio desta fase ocorre com o lançamento do livro sobre James Hewitt, com quem ela teve relações. A fase de reparação começa quando ela compreende o propósito de tentarem diminuí-la e ela caracteriza esse momento como um jogo de pôquer ou xadrez. A sua fase de melhoramento se dá quando ela ressalta que não ficaria em silêncio e que lutaria para continuar exercendo seus deveres: deixou a vida pública, porém seguiu realizando seu trabalho.

Para cumprir o terceiro movimento, denominado “novos episódios”, foram especificados os principais eventos que possuem autonomia na história e que são essenciais para a construção da narrativa de Diana. Motta (2013, p. 160) defende que “a identificação e a nomeação dos novos episódios podem revelar estratégias semânticas do narrador na construção dos sentidos da estória e os papéis funcionais dessas unidades básicas”. Foram identificados dois principais episódios da narrativa de Diana.

O primeiro episódio nomeamos como “declínio da Princesa Diana”. Este episódio envolve uma rivalidade com seu marido Charles e se prolonga nos anos iniciais da Princesa na Família Real. A decisão do Príncipe de Gales de os dois realizarem seus compromissos separadamente acarretou na queda da saúde mental de Diana, que já estava comprometida pela falta de atenção por parte da Família, e marcou o início desse episódio na narrativa. Com a decisão de Charles, a Princesa desenvolveu depressão e bulimia, que atingiram o ápice quando o marido retomou o relacionamento com a ex-namorada, Camilla Parker-Bowles, marcando o clímax desse episódio. A história da Princesa de Gales começou a mudar quando a sua biografia escrita por Andrew Morton foi lançada, fato que encerra o primeiro episódio e dá início ao segundo.

O segundo episódio foi nomeado “superação da Princesa Diana” e envolve uma rivalidade principal com a Família Real. Esse episódio está inserido no período de tempo entre 1992 até o momento que ela concedeu a entrevista (1995). Inicia-se

logo após o lançamento da biografia, e começa a dar os indícios da força que Diana tem para superar os obstáculos. O livro acarretou no pedido de separação de Charles, algo que Diana nunca quis; ela enfrentou diversos ataques da mídia que, segundo ela, teriam sido articulados pela equipe de Charles na instituição e sinalizaram o clímax desse episódio, pois representam a polêmica Diana *versus* Família Real. A virada de chave acontece com a sua retirada da vida pública e da função de representação (o que Diana chama de "deveres", determinantes para o seu bem-estar). O episódio se encerra com a decisão da Princesa em conceder a entrevista, visto que, nesse momento, ela já se encontrava em situação melhor do que quando estava com Charles.

Em uma análise mais profunda no plano do conteúdo, foram identificadas as estratégias de Diana para construir um "conflito dramático", revelando as intenções da Princesa em defender sua versão da história, conflito esse que foi identificado como sendo a obsessão da mídia por sua figura, o assédio que lhe era feito. O conflito se revela logo no início da narrativa, quando Diana relata os ciúmes de Charles diante da atenção especial dada a ela pelos meios de comunicação. Todas as dificuldades que enfrentou em seguida tiveram como ponto de partida esse momento inicial.

Em diversas ocasiões ela denuncia o que estava sofrendo e, consciente ou inconscientemente, utiliza isso como estratégia para construir o conflito dramático. A narrativa é reforçada por meio das expressões, identificadas no primeiro movimento, utilizadas por ela para destacar o incômodo diante da mídia e o quanto aquilo estava lhe afetando a vida pessoal e profissional.

Toda a narrativa da entrevista – lembramos aqui que trabalhando com a transcrição do evento e sua posterior tradução para o português – ocorre centrada na personagem principal, a Princesa de Gales. Motta (2013, p. 174-175) caracteriza "personagem" como "figura central da narrativa, (...) eixo do conflito em torno do qual gira toda a intriga": é "quem protagoniza a ação, gera conflitos, conduz a intriga, personifica as contraditórias dualidades herói-vilão, marido-mulher, esposa-amante, rico-pobre, jovem-velho, etc.". Sendo assim, nesta entrevista, para cumprir com o quinto movimento, "personagem", a protagonista é a narradora da sua própria história, Diana Spencer, conduzida pelo jornalista Martin Bashir. A narrativa acontece em formato de pergunta e resposta, em que Bashir pergunta e Lady Di responde construindo o enredo. As principais falas em análise foram as de Diana, já que são

estas que contam a história, enquanto as falas de Bashir foram utilizadas aqui como apoio para a compreensão e interpretação das respostas da Princesa.

Podemos identificar que a Princesa constrói sua imagem de uma forma bem sincera: ela revelou inseguranças e demonstrou vulnerabilidade em diversos trechos, especialmente quando apontava os problemas com a mídia, Charles e a Família. Ela confessou doenças e problemas psicológicos e desvendou segredos, como a confissão do caso com James Hewitt, para atestar que estava sendo verdadeira no relato. Diana também agrega características fortes à personagem, em especial no final da entrevista quando ela conta como era a vida longe de Charles e narra suas conquistas como Princesa de Gales, que seriam fundamentalmente sentir-se querida, obter o amor das pessoas.

Ao longo de toda a entrevista foram identificadas as “estratégias argumentativas” – o sexto movimento – empregadas por Diana para compreender os artifícios para se defender. Como explicado no primeiro movimento, a Princesa concedeu esta entrevista para explicar um ponto de vista pessoal. Ao justificar decisões tomadas, como a separação, por exemplo, deixa claro que não partiram de sua pessoa e que estava refém das decisões de Charles. Em alguns momentos ela se apoia na autoafirmação para provar que é uma mulher forte e admite que, como uma mulher de personalidade, provoca constrangimento no sistema em que vive, que não está acostumado com pessoas que questionam e se posicionam, como ela fez. Além disso, ela também acusa a mídia de ser responsável pelos principais problemas que enfrentou e deixa isso em evidência desde o início até o final.

A descrição dos fatos é feita sob o ponto de vista de Diana e das suas experiências pessoais e, nesta pesquisa, a análise é realizada sob essa perspectiva, ignorando-se fatores externos como o posicionamento da Família Real. Para fechar a análise com o sétimo movimento (“metanarrativas”), pretendeu-se encontrar os juízos de valor atribuídos por Diana aos acontecimentos, para compreender o que a Princesa considerava como certo ou errado e o que impulsionou as suas ações.

Quando se tratava de grandes momentos de tomada de decisão, como a separação, Diana optava por não interferir na decisão do marido. Ela não deixa explícito o que pensava disso, mas possivelmente isso era devido às condições sociopolíticas da época, que ainda contava com um cenário de pouca representatividade feminina, ainda mais nesse ambiente da realeza, cercado de patriarcalismo. Diante da mídia, ainda nesse âmbito, a Princesa estava ciente de

que suas características físicas eram o que chamavam a atenção. Esse cenário todo parecia incomodar Diana, e se revela com as atitudes da Princesa em se superar no trabalho e agir, em grande parte, por conta própria.

Ao distinguir os três planos presentes na narrativa de Diana, podemos observar que, no plano da expressão, ao longo de toda a entrevista Lady Di utiliza diversos recursos de linguagem para reforçar sentimentos, como a ironia, comparações e metáforas, que representam os esgotamentos ou os triunfos da Princesa. Este é um artifício muito importante em uma análise para identificar como o narrador pretende criar o efeito do real ou do irreal na narrativa (MOTTA, 2013, p. 145). Durante o primeiro movimento, diversas expressões foram identificadas e interpretadas para observar a forma como Diana estava representando seu modo de sentir e estar.

No plano do conteúdo, Diana centra a narrativa na relação com o marido, focando nos acontecimentos que desencadearam o fim. As principais abordagens são: os desafios em lidar com a atenção da mídia e da imprensa; os problemas psicológicos que a Princesa desenvolveu ao longo dos anos, como depressão e bulimia; o caso extraconjugal do Príncipe de Gales e os efeitos disso no casamento; as dificuldades que ela enfrentou com a Família Real e o “departamento” de Charles na instituição; e as conquistas e êxitos que a Princesa conseguiu ao superar os obstáculos e ao encontrar seu papel na sociedade.

No plano da metanarrativa destaca-se desde o propósito de Diana em ter concedido a entrevista até as razões para a ruptura do casamento e a sua ascensão como Princesa de Gales, identificando-se os fatores que marcaram o sucesso e o declínio, sinalizados e delimitados por Lady Di ao contar a história.

5.2. MEGHAN E O RACISMO

No caso de Meghan Markle, o segundo movimento de "compreensão da narrativa" (MOTTA, 2013) seguiu, neste diagnóstico das duas personagens de nossa pesquisa, os mesmos moldes. Os dêiticos demarcaram os pontos de virada, que designaram a conclusão de três ciclos dramáticos de Meghan, que da mesma forma percorrem as fases de “degradação - reparação - melhoramento”:

1. O primeiro momento de virada na narrativa de Meghan foi a rivalidade criada pela mídia com Kate Middleton, Duquesa de Cambridge, como

ela mesma apontou na sua narração. Esse ciclo teve início no casamento, em 2018, e perdurou entre sete meses a um ano depois da cerimônia (meados de 2019). A fase de degradação tem origem com as notícias divulgadas na mídia e as manchetes desfavoráveis à Meghan, que começaram a minar a imagem e incitar ódio à Duquesa de Sussex. A fase de reparação começou quando Meghan pediu ajuda à instituição para desmentir o caso. Depois de perceber que nada estava sendo feito para reverter o episódio, Meghan se deu conta de que não receberia a proteção prometida. Apesar de não ter sido um bom momento, a fase de melhoramento veio com a elucidação de Meghan de que teria que enfrentar sozinha, junto com o marido, os ataques provenientes da imprensa.

2. O segundo ponto de virada na estória ocorre quando a cor da pele de Archie foi questionada por um dos membros da Família. Esta ocorrência ocorre paralelamente ao episódio com Kate e aos outros acontecimentos: ataques da imprensa e descaso da Família. Tudo aconteceu enquanto Meghan estava grávida: final de 2018 até o final de 2019, com a decisão do casal de se mudar para o Canadá. A degradação é percebida na ocasião dos questionamentos da cor do bebê, quando Meghan se dá conta do preconceito latente, presente na monarquia. Esse acontecimento foi definitivo para a decadência da saúde mental de Meghan. O ápice da degradação foram os pensamentos suicidas. A fase de reparação efetua-se com a tentativa de conseguir ajuda da Família e da instituição, e o insucesso dessas tentativas, o que levou à decisão de deixarem a monarquia. O melhoramento veio após a decisão e com o início do processo de saída, em que Meghan conseguiu enxergar uma luz no fim do túnel.
3. O último ponto de virada desta narrativa efetua-se durante o processo de saída do Reino Unido. Este ciclo encontra-se no período de dezembro de 2019 até janeiro de 2021. Logo após terem deixado a monarquia, o casal se deparou com a segurança e o dinheiro sendo cortados, circunstância que marca a fase de degradação deste ciclo. A reparação aconteceu poucos meses depois, quando os dois conseguiram se estabelecer em segurança temporariamente em Los

Angeles e fechar contratos com as plataformas de *streaming* para se manter financeiramente. A conclusão e o melhoramento deste ciclo são a vitória do casal em ter se livrado da monarquia e se estabelecido de maneira confortável (tanto na esfera financeira quanto na de proteção pessoal) em Santa Bárbara, onde Meghan e Harry vivem em paz até hoje com os dois filhos e os animais resgatados de abrigos.

Nesta narrativa, foi possível identificar três principais episódios que se revelam no terceiro movimento (“novos episódios”). O primeiro episódio foi batizado de “Meghan *versus* Mídia” e desenvolve toda a relação da Duquesa com a imprensa desde o início até o momento presente da estória. Desde que Meghan entrou para a Família Real, a imprensa britânica a retratou de maneira negativa, muitas vezes escancaradamente racista. No início da vida na monarquia, manchetes comparavam Kate e Meghan de uma maneira desproporcional e incoerente. Ao longo do tempo, a Duquesa de Sussex percebeu que não estava recebendo a proteção que a instituição havia prometido. Ela era constantemente atacada pela mídia e a Família ficou omissa diante da situação. Apesar dos esforços para tentar reverter essa circunstância, nada foi feito, e foi apenas quando ela percebeu que essa seria sua realidade contínua que “as coisas mudaram”, por assim dizer. Essa percepção marca o fim do primeiro episódio e o início do segundo.

O segundo episódio é consequência do agravamento das condições impostas no primeiro. Aqui o nomeamos como “Meghan *versus* Firma”. Enquanto ela enfrentava as dificuldades com a imprensa, havia o outro lado da moeda: a Família Real. Quando ela percebeu os ataques midiáticos, procurou a ajuda da instituição, que ao invés de oferecer uma solução, tentou “podá-la”, silenciando-a. Membros da realeza alegaram que ela estava “o tempo todo na mídia”, e por isso deveria ficar mais “quieta”. Isso ocasionou um momento de solidão, que levou a problemas de saúde mental. Além desse cenário, ainda havia outro complicador na história: as questões raciais. Os questionamentos sobre a cor de pele de Archie (ainda não-nascido) levaram ao cume da depressão de Meghan. A situação estava tão difícil que Meghan considerou o suicídio. Percebendo que não havia outra saída, o casal tomou a atitude de entregar os postos de membros seniores da Família Real, fato que determinou o fim deste episódio e marcou o início do terceiro.

O último episódio da narrativa de Meghan é marcado pela vida fora da monarquia. Podemos chamá-lo de “O renascer de Meghan”. Este episódio se inicia

quando o casal decide se mudar do Reino Unido e se estabelece no exterior, inicialmente em um país da *Commonwealth* - o Canadá. Logo quando os dois deixaram a Grã-Bretanha, os problemas começaram a aparecer: a “Firma” cortou a segurança e a verba do casal, que agora contava apenas com a herança de Diana para sobreviver. A alternativa foi fechar contratos com a *Netflix* e o *Spotify*, que alavancaram os planos a um nível superior ao esperado. Apesar das dificuldades que enfrentaram no caminho, Meghan e Harry conseguiram se fixar em segurança nos Estados Unidos e passar a viver uma vida “autêntica” e “livre”, como disseram. A entrevista concedida à Oprah marca essa liberdade com que tanto sonharam.

O “conflito dramático” de Meghan, assim como Diana, é revelado no início da narrativa e também é identificado como sendo os problemas com a imprensa britânica. A diferença aqui é que o caso de Meghan ainda envolve o fator racial, que eleva os obstáculos a um grau mais intenso e “perigoso”, segundo Harry: a depressão e os pensamentos suicidas que provocaram na Duquesa. Os principais problemas que enfrentou no curso da vida na monarquia se deram com a convivência da mídia: os ataques racistas; os desentendimentos com a Família; o silenciamento; e o declínio da saúde mental. Meghan manifestou, com um óbvio desconforto, a ideia de que os tabloides britânicos teriam sido os principais agentes para a construção deste conflito, por ter uma relação íntima com a “Firma”, e esta também teve um papel relevante neste processo, seja na omissão e defesa dela, seja na alimentação de boatos que chegavam aos meios. A resolução do conflito se deu com a saída da monarquia e o estabelecimento em outro país, com a possibilidade de viver uma vida plena e liberta.

No quinto movimento (“personagem”), na entrevista podemos contar com dois personagens principais: Meghan e o Príncipe Harry, conduzidos pela apresentadora Oprah Winfrey na mesma estrutura do diálogo de Diana, em que Oprah pergunta e o casal responde. Para esta entrevista, as falas em análise são de Meghan e Harry, complementadas pelas falas de Oprah. Mesmo que o casal tenha passado pelos mesmos desafios, Meghan se torna um ponto central desta narrativa e do grande motivo da decisão do casal ter abandonado a Família Real. Por causa disso, a Duquesa assume um protagonismo maior que Harry, ainda que ele não deixe de ter relevância devido às providências tomadas no rumo de suas vidas.

Meghan constrói sua imagem de forma parecida com Diana: ela revela fragilidades pessoais e questões íntimas, presentes desde que era criança. Porém,

aqui, a entrevistadora tem um papel fundamental na construção da personagem principal por ser uma pessoa igual à narradora: ambas são mulheres negras norte-americanas. Podemos constatar que em diversos momentos Oprah dá suporte a Meghan para que ela revele questões que se faziam presentes em seu interior, mas a delicadeza do assunto não permitia que fossem externalizadas. E assim a Duquesa configura sua imagem, com doses de heroísmo para uma mulher de cor forte e independente, que ajudou Harry a se desprender de um sistema opressor e preconceituoso.

A grande diferença entre Meghan e Diana se apresenta na avaliação do sexto movimento - “estratégias argumentativas”. Em primeiro lugar, o Príncipe Harry, por ter participado da entrevista, já se apresenta como fazendo parte de uma estratégia para dar credibilidade às informações fornecidas pela Duquesa. Como membro de nascença da Família, este é um argumento muito efetivo para efeitos de convencimento no ouvinte, já que o Príncipe teria um conhecimento muito particular das pautas da monarquia. Em segundo lugar, enquanto Diana ficava à mercê das decisões de Charles, Harry relatou que Meghan foi quem fez o Príncipe “acordar” e perceber que estava preso no sistema; ou seja, quem articulou de fato a saída do casal da monarquia foi Meghan, uma vez que era quem estava sofrendo as consequências, enquanto Harry apenas aproveitou para efetivar a retirada.

As estratégias argumentativas de Meghan se complementam nas “metanarrativas” (sétimo movimento), que ficam muito evidentes ao longo de toda a estória. Os termos utilizados pela Duquesa revelam diversas interpretações presentes no plano da metanarrativa, e aqui tanto Diana quanto Meghan se assemelham na conceituação, mas diferenciam-se na execução, como será observado mais adiante nos resultados das análises.

Meghan veio de uma educação mais privilegiada do que Diana, o que lhe deu vantagem no enfrentamento da instituição monárquica. Enquanto atriz e ativista pelos direitos das mulheres, a Duquesa foi capaz de perceber as atrocidades que estavam sendo cometidas e soube se impor em determinados momentos. Um deles foi o pedido de ajuda para sair da condição em que se encontrava, assumindo os pensamentos mais tenebrosos que estavam em sua mente naquele período. O companheiro Harry foi essencial nessa jornada, que compreendeu as dificuldades – afinal, o preconceito atingiria também seu filho – e tomou uma atitude que mudou (e, como avaliado por Meghan, “salvado”) a vida deste ramo da Família Real.

Em relação aos planos da narrativa, podemos observar que no plano da expressão Meghan destacou suas emoções com expressões fortes e impactantes que foram identificadas no primeiro movimento. Muitas circunstâncias ficaram mais claras graças à utilização desses artifícios – que foram interpretados no primeiro movimento – e reforçaram os sentimentos e a construção da imagem da personagem.

No plano do conteúdo, Meghan descreveu a relação com a Família Real e o relacionamento com a imprensa britânica. Muitas revelações foram feitas, como: os ataques midiáticos e o descaso da Família em protegê-la destes ataques; a ordem de silêncio e a supressão das atividades que gostaria de desempenhar; as questões que giraram em torno da cor da pele; os pensamentos suicidas; o relacionamento entre a mídia e a instituição monárquica; e as dificuldades em sair da monarquia.

Podemos ver, no plano da metanarrativa, como as ações de Meghan foram impulsionadas, e as questões sociais estão o tempo todo presentes nesse relato. Elas são as principais agentes das percepções da Duquesa e de sua concepção sobre o certo e o errado, que se refletiram na resolução dos problemas, inclusive de influência no marido.

5.3. RESULTADOS

O resultado da análise das narrativas de nossas personagens pode ser visto particularmente no plano da metanarrativa e na comparação entre as duas, pois ambas vivenciaram situações muito parecidas em épocas diferentes. Foram identificadas as semelhanças e as diferenças que relacionam as duas entrevistadas, com o objetivo de satisfazer a hipótese desta pesquisa, de que há um favorecimento ou desfavorecimento na construção das imagens das personagens-foco deste estudo, e identificar os pontos de encontro para a construção do retrato na mídia.

A primeira semelhança entre as duas personagens é a posição na Família. Ambas são cônjuges de membros de alto nível da realeza, pertencentes à linhagem mais próxima de sucessão ao trono: os Príncipes Charles e Harry. Isso por si só já demonstrava uma dificuldade que elas enfrentaram igualmente: a adaptação à monarquia, à Família e aos costumes reais. A maior diferença é a origem de cada uma. Diana é uma mulher branca que veio de uma família que já fazia parte da nobreza britânica; ela tinha um mínimo conhecimento sobre o que era fazer parte

desse meio, apesar de ingênua devido à idade em que se casou. Meghan, por outro lado, é uma mulher birracial, divorciada, que veio de uma família comum e norte-americana, então não fazia ideia do que estava por vir. Apesar disso, ficou evidente que nenhuma das duas estava preparada para as consequências de se tornar um Membro Real.

Outro fator em comum é terem “se casado com a monarquia”. Nas duas entrevistas essa expressão é citada e revela o núcleo dos conflitos que enfrentaram ao adentrar esse mundo. Aqui revelamos mais um agente que contribuiu para a dificuldade na adaptação à realeza: a própria Família Real. Diana não conseguiu estabelecer um bom relacionamento com o marido Charles, fato determinante para a maioria das dificuldades que teve de encarar. Meghan apontou obstáculos com alguns membros (não citados), especialmente em relação às questões raciais.

Em contrapartida, a Duquesa de Sussex possuía uma relação muito favorável com o marido Harry; tão favorável que, indiretamente, foi capaz de levá-lo a deixar a Família pelo próprio bem-estar. Charles demonstrou estar no extremo oposto. Sua prioridade era a Família. Na narrativa de Meghan percebemos que a atitude de sair da monarquia partiu de Harry, mas a causa imediata para isso foram as dificuldades que a Duquesa enfrentava. Eles deixaram claro que, se não fosse por isso e pelo corte da subvenção, ainda estariam com seus parentes reais.

Além disso, elas denominaram um “inimigo” comum: a instituição monárquica. Diana chamou de “departamento” e Meghan nomeou-o “Firma”. As duas relataram problemas com a instituição no âmbito do zelo e da prestação de auxílio. Diana sofreu com a falta de explicações sobre as funções que desempenharia, enquanto Meghan não recebeu orientações básicas que, como estrangeira, esperava receber. Também penaram com a falta de apoio quando desenvolveram problemas psicológicos e a instituição mostrou-se alheia a esse acontecimento. O principal foi relacionado à ligação com a mídia: tanto Diana quanto Meghan observaram que os meios de comunicação estavam mais favoráveis à monarquia e as colocavam em uma posição de rivalidade com a Família Real.

Ainda nesse aspecto do relacionamento da Família com a imprensa, as duas apontaram o vínculo que existiria entre as duas entidades. Meghan deixou explícito o “contrato invisível” entre as partes, e Diana já dava indícios deste acordo quando associava os ataques que sofria ao “departamento do marido”, que seria o agente por trás disso. Um panorama muito marcante nas duas narrativas foi a relação tanto

de Diana quanto de Meghan com a imprensa. Em adição à conexão imprensa-Família, ambas sofreram em profundidade com os ataques midiáticos e foram, por diversas vezes, retratadas de maneira negativa.

No início, Diana notou o assédio por estar sempre “nas capas dos jornais”. As características da Princesa, especialmente as físicas, eram os destaques das manchetes. Meghan também foi evidenciada pelas características físicas, mas devido à cor da pele. De um lado, a Princesa de Gales era apontada como uma pessoa “estúpida” por não estar em um nível intelectualmente equiparável ao Príncipe Charles. Mais à frente, sofreu terríveis ataques por estar na companhia masculina. De outro lado, a Duquesa de Sussex era o “Furacão Meghan”, expressão que encobre uma conotação sexual ligada, mais uma vez, às pessoas de cor, e seria a grande provocadora de conflitos na Família Real.

Diana e Meghan também se assemelham nos problemas psicológicos. Elas desenvolveram esses problemas somente após entrar para a Família. As duas viram a saúde mental se agravar drasticamente a partir das situações que enfrentaram. Ambas se viram mais felizes depois de ter deixado a Família Real. Mesmo passando por adversidades no processo de separação da monarquia, elas demonstraram a evolução do ser, evidenciado pelos ciclos dramáticos, depois que se encontraram vivendo do outro lado.

Elas se aproximam do mesmo modo na história de “conto de fadas”. Ambas mencionaram a expressão em sua narrativa, para apresentar como entendiam o casamento e como se viam representadas, na mídia local e internacional, pelas típicas imagens das histórias infantis de princesas. A diferença aqui é que Diana compreendeu que seu “conto de fadas” chegou ao fim depois de ter se separado de Charles, enquanto que o de Meghan foi percebido com um final feliz, já que continuou casada com seu príncipe.

Em conclusão, as duas compartilham uma semelhança de extrema importância: ambas se consideram mulheres fortes, determinadas e independentes. Diana e Meghan não aceitaram que os problemas que estavam enfrentando fizessem parte do dia a dia, e lutaram pelos seus direitos e pelo próprio bem-estar. Apesar de distantes no tempo, elas estão muito próximas na representatividade, tanto no próprio reconhecimento quanto para a sociedade.

6. JORNALISMO BRITÂNICO: HISTÓRIA DA IMPRENSA INGLESA

A história do jornalismo britânico no contexto atual começa por volta do século XV, com a invenção da prensa móvel pelo alemão Johannes Gutenberg, que revolucionou as técnicas de impressão e de propagação da informação (TEMPLE, 2008). Ainda no final do século, depois da chegada da máquina impressora à Inglaterra, os primeiros registros históricos de jornais impressos e disseminação em massa de notícias começaram a surgir na região, e assim o jornalismo irrompeu num papel de extrema relevância na sociedade, na função de informar e formar opiniões do público.

Segundo Williams (2009), o povo britânico é o segundo maior em leitura de jornal em relação a outros países da Europa, atrás apenas dos escandinavos, e grupos⁷ de folhas inglesas como *Sun*, *Mirror*, *Mail*, *Express*, *Telegraph* e *Star* estão entre as dez mais lidas do continente, demonstrando a influência que a imprensa britânica possui não só para a própria população como para o mundo. Além disso, muito do que está presente na cultura e na sociedade inglesas “tem configurado um papel central em moldar os tipos de jornais que temos” (WILLIAMS, 2009, p. 6).

Há uma grande ligação entre a classe social e a leitura de jornais na Grã-Bretanha. Os jornais nacionais são, em grande escala, definidos em linhas de classificação como: “*upmarket*” e “*broadsheet*”; “*middle-market*” e “*middle-brow*”; e “popular” ou “tabloide”. “Aqueles com níveis mais altos de renda, educação e *status* social tendem a ler os jornais de *upmarket* e *broadsheet*, enquanto aqueles no outro extremo leem tabloides em maior quantidade” (WILLIAMS, p. 9 [traduzido pela autora]).

Em outras palavras, os jornais do tipo *upmarket* e *broadsheet* carregam as informações mais importantes para a população em geral nos âmbitos político, econômico e internacional, com as chamadas *hard news* (“notícias duras”). Os jornais *middle-market* e *middle-brow* contêm notícias tanto na esfera das *hard news* quanto na esfera das *soft news* (notícias sem temporalidade ou notícias leves) que trazem informações sobre o universo do entretenimento e social e seriam direcionadas à classe média da população. Os jornais no estilo tabloide apresentam

⁷ Alguns jornais do Reino Unido fazem parte de grupos. No caso do jornal em estudo, existe o grupo *Mirror*, que se divide em *Daily Mirror* e *Sunday Mirror*. O *Daily Mirror* é distribuído diariamente, enquanto o *Sunday Mirror* tem distribuição semanal. Os jornais semanais fazem um resumo dos destaques da semana, enquanto os diários relatam em tempo real o que está acontecendo no mundo. Para tanto, o *Daily Mirror* foi o escolhido para a pesquisa por ser mais completo.

notícias mais sensacionalistas e de cunho popular, focados no contexto das *soft news*. No entanto, não necessariamente os jornais impressos em formato de tabloide são populares no conteúdo. Esse tem sido um formato muito adotado nos últimos tempos por diversos veículos relevantes, por ser um formato menor do que um jornal comum, mais rápido e direto, e por isso vem sendo amplamente adotado pela imprensa britânica (BRITANNICA, 2017a) e do mundo. No Brasil, veja-se o caso da Zero Hora.

Neste trabalho, o jornal escolhido para ser analisado foi o *Daily Mirror*. Em 2016, a tiragem diária era de 716,923 exemplares e apresentou queda nos anos seguintes (GAZETTE, 2017). A versão *online* é atualizada diariamente com informações do dia a dia do Reino Unido e do mundo e possui livre acesso na *internet*⁸. Além de ser um dos mais populares na Inglaterra, é um jornal classificado como *middle-market*, edita-se em formato de tabloide de grande circulação nacional e já esteve envolvido em diversas controvérsias, inclusive com uma das principais personagens deste estudo: Meghan Markle. É um periódico diário de Londres, inaugurado em 1903 e inicialmente difundido como um “jornal para mulheres”. Adotou um formato de tabloide e se notabilizou pela exploração de muitas imagens, com “tipos de histórias sensacionalistas, de interesse humano e pessoais”, segundo a Enciclopédia Britannica (2017b).

O *Daily Mirror* é considerado um dos veículos noticiosos mais relevantes do Reino Unido, especialmente nos assuntos sociais e populares. Diversas informações a respeito da Família Real são divulgadas a cada semana e, apesar de ter sido por muitos anos configurado como um jornal mais favorável à direita, nos últimos tempos tem adotado um posicionamento mais voltado ao Partido Trabalhista da Inglaterra, voltando-se ao lado mais à esquerda da política (THE MIRROR, 2019).

Neste capítulo vamos observar, num primeiro momento, como as entrevistas das personagens-foco deste trabalho foram exploradas pela imprensa, após a transmissão das conversas pela *BBC* de Londres e pela *CBS* de Nova Iorque. Delimitamos o período de tempo de cinco dias (dois dias antes, o dia da entrevista e dois dias depois), para contabilizar a quantidade de matérias publicadas nos cinco jornais de maior circulação da Inglaterra: *The Sun*, *Daily Mail*, *Daily Mirror*, *The Guardian* e *The Independent* (STATISTA, 2021).

⁸ Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/>>.

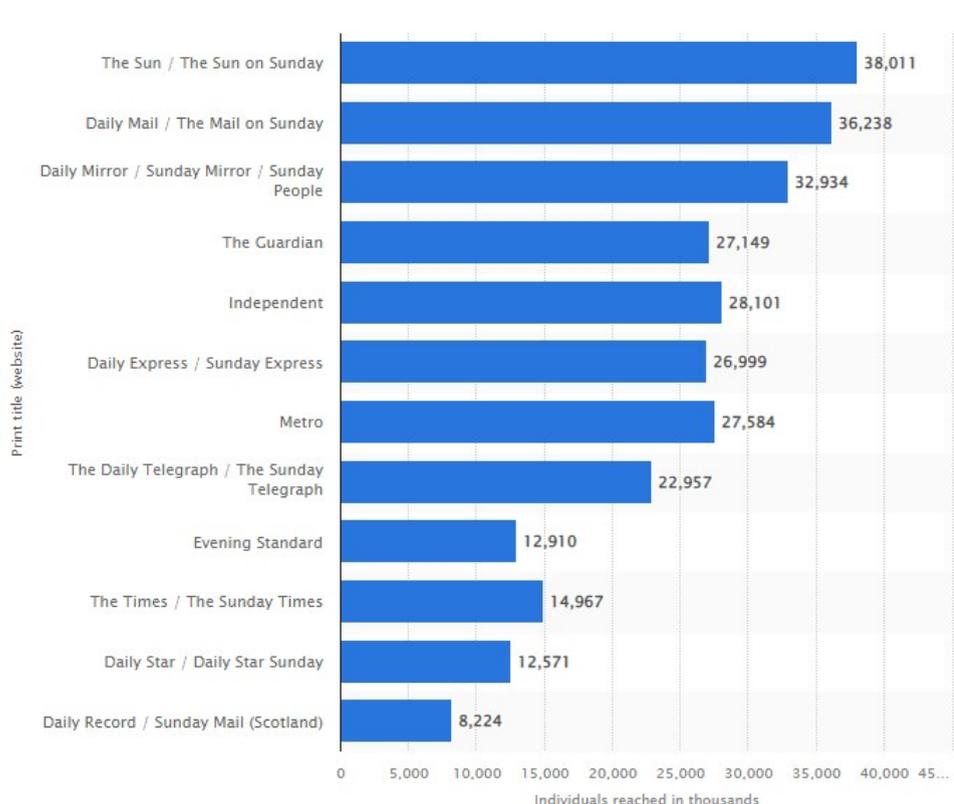
Em seguida, vamos verificar, por meio de análise de conteúdo, duas das matérias de repercussão, investigando-se, por meio do modelo proposto por Bardin (1977), como as personagens foram retratadas pela mídia, buscando-se resolver a hipótese principal desta pesquisa.

6.1. PERSONAGENS *VERSUS* IMPRENSA: COMO DIANA E MEGHAN FORAM RETRATADAS

Aqui utilizaremos o método proposto por Bardin (1977) de análise de conteúdo. Descrevemos no capítulo de Metodologia que este método é dividido em três fases: pré-analítica, analítica e pós-analítica. Neste subcapítulo daremos continuidade à fase analítica, cumprindo a etapa de “leitura flutuante” do material escolhido para a pesquisa na mídia, interpretando-o.

Como parte dos estudos preliminares deste trabalho, foi realizada uma grande pesquisa para determinar quantos e quais seriam os veículos e as notícias de repercussão no período de tempo em que as entrevistas foram transmitidas. Primeiro, os jornais que seriam pesquisados foram escolhidos com base nos dados de circulação no Reino Unido. Encontrou-se que *The Sun*, *Daily Mail*, *Daily Mirror*, *The Guardian* e *The Independent* foram os mais lidos da região em 2021 (FIGURA 5), com dados de quase 40 milhões de pessoas atingidas pelos tabloides mensalmente (STATISTA, 2021).

FIGURA 5 - DADOS DE CIRCULAÇÃO DOS JORNAIS INGLESES NO REINO UNIDO



FONTE: STATISTA (2021).

Dentre os jornais selecionados iniciamos a pesquisa quantitativa da repercussão de cada entrevista, desde o primeiro momento em que elas são citadas pela imprensa até se tornar uma “informação fria”, ou seja, deixar de possuir um dos parâmetros relevantes para ser noticiável: a atualidade (TRAQUINA, 2005).

Começando pela entrevista de Diana, foram encontradas cerca de 34 publicações entre 15 de novembro e 27 de novembro de 1995 (cinco dias antes e sete dias depois da transmissão). Nota-se que “publicações” não é o mesmo que “número de matérias”, pois uma publicação pode conter diversas notícias. Dada a dificuldade de encontrar arquivos de 27 anos atrás, as pesquisas se centraram apenas nos jornais *Daily Mirror*, *The Guardian* e *The Independent*, que possuem livre acesso na *internet*. No *Independent*, foram encontradas 21 matérias sobre a entrevista publicadas no *site* do jornal; no *Guardian*, as capas de cinco edições estampavam matérias sobre a entrevista; já no *Mirror*, a íntegra de oito edições foi identificada com a cobertura da entrevista na maioria das páginas do veículo (TABELA 1).

TABELA 1 - COLETA DE MATÉRIAS DE REPERCUSSÃO DA ENTREVISTA DE DIANA

	Daily Mirror	The Guardian	The Independent
Total geral: 34	Total: 8	Total: 5	Total: 21
15/11/95	1	1	2
16/11/95	1	-	1
17/11/95	1	-	1
18/11/95	-	-	1
19/11/95	-	-	3
20/11/95 (data entrevista)	1	1	2
21/11/95	1	1	4
22/11/95	1	1	2
24/11/95	1	-	2
25/11/95	1	1	1
26/11/95	-	-	1
27/11/95	-	-	1

FONTE: ARQUIVO PESSOAL.

As pesquisas para a entrevista de Meghan seguiram o mesmo método das anteriores. Diferente da entrevista de Diana, como ela é mais recente, foram encontradas publicações em todos os *sites*. No total, avistamos a impressionante quantidade de 1.924 matérias publicadas referentes à entrevista de Meghan entre 15 de fevereiro e 26 de maio de 2021 (20 dias antes e 2 meses e 20 dias depois da transmissão). A citação ainda se estendeu por alguns meses, mas sem o foco em que se encontrava antes, portanto, essas notícias não foram consideradas para os estudos, haja vista que buscamos encontrar o período de repercussão logo antes e após a divulgação das entrevistas.

A principal dificuldade encontrada nas pesquisas foi a ferramenta de busca nos *sites* dos jornais, que por vezes não era tão simples ou fácil de utilizar. No caso da primeira entrevista, recorremos a portais de arquivamento do Reino Unido para encontrar as notícias, onde as buscamos pela data e pelos jornais escolhidos. Para a segunda entrevista, em algumas páginas a busca foi feita por data, verificando-se dia após dia quantas notícias estavam publicadas. Em outros, utilizando uma

combinação de palavras-chaves como “Meghan”, “Harry”, “Oprah” e “*interview*” (“entrevista”), detectamos as referidas publicações.

Outro fator de pesquisa levado em consideração foi a seção em que as notícias se encontravam. Para exemplificar, alguns veículos possuem uma clara distinção entre seções como “*US news*” e “*UK news*”, distinguindo as notícias referentes aos Estados Unidos das do Reino Unido. Em outros, podem ser encontradas seções como “*feminine*”, “*showbiz*” e “*opinion*”, que contêm focos específicos - por exemplo: nas seções “*feminine*”, em geral, encontram-se notícias sobre moda e estilo de vida, enquanto nas seções “*opinion*” localizam-se apenas artigos de opinião de editores e colunistas. Tendo em vista que muitas notícias se repetiam em diferentes seções e algumas delas - como artigos de opinião - poderiam enviesar a pesquisa, focamos principalmente nas seções centrais relativas ao termo “*news*”, incluindo “*UK news*”, “*US news*”, “*world news*” e variantes.

Nessa investigação observou-se que, além do acesso restrito ou limitado dos arquivos de jornais britânicos (especialmente os mais antigos), as notícias publicadas no *Independent* estão com as datas defasadas, possivelmente devido a atualizações. Sendo assim, esse jornal serviu apenas para a contabilização de notícias publicadas e não como foco para as análises. Ademais, realizamos um pré-teste para comparar uma época e outra e chegamos à conclusão de que não haveria como abarcar essa quantidade expressiva de matérias nos estudos. Desse modo, reduzimos o período de tempo de repercussão para cinco dias: dois dias antes, depois e o dia da entrevista. Em números temos: 27 publicações para a entrevista de Diana e 728 matérias para Meghan (TABELA 2).

TABELA 2 - COLETA DE MATÉRIAS DE REPERCUSSÃO DA ENTREVISTA DE MEGHAN

	The Sun	Daily Mail	Daily Mirror	The Guardian	The Independent
Total geral: 728	Total: 159	Total: 208	Total: 186	Total: 41	Total: 134
05/03/21	18	18	16	2	9
06/03/21	17	16	17	3	6
07/03/21 (data entrevista)	23	25	18	5	14
08/03/21	65	93	78	17	64
09/03/21	36	56	57	14	41

FONTE: ARQUIVO PESSOAL.

A partir dessa triagem sorteamos duas matérias do *Daily Mirror* - uma para cada época - para ser o foco de análise, matérias estas que retratam a situação das duas personagens principais. Optou-se por sortear as matérias para que fosse feita uma escolha aleatória e sem juízo de valor por parte da autora, visando a imparcialidade da pesquisa. A seguir vem a parte da análise de conteúdo. Concluída essa etapa, com a obtenção dos resultados, esperamos poder fazer inferências e atingir os objetivos deste estudo.

6.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS DE REPERCUSSÃO

A matéria de repercussão da entrevista de Diana, que foi sorteada para ser analisada, foi publicada no mesmo dia da entrevista, horas antes de ser televisionada: 20 de novembro de 1995. Para fins de análise, dividiremos a notícia em oito partes, a começar pela capa do *Mirror*. A notícia teve destaque na capa (FIGURA 6), ocupando quase todo o espaço, e trata do ponto de vista de Charles sobre a entrevista que Diana deu ao jornalista Martin Bashir e que seria televisionada no mesmo dia. O jornal tentava se antecipar e não perder o bonde da história, dando um grande destaque ao assunto e tomando o partido do marido.

FIGURA 6 - CAPA DO DAILY MIRROR EM 20/11/1995



FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

Assim, a capa estampou uma foto do Príncipe Charles com aparência triste e um título em grandes letras: “Charles: estou extremamente chateado”. Na submanchete: “Jura de divórcio por traição de Di na TV” (destacada em *box* logo abaixo). Com uma acusação velada e usando a palavra “traição” com sentido ambíguo, parece estar claro qual é o lado tomado pela equipe de redação do *Mirror*: fala-se em “traição” da princesa, mas não de Charles, quando o primeiro a buscar uma relação fora do casamento foi ele. (FIGURA 7):

FIGURA 7 - RECORTE DA CAPA DO JORNAL



FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

O texto da chamada mostrou posicionamento do jornal a favor da Família Real: “Chateado, Príncipe Charles finalmente irá despejar Diana – apesar do aviso dela de que não quer o divórcio, [a entrevista será vista] na televisão hoje à noite” – e sugere uma condenação prévia de Diana.

Logo abaixo, a passagem que introduz a notícia às páginas 2 e 3 do jornal diz: “Charles, devastado com o que ele vê como uma traição de sua distante esposa, está numa tentativa de se consolar pela entrevista histórica dela ao programa *Panorama*. Ele está mais cansado do que com raiva. Mas prometeu que Diana nunca será coroada Rainha - e ordenou que assessores elaborassem um plano de divórcio que seria colocado em ação caso sua mãe morresse”. Afirmando que “Diana nunca será a Rainha” e que Charles está reunindo esforços para prosseguir com o planejamento do divórcio, sugere-se que o veículo define de antemão quem é a vilã da história, seguindo a construção que estava sendo feita desde o início.

As duas primeiras páginas do jornal trouxeram mais detalhes sobre essa notícia (FIGURA 8). Uma fala de Charles foi disposta em destaque na segunda página e dizia: “Eu nunca vou deixar aquela mulher se tornar Rainha”. O tom dado à expressão “aquela mulher” sugere, mais uma vez, uma intenção sub-reptícia do redator, James Whitaker, em incriminar Diana pela atitude de conceder a entrevista e por supostas atitudes dela.

FIGURA 8 - PÁGINAS 2 E 3 DO DAILY MIRROR EM 20/11/1995



FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

A notícia em análise foi estampada em duas páginas (2 e 3) e se encontra ao lado da suposta fala de Charles (FIGURA 9):

FIGURA 9 - RECORTE DA MATÉRIA NA PÁGINA 2 DO JORNAL



FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

O lide da notícia, logo abaixo do título “Diana: a entrevista na TV”, afirmava: “Príncipe Charles está extremamente chateado com a insistência da sua distante esposa que não quer um divórcio”. Podemos observar mais uma caracterização negativa para Diana: insistente.

O texto seguia: “Mas ele já deu passos para garantir que Diana nunca será a Rainha. Charles disse: ‘Eu nunca vou me sentar no trono com aquela mulher ao meu lado’. Ele pediu aos ajudantes e conselheiros legais seniores para bolar planos visando ‘marginalizar’ Diana antes de qualquer coroação”. Porém, nenhuma das declarações está contextualizada, ou seja, não se sabe se ele realmente falou tudo isto, quando e como falou, e a quem. Esse parágrafo simboliza as tentativas de Charles em minar a figura de Diana e reforça o lado em que o jornal estava. A seguir (FIGURA 10), a notícia trouxe o relato de um “amigo do Príncipe” – uma fonte em *off* também sem identificação – acerca da possibilidade de Diana se tornar Rainha:

“Você pode ter certeza de que, nesse estágio, o senso comum irá prevalecer. É obviamente ridículo imaginar que esses dois um dia estariam no trono. Não vai acontecer. Nos meses entre a sucessão do Príncipe Charles e a coroação há de haver um divórcio. Questões estão em jogo”.

FIGURA 10 - SEGUNDO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL



FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

Algumas inferências podem ser feitas a partir desse trecho: em “o senso comum irá prevalecer”, ficava implícito que a fonte era de alto nível, para justificar uma opinião sobre o destino da monarquia e destacar que a atitude mais sensata seria afastar Diana, que não poderia chegar ao trono, razão pela qual Charles batalhava por um divórcio. Por outro lado, quando a fonte não-revelada reconheceu que “Questões estão em jogo”, indicou que existiam interesses ocultos por trás do rompimento, e que negociações estavam sendo atrapalhadas por Diana.

Um pouco mais adiante, o mesmo amigo afirmou que “Ele [Charles] está desapontado por que Diana não contou a ele nem à Rainha o que estava planejando”, mas isto talvez denote uma mágoa do próprio veículo por ter sido furado pela *BBC* e a entrevista ter colhido a todos pela surpresa. Os próximos trechos apresentaram a figura de Camilla, que não foi descrita de maneira negativa como Diana foi, e comentaram as intenções da Princesa de Gales em manter o terreno preparado para o filho - Príncipe William - quando for sua vez de assumir o trono (FIGURA 11):

FIGURA 11 - TERCEIRO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL

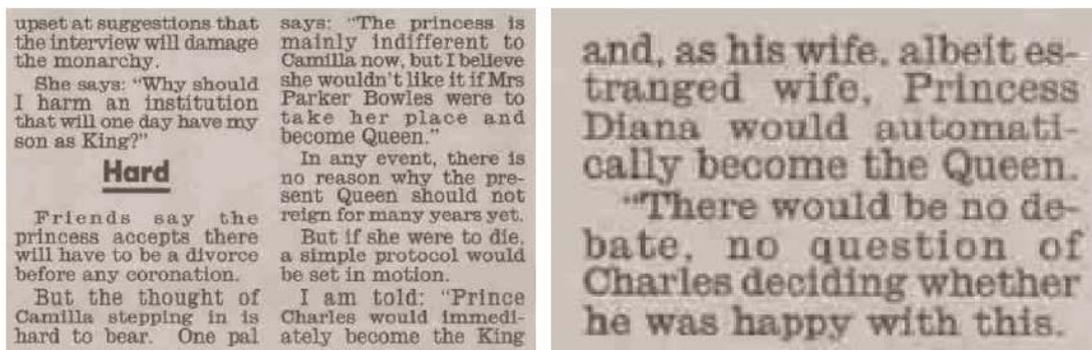


FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

Nesse recorte da notícia, podemos perceber duas construções de personagens: Camilla entrou na história apresentada como “amante de Charles” e como forma de suporte para o Príncipe; eles tiveram uma longa conversa noite adentro “de coração para coração” sobre as “implicações” da entrevista, e foi relatado que Charles pretende convidar Camilla para uma festa em Sandringham “em uma tentativa de roubar o brilho” da viagem de Diana para a Argentina, fato sobre o qual, na entrevista, a princesa relatou estar muito ansiosa e, portanto, essa ação supostamente planejada pelo Príncipe de Gales detonaria o sonho dela.

Enquanto a imagem de Camilla foi concebida de uma maneira neutra ou até positiva, a construção da personagem de Diana se manteve em degradação, como pode ser constatado logo em seguida: “Me disseram que ela concordaria com um divórcio ‘se Charles se ajoelhasse e implorasse’”. Essa sentença adicionou mais uma característica à princesa: impositiva. O próximo trecho também trabalha a imagem da personagem (FIGURA 12):

FIGURA 12 - QUARTO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL



FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

Segundo o relato de um amigo de Diana, ela aceitaria um divórcio antes de qualquer coroação. No entanto, imaginar que Camilla assumiria seu lugar era algo "difícil de lidar", o que a caracterizaria como ciumenta, sem levar em conta as outras intercorrências no casamento. Apesar de admitir que "a princesa é, na maior parte das vezes, indiferente a Camilla", o "amigo" confessou que "ela [Diana] não gostaria que a senhora Camilla Parker-Bowles tomasse seu lugar e se tornasse Rainha". A última parte da notícia começa a exprimir uma rejeição a Diana (FIGURA 13):

FIGURA 13 - ÚLTIMO RECORTE DA MATÉRIA NO JORNAL



FONTE: THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE (s.d.).

Nos últimos trechos da matéria, ainda calcando na possibilidade de Diana se tornar Rainha e os esforços de Charles em evitar que isso tivesse acontecido, o autor descreveu:

Os efeitos negativos da conversa de uma hora com o [jornalista] Martin Bashir, da BBC, já apareceram. O secretário de imprensa de Diana, Geoff Crawford, se demitiu. Ele disse que ficou surpreso pelo fato de que foi deixado no escuro quanto à entrevista. O australiano senhor Crawford estará com a princesa na sua viagem à Argentina essa semana. Mas ele disse que não quer continuar com ela (...). O senhor Crawford disse aos colegas: 'Não faz sentido continuar como porta-voz da imprensa para a princesa se ela me excluir desse jeito'.

Em primeiro lugar, criou-se uma expectativa de “efeitos negativos” da entrevista com o emprego do verbo “já apareceram”. Em segundo lugar, foi apontado que a tendência era Diana perder apoio, já que o próprio secretário de imprensa a havia abandonado e “não queria continuar” com ela. Ficou subentendido com a fala do senhor Crawford que Diana não era confiável, pois havia omitido uma importante informação que era o acerto daquela entrevista sem seu conhecimento, e isso acarretaria a perda da sua rede de apoio.

Passamos agora para a matéria de Meghan. A notícia da entrevista da Duquesa sorteada para análise foi publicada no dia 8 de março de 2021, logo após o vídeo ser transmitido pela rede de televisão *CBS*, em cadeia nacional. Neste trabalho, utilizamos a reportagem que foi publicada no *site* do *Daily Mirror*⁹. Ela se encontra na seção “*TV News*”, que reúne informações a respeito do universo de *showbusiness* e entretenimento, uma das pautas principais do *Daily Mirror*. Como na vez anterior, o veículo parece eleger o tema da Família Real como seu principal valor-notícia e fator de atração da audiência, por isto centrou a matéria no comentário de Harry sobre como Diana se sentiria. Ele admitiu que Diana ficaria “zangada e triste” com a forma como aconteceu (HARRY; MARKLE, 2021, p. 34). Não por acaso, a manchete explora a declaração do filho de Diana, Duque de Sussex (FIGURA 14):

⁹ Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/tv/tv-news/prince-harry-says-diana-would-23632072>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

FIGURA 14 - CAPTURA DE TELA DA MATÉRIA - ENTREVISTA DE MEGHAN



FONTE: THE MIRROR (2021).

“Príncipe Harry diz que Diana ficaria ‘muito zangada e triste’ com os problemas¹⁰ da Família Real”. Em seguida, o subtítulo trouxe uma contextualização da entrevista: “O Duque de Sussex apareceu junto com a esposa Meghan Markle quando eles abriram o bico¹¹ sobre o tempo deles no palácio em entrevista reveladora¹² com Oprah Winfrey”. Logo de cara já podem ser identificadas algumas intenções do jornal no tratamento das informações: ao utilizar a expressão “abriram

¹⁰ A expressão original “*fallout*” significa, de acordo com o dicionário Macmillan, “os efeitos desagradáveis de algo que tenha acontecido”. A expressão análoga no português poderia ser “problemas”, que carrega o mesmo significado, e por esse motivo foi escolhida para esta tradução.

¹¹ A expressão original “*lift the lid on*” significa, também de acordo com o dicionário Macmillan, “contar a alguém sobre algo ruim ou algo que era um segredo”. Temos no português a expressão informal “abrir o bico”, que carrega o mesmo significado, e por esse motivo foi escolhida para esta tradução.

¹² A expressão original “*tell-all*” significa “uma publicação ou declaração revelando uma informação chocante ou escandalosa”, de acordo com o dicionário Macmillan. No português, poderíamos traduzir como “reveladora” por carregar o mesmo significado.

o bico”, que popularmente significa comentar assuntos proibidos ou segredos íntimos que não deveriam vir a público, a matéria parece induzir o leitor a um pensamento negativo a respeito de Meghan e Harry como pessoas não dignas de confiança, que estão indo contra a monarquia, expondo informações que não poderiam ser expostas. O emprego da expressão “entrevista reveladora” ajudou sutilmente a ressaltar esse sentimento, pois “reveladora” possui uma conotação negativa. O texto seguiu com a descrição do ocorrido (FIGURA 15):

FIGURA 15 - CAPTURA DE TELA DA PRIMEIRA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN

Prince Harry said he feels his late mother **Princess Diana** would be "very angry and sad" at how things panned out within the **Royal family**.

The Duke of Sussex appeared alongside wife **Meghan Markle** as they lifted the lid on their time in the palace in a tell-all interview with **Oprah Winfrey**.

The former royals - who are currently expecting a baby girl - discussed the rift between members of the royal family, most notably between Harry and William, as well as Harry with dad **Princes Charles**.

When Oprah probed the duke on what his late mother Diana would think about him stepping back as a senior member of the royal family, Archie's dad said she'd be angry and sad.

FONTE: THE MIRROR (2021).

O primeiro e o segundo parágrafos retomaram as informações apresentadas na manchete e no subtítulo. Em seguida, outras informações apareceram a respeito do desenrolar da entrevista. Porém, o destaque foi encontrado no quarto parágrafo: “Quando Oprah questionou o Duque do que sua falecida mãe Diana pensaria sobre ele dar um passo atrás como membro sênior da Família Real, o pai de Archie disse que ela ficaria zangada e triste”. Podemos perceber uma distorção, possivelmente proposital, no último trecho: dá a entender que Diana teria ficado “zangada e triste” com Harry dar um passo atrás, algo que, na versão original da entrevista, ele não falou:

OPRAH: *O que você acha que sua mãe diria sobre esse passo atrás, essa decisão de se afastar da Família Real? Como ela se sentiria sobre esse momento?*

HARRY: *Eu acho que ela ficaria muito zangada com a forma como isso aconteceu, e muito triste. Mas, em última análise, (...) tudo o que ela sempre quis é que fôssemos felizes.* (HARRY; MARKLE, 2021, p. 34)

Apesar da informação distorcida, esse trecho da conversa com Oprah apareceu logo após, no quinto parágrafo (FIGURA 16):

FIGURA 16 - CAPTURA DE TELA DA SEGUNDA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN

"I think she would feel very angry with how this has panned out and very sad, but ultimately, all she'd ever want is for us to be happy," he told the US host.

Meghan and Harry then moved to Canada before setting up shop in Los Angeles, with Harry revealing that the pair were forced to use money Diana left him because the royal family cut him off financially.

The couple's biggest concern was security and the ability to pay for it.

FONTE: THE MIRROR (2021).

As novas informações que apareceram eram referentes ao corte financeiro. A notícia destacou o fato do casal ter sido “forçado” a usar o dinheiro deixado por Diana. Essa revelação apontou a atitude da Família Real em relação ao casal, o que sugere que ela ficou com a imagem manchada por não estar garantindo a segurança de um valioso membro, como relatado no último parágrafo: “A maior preocupação do casal era a segurança e a capacidade de pagar por isso”. Mais à frente, novos elementos foram revelados (FIGURA 17):

FIGURA 17 - CAPTURA DE TELA DA TERCEIRA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN

"I brought what my mom left me," Harry recalled. "And without that, we would not have been able to [leave], so touching back on what my mother would think of this, I think she saw it coming. I certainly felt her presence throughout this whole process."

Elsewhere in the interview, Meghan revealed she had only left the house "twice in four months" at one point during her life in the royal family as her existence was likened to lockdown.

The pregnant mum-of-one said she was "silenced" by the royals after marrying Prince Harry.

She said she was urged to stay home after not being given permission to go out to lunch with her friends.

FONTE: THE MIRROR (2021).

Esta parte do artigo jornalístico dá ênfase ao relato das restrições e narra o “silenciamento” de Meghan; de acordo com o texto, ela não teria permissão para sair e “sua existência parecia com o confinamento [da pandemia de Covid-19]”. Também aqui o jornal parece apostar no conflito que dá audiência e coloca a monarquia contra a parede: Meghan foi aconselhada pela realeza a ficar em casa, e não pôde sair nem para almoçar com os amigos. Esse acontecimento se desenrolou até a próxima parte, que comprovou o silenciamento de Meghan (FIGURA 18):

FIGURA 18 - CAPTURA DE TELA DA QUARTA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN

Meghan told the US host that she was 'everywhere' in the press which led to her being 'nowhere' in her personal life as she was told to stay home behind closed doors.

She said she'd only stepped foot out of the house two times in a total of four months as Oprah compared her life back then to lockdown now.

Not being able to venture out into the world made Meghan feel "lonely" after being told to "lay low".

FONTE: THE MIRROR (2021).

O texto enfoca a solidão que Meghan estava experienciando. No último parágrafo - “Não ser capaz de se aventurar pelo mundo fez com que Meghan se sentisse ‘sozinha’ depois de lhe ordenarem que ficasse quieta” -, ficou claro qual foi

a atitude da Família para conter a recém-integrante, marcando mais um ponto negativo para a realeza (FIGURA 19). O encerramento da notícia revelou a indignação de Meghan como membro da realeza a partir da comparação feita da vida que estava vivendo com o confinamento da pandemia, dando a entender que, enquanto a pandemia seria algo temporário, a vida na realeza é definitiva, ou seja, ela viveria em confinamento.

FIGURA 19 - CAPTURA DE TELA DA ÚLTIMA PARTE DA MATÉRIA DA ENTREVISTA DE MEGHAN

Oprah said the public can now "relate more" now that they've experienced lockdown, which Meghan said is similar to life as a royal.

FONTE: THE MIRROR (2021).

6.2.1. Discussão

Na notícia de repercussão da entrevista de Diana ficou muito claro o posicionamento do jornal favorável à Família Real. A Princesa de Gales foi martirizada por ter aceitado conceder uma entrevista ao jornalista Martin Bashir e Charles saiu como um *justiceiro do trono* por sua posição de Príncipe e a tentativa bem sucedida de reverter ou esconder sua própria traição com Camilla Parker-Bowles jogando culpas em Diana. Vimos que a imagem de Diana foi construída de maneira negativa, atribuída a características como “traidora”, “ciumenta” e “insistente”. Até mesmo Camilla, a amante do herdeiro do trono britânico, foi pintada com uma imagem minimamente positiva, já que foi o suporte de Charles neste período.

Podemos perceber uma possível relação entre a Família e o veículo para que a figura de Diana fosse negativamente representada e malvista pelo público. Além disso, a notícia estampou mais um exemplo citado por Diana da tentativa do “departamento de Charles” em ofuscá-la e fez emergir algumas das dificuldades que a Princesa enfrentava com a mídia.

Também pode-se perceber que a construção da notícia segue uma sequência lógica para a produção da personagem no imaginário do público. Primeiro, são apresentadas as frustrações de Charles com a concessão da

entrevista, já posicionando Diana como uma figura pouco confiável e contrária à Família que é tão querida pelo povo britânico. Segundo, destaca-se a importância de um divórcio para que ela não chegue ao poder, como se representasse uma ameaça à monarquia. Por último, reforça-se a ameaça, por ter “traído” o próprio assessor de imprensa, que não tinha conhecimento da entrevista e que declarou que não gostaria de trabalhar com ela. O leitor que acompanha essa sequência muito provavelmente adotaria um posicionamento contrário à Princesa por causa das informações que foram apresentadas.

Por outro lado, a notícia de repercussão de Meghan se apresenta de uma maneira mais sutil e relativamente neutra. Começa delineando uma imagem não tão favorável à Duquesa, a deixa de lado, dando destaque ao Príncipe Harry, mas encerra-se com uma imagem negativa da monarquia. Parece óbvio, como na notícia de Diana, um posicionamento favorável à Família Real que, como se sabe, vende.

Num primeiro momento, as informações que o público recebe são as revelações chocantes que Meghan e Harry fizeram na entrevista. A forma como essas revelações foram apresentadas, no entanto, sutilmente os coloca como possíveis vilões, pois uma imagem de delatores e pessoas pouco confiáveis também foi concebida, assim como no caso de Diana. Todavia, mais adiante na matéria, pode-se perceber que a Família Real também prejudicou o casal (e Meghan estava grávida, talvez por isso tenha sido poupada), mostrando que também existe o outro lado.

Embora isso não represente um posicionamento da imprensa, observa-se que existiria uma estratégia para não prejudicar a Família. Quanto a Meghan, que possuía um histórico negativo de relação com a mídia e não tinha o mesmo poder que a monarquia, parece sempre colocada em situação inferior (o Príncipe é o marido, louro e forte). Não deve ter sido por acaso que Meghan escolheu dar entrevista a uma jornalista norte-americana, já que os Estados Unidos são seu país de origem. Comparando as duas notícias, em duas épocas diferentes, percebe-se que houve uma grande diferença no tratamento das duas personagens: Diana foi agressivamente mal-representada pelo jornal e Meghan recebeu uma representação mais sutil e menos descarada, porém notadamente negativa.

7. CONCLUSÕES

Diana e Meghan concederam as entrevistas em momentos delicados de suas vidas. Diana, de um lado, estava vivendo separada de Charles, solitária no Palácio de Kensington, e encarando a possibilidade de um divórcio que não desejava. Meghan, por outro lado, estava buscando segurança para sua família e a liberdade em outro país para fugir da imprensa britânica e dos maus-tratos da Família Real. Diante dessas situações, ambas encontram nas entrevistas uma oportunidade para contar suas verdades e desmistificar a imagem negativa das figuras criadas pela mídia. Elas acreditavam que, ao relatar as situações e os acontecimentos do próprio ponto de vista, o público poderia compreender que a realidade é diferente da percepção de se viver na monarquia e que elas, na verdade, não são as vilãs na história.

As duas relataram a existência de uma figura que administra e conduz tudo o que envolve a Família, especialmente no âmbito da comunicação: a *instituição*, chamada por Diana de “departamento de Charles” e por Meghan de “Firma”. Essa instituição teria o papel de manter os bons costumes presentes na monarquia desde a Idade Média, inclusive, da boa imagem da Família para o público. Porém, as duas cônjuges foram na direção contrária da tradicionalidade, pois perceberam que havia muito obscurantismo por trás dessa instituição, que se revelava como uma “Máfia” que apenas visava o lucro, a boa aparência, a manutenção do poder e da glória. Elas conseguiram enxergar os valores conservadores - como absolutismo, exigências e regras estritas - que as impediam de prosperar profissional e pessoalmente, algo que, como mulheres que carregam valores modernos de empoderamento e afirmação femininos, almejavam na passagem. Portanto, Diana e Meghan foram logo repreendidas pela instituição por ir de encontro aos valores tradicionais e sofreram com os diversos problemas que relataram nas entrevistas.

Mesmo tendo conhecimento de que a Família as enfrentaria por essa atitude, decidiram seguir em frente com os depoimentos para ter a chance de exercer o livre arbítrio e lutar pelos direitos, posicionando-se perante as problemáticas que enfrentavam e demonstrando, como relatado por elas, que possuem força para encarar uma instituição poderosa como a monarquia.

No diálogo de Diana, ela delineou o sofrimento ao longo de muitos anos com a falta de apoio da Família e do marido Charles. Ainda no início do casamento, sua

vida como princesa já se mostrou conturbada devido aos excessos na atenção da mídia onipresente. Atenção essa que acarretou ciúmes do marido, que começou a reprimi-la por ser a preferida do público. A gota d'água foi a publicização do caso extraconjugal de Charles, que levou ao fim do casamento.

Situação semelhante foi vivida por Meghan, nora de Diana. Contudo, a Duquesa de Sussex possuía uma particularidade: a cor da pele. Ela relatou na entrevista que a mídia logo destacou esse fato e, como foi a primeira pessoa birracial a entrar na Família, viu o racismo acontecer em tempo real.

Em ambas as narrativas é possível identificar que a mídia foi o primeiro choque de realidade e um grande fator de colapso. Elas tinham ciência de possíveis dificuldades, embora não contassem com o abandono da instituição, que foi na direção contrária da esperada, omissa diante dos ataques que deterioraram sua imagem ou até promovendo-os, como foi no caso de Diana. Para Di, a mídia foi um dos fatores que acarretou no término do relacionamento com Charles. Foi, inclusive, um dos motivos de sua morte. Ela não desenvolveu um bom relacionamento com a imprensa, chamando-a de “abusiva”, e ao relatar esse fato na entrevista estaria criticando para instigar uma mudança. Por outro lado, Meghan sofreu com os ataques racistas e, com o histórico de atriz e acostumada com os holofotes, usou as armas da exposição midiática para controlar a situação e manter seu relacionamento com Harry, buscando construir uma família longe de problemas.

Por meio das narrativas e apesar de estarem distantes no tempo, podemos observar que Diana e Meghan possuem uma característica em comum muito importante: ambas são mulheres de personalidade forte que não deixaram de se posicionar e evidenciaram as imposições e inflexibilidades da instituição monárquica.

Diana encarou a dificuldade de não receber orientações sobre seus deveres e, ainda, foi julgada por não possuir a mesma educação que os homens, mesmo que os valores da época não permitissem que fosse educada da mesma forma que eles. No final, a Princesa se encontrava realizada com as descobertas que havia feito por conta própria, provando a todos que não necessitava da instituição para desempenhar seu papel e ser feliz.

Meghan, enquanto uma mulher birracial e ativista pelos direitos das mulheres, percebeu que a instituição não seria capaz de lidar favoravelmente com as questões raciais; pelo contrário, estaria revelando um racismo velado através do silenciamento que lhe impuseram e dos questionamentos sobre a cor da pele dos

filhos. Também por conta própria, a Duquesa buscou fazer justiça para não ser rebaixada apenas pela cor da pele e fez com que o marido, que estava preso ao sistema, se libertasse para salvar a família que estavam construindo.

Ambas representam o que é o poder feminino no mundo moderno e denotam grande significância para a sociedade atual. O tempo todo elas tentaram se defender e defender as qualidades que não estavam sendo vistas pela Família: inteligência, proatividade, altruísmo e capacidade de tomar decisões. Elas não eram apenas ferramentas criadas pela monarquia para procriar e gerar sucessores; buscavam se impor e demonstrar que havia um propósito para estarem ali no papel de renovar algo que já estava ultrapassado. Essa tentativa de renovar a monarquia acarretou na exclusão da Família e em julgamentos por parte da mídia por se rebelarem contra a poderosa instituição, e a partir disso voltamos aos problemas de pesquisa:

1) De que maneira a mídia se posiciona diante da Família Real e das entrevistadas?

2) Como a mídia britânica retratou a Princesa Diana e a Duquesa de Sussex Meghan Markle por ocasião das entrevistas?

Foi possível identificar que a mídia se posicionou a favor da Família e retratou as personagens de maneira negativa, comprovado pelas análises de conteúdo das notícias de repercussão das entrevistas. Também foi observado que houve uma evolução entre um período e outro nos tratamentos de cada uma das personagens. Na notícia de Diana ficaram nítidas as dificuldades que a princesa relatou e como sua imagem ficou manchada. Isso demonstrou que possivelmente haveria uma relação entre a imprensa e a Família na época e que a influência da monarquia era mais forte que a luta.

Além disso, podemos observar uma aplicação da teoria de *agenda-setting*: a notícia foi colocada em destaque na capa e nas primeiras páginas do principal tabloide do Reino Unido, o *Daily Mirror*. Seria o primeiro assunto do dia dos leitores, que estavam expostos a um retrato negativo de Diana. Infere-se que a Família estaria cumprindo um papel de filtro das informações que seriam relatadas ao público, como um *news promoter*, de forma que o Príncipe Charles tivesse o destaque. Isso foi percebido a partir da moldura da teoria construcionista (*newsmaking*). Como complemento, utilizamos a teoria da ação política, e verificamos que houve, nas notícias de repercussão das entrevistas em análise, um

desvio dos fatos por parte da mídia a favor da monarquia para coagir o público britânico a adotar um lado da história.

Por outro lado, pela notícia de Meghan publicada pelo Mirror, não ficou claro se há um relacionamento entre mídia e Família. A evolução entre uma época e outra se apresenta neste momento: enquanto na época de Diana a imprensa a importunava e ela foi deixada só, sem proteção, na época de Meghan existia o interesse financeiro por trás do tratamento. Infere-se que, para vender melhor, o jornal não poderia adotar um posicionamento explícito, mas nota-se que a tendência era ser mais favorável à Família Real, que possui um cacife mais elevado que Meghan, tanto no poder aquisitivo quanto no poder político.

Dessa forma, conclui-se que há um possível relacionamento entre monarquia e mídia que não é explícito. O sigilo é mantido para que nenhuma das frentes se prejudique: se o público tiver conhecimento dos meandros dessa relação, a imprensa perderá credibilidade e a instituição pode perder espaço no poder. No entanto, fica claro que é uma relação necessária para a manutenção das respectivas imagens. Apenas quem se prejudica são as pessoas que não pertencem originalmente à Família e tentam transgredir as regras impostas pela Coroa, como foi o caso das nossas personagens.

Ainda assim, um fator em comum entre a Princesa e a Duquesa – que se revelou como um importante valor-notícia para as narrativas – foi a sensação de estar vivendo um conto de fadas. Diana citou essa experiência na entrevista, quando comentou que o público ansiava para que o casamento desse certo, em alusão ao conto de fadas infantil em que o príncipe e a princesa vivem felizes para sempre. No entanto, a vivência de Diana estava sendo tão negativa que ela não via como esse conto de fadas poderia se concretizar e se preocupava com a decepção do público. Apesar disso, ela ressignificou o conto através da conquista profissional, percebido na frase: “As pessoas pensam que no final das contas um homem é a única resposta. Na verdade, um trabalho gratificante é melhor para mim”. Ela encontrou o que realmente a satisfazia: as funções que havia criado para si, e esse foi o seu final feliz.

Meghan também levantou a questão do conto de fadas por meio de uma famosa história infantil: *A Pequena Sereia*. A Duquesa compara sua vida com a da personagem principal do conto, que perde a voz para que possa viver com o príncipe. O silenciamento de Meghan marcou o que seria a perda da voz, e se

desejasse continuar na monarquia assim viveria. Contudo, Meghan foi capaz de se libertar dessa *maldição* e levou seu príncipe junto para que pudessem ter um final feliz, assim como Diana.

Para ambas, o conto de fadas era um valor significativo para ser inserido na agenda das pessoas de forma que suas histórias fossem validadas. O público possui um conceito sobre o conto de fadas original, em que o amor prevalece e os personagens vivem felizes para todo o sempre, custe o que custar. Ao longo das narrativas, elas relataram a forma como seus contos de fadas se concretizaram, mesmo que de uma maneira diferente do que seria esperado.

Diana tinha o sonho de viver ajudando as pessoas e espalhando amor para o povo britânico. No fim, foi capaz de viver o sonho à sua maneira, mesmo que sem um príncipe ao lado, e sim com um trabalho que trazia mais felicidade do que um relacionamento conjugal. Meghan também realizou o sonho, depois que deixou a Família Real e foi viver autenticamente com Harry e os dois formaram uma família, no campo, criando animais resgatados e “voltando ao básico”, como ela mesma caracteriza. O amor, sentimento que simboliza a completude de um conto de fadas, prevaleceu nas histórias, e ambas conseguiram provar nas narrativas, através da idealização que o público possui sobre o que é o conto de fadas, que é possível viver feliz sem estar na monarquia, sem vivenciar a estória de príncipes e princesas. Elas viveram “felizes para sempre” cada uma à sua maneira, mas unidas pela libertação da instituição monárquica.

REFERÊNCIAS

ALTHEIDE, David. *Creating Reality: how TV news distorts events*. Sage Publications, Beverly Hills, 1976.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIOGRAPHY.COM. **OPRAH WINFREY**. [s.l.]. Biography.com, 2010. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100113162633/http://www.biography.com/articles/Oprah-Winfrey-9534419?part=0>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

CANTANHEDE, Y. S.; ZANFORLIN, S. C. As definições do newsmaking: um estudo bibliográfico sobre as perspectivas do conceito. *Anagrama*, São Paulo: USP, ed. 14, n. 1, p. 2. 2020. Semestral. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2020.164265>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

COHEN, B. C. *The Press and Foreign Policy*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

DONOHUE, G.; TICHENOR, P.; OLIEN, C. Gatekeeping: mass media systems and information control. In: KLINE, F. G.; TICHENOR, P. (Org.). *Current perspectives in mass communication research*. Beverly Hills: Sage Publ., p. 41-69, 1972.

EMMYS. **Outstanding Hosted Nonfiction Series Or Special - 2021**. [s.l.]. Emmy Awards, 2021. Disponível em: <<https://www.emmys.com/awards/nominees-winners/2021/outstanding-informational-series-or-special>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

BRITANNICA. **Tabloid Journalism**. [s.l.]. Encyclopedia Britannica, 2017a. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/tabloid-journalism>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

_____. **The Mirror**. [s.l.]. Encyclopedia Britannica, 2017b. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/The-Mirror-British-newspaper>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

FLINT, Joe; VRANICA, Suzanne. Meghan Markle and Prince Harry Interview With Oprah Fetches at Least \$7 Million From CBS. *The Wall Street Journal*, Nova Iorque, 5 mar. 2021. Disponível em:

<<https://www.wsj.com/articles/prince-harry-and-meghan-markle-interview-with-oprah-fetches-at-least-7-million-from-cbs-11614987461>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

GARBARINO, Andrea. **La 'normalizzazione' dei giornalisti**. Ipotesi sugli esiti della socializzazione professionale negli apparati dell'informazione. Sociologia dell'Organizzazione, nº 1, p. 7-53, 1982.

GIEBER, Walter. Across the Desk: A Study of 16 Telegraph Editors. **Journalism Quarterly**, Wisconsin: SAGE Journals, vol. 33, n. 4, 1956.

GOLDING, P.; ELLIOTT, P. **Making the news**. Londres: Longman, 1979.

HALLIN, D. **We Keep America on Top of the World**. Londres: Routledge, 1994.

HARRY & Meghan's Big Hollywood Deals Helped Them Weather the Family Chaos. **Observer**, 3 ago. 2021. Disponível em: <<https://observer.com/2021/03/prince-harry-meghan-markle-netflix-spotify-deals-value-salary/>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

HERMAN, E.; CHOMSKY, N. **Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1988.

HISTORIC UK. **Kings and Queens of England & Britain**. [s.l.]. The History and Heritage Accommodation Guide, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.historic-uk.com/HistoryUK/KingsQueensofBritain/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LEWIN, K. Frontiers in Group Dynamics: II. Channels of Group Life; Social Planning and Action Research. **Human Relations**, ed. 1, n. 2, p. 143-153, 1947.

MARKLE, Meghan; HARRY, Príncipe. Oprah With Meghan And Harry: A CBS Primetime Special. [Entrevista concedida a] Oprah Winfrey. **CBS**, Santa Barbara, 7 mar. 2021. Transcrição disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/news/14277841/meghan-markle-oprah-interview-full-transcript/>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

MARTINS, Luiz. **Teorias da Comunicação: no século XX**. 2. ed. Brasília: Casa das Musas, 2002.

MCCLURE, R.; PATTERSON, T. Setting the Political Agenda: Print vs. Network News. **Journal of Communication**, ed. 26, n. 2, p. 23-28, 1976.

MCCOMBS, M. Elaborating the Agenda-Setting Influence of Mass Communication. **Bulletin of the Institute for Communication Research**, Tóquio: Keio University, n. 7, 1976.

MEGHAN Markle fez Kate Middleton chorar antes de seu casamento com Harry, diz tabloide: Ex-atriz americana teria se implicado com a roupa da filha da cunhada. **Revista Quem**, 28 nov. 2018. Quem News, Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2018/11/meghan-markle-fez-kate-middleton-chorar-antes-de-seu-casamento-com-principe-harry.html>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MORTE de Diana, 'a princesa do povo', completa 20 anos; relembre o acidente e sua repercussão. **G1**, 31 ago. 2017. Mundo, Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/morte-de-diana-a-princesa-do-povo-completa-20-anos-relembre-o-acidente-e-sua-repercussao.ghtml>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MORTON, Andrew. **Diana: Her True Story**. 25th Anniversary ed. Londres: Thorndike Press Large Print, 2017.

_____. **Meghan: A princesa de Hollywood que conquistou a Inglaterra**. Tradução: Leonardo Castilhone. São Paulo: Seoman, 2018. Título original: Meghan: a Hollywood princess.

MOTTA, Luiz. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PRINCE Harry says Diana would be 'very angry and sad' about royal family fallout. **The Mirror**, Londres, 8 mar. 2021. TV News, Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/tv/tv-news/prince-harry-says-diana-would-23632072>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

PRINCES William, Harry Blame Paparazzi For Princess Diana' Death In New Documentary. **CBS News**, Nova Iorque, 23 ago. 2017. New York, Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/newyork/news/william-and-harry-on-dianas-death/>>. Acesso em: 6 mar. 2022.

PRINCESS Diana: Martin Bashir won't face criminal investigation over documents relating to BBC interview, police say. **Sky News**, 4 mar. 2021. Disponível em:

<<https://news.sky.com/story/martin-bashir-wont-face-action-over-diana-interview-police-say-12235643>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PRÍNCIPE Harry e Meghan Markle deixam família real depois de rainha recusar 'meio do caminho'. **O Globo**, 19 jan. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/gente/principe-harry-meghan-markle-deixam-familia-real-depois-de-rainha-recusar-meio-do-caminho-24199729>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

PRINT ABCs: Seven UK national newspapers losing print sales at more than 10 per cent year on year. **Press Gazette**, 23 jan. 2017. Disponível em: <<https://pressgazette.co.uk/print-abcs-seven-uk-national-newspapers-losing-print-sales-at-more-than-10-per-cent-year-on-year/>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

REVEALED: The most watched TV programmes of the last 80 years. **The Telegraph**, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/2016/10/31/princess-diana-interview-among-most-watched-tv-programmes-of-the/>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

ROCHA, Heitor. Habermas e a Teoria do Jornalismo: A Manipulação Ideológica no Jornalismo como Distorção Sistemática da Comunicação. **Contracampo**, Rio de Janeiro: PPGCOM/UFF, n. 17, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i16>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

SHAW, E. Agenda-Setting and Mass Communication Theory. **Gazette**, Leiden, ed. 25, n. 2, p. 96-105, 1979.

SPENCER, Diana. An Interview with HRH The Princess of Wales. [Entrevista concedida a] Martin Bashir. **Panorama**, Londres, 20 nov. 1995. Transcrição disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/news/special/politics97/diana/panorama.html>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

STATISTA. **Monthly reach of leading newspapers in the United Kingdom from April 2019 to March 2020**. United Kingdom: Statista, 2021. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/246077/reach-of-selected-national-newspapers-in-the-uk/#professional>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

TEMPLE, Michael. **The British Press**. Glasgow: Open University Press, 2008.

THE BRITISH NEWSPAPER ARCHIVE. **Resultados da pesquisa do dia 20 de novembro de 1995 do Daily Mirror**. Londres: British Newspaper Archive, [s.d.].

Disponível em:

<<https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/search/results/1995-11-20/1995-11-20?NewspaperTitle=Daily%2BMirror&Issued=BL%2F0000560%2F19951120%2F&County=London%2C%20England>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

THE COMMONWEALTH. **Member Countries**. [s.l.]. The Commonwealth, [s.d.].

Disponível em: <<https://climate.thecommonwealth.org/our-member-countries>>.

Acesso em: 18 abr. 2022.

THE POWER and Paranoia of the BBC's Princess Diana Interview. **The New Yorker**, 27 mai. 2021. Disponível em:

<<https://www.newyorker.com/news/daily-comment/the-power-and-paranoia-of-the-diana-interview>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

THE ROYAL FAMILY. **Diana, Princess of Wales**. [s.l.]. The Royal Family, [s.d.].

Disponível em: <<https://www.royal.uk/diana-princess-wales>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

_____. **The Duchess of Sussex**. [s.l.]. The Royal Family, [s.d.]. Disponível em:

<<https://www.royal.uk/duchess-sussex>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

THOMAS Markle claims Prince Harry and Meghan Markle should leave LA and return to England to 'support the Queen during the coronavirus pandemic'. **Daily Mail**, 29 mar. 2020. Disponível em:

<<https://www.dailymail.co.uk/femail/article-8164467/Thomas-Markle-claims-Prince-Harry-Meghan-Markle-support-Queen.html>>. Acesso em: 6 abr. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, v. 1, 2005.

TUCHMAN, G. The Exception Proves the Rule: the study of routine news practice. In: HIRSCH, P.; MILLER, P.; KLINE, F. (Org.). **Strategies for Communication Research**. Beverly Hills: Sage Publ., p. 43-62, 1977.

TUCHMAN, G. Qualitative Methods in the Study of News. In: JENSEN, K.; JANKOWSKI, N. (Eds.). **A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research**. Londres: Routledge, 1991.

TV CRITICS. **2021 TCA Award nominees**. [S.l.]. Television Critics Association, 2021. Disponível em: <https://tvcritics.memberclicks.net/index.php?option=com_dailyplanetblog&view=entry&year=2021&month=07&day=14&id=55:2021-tca-award-nominees>. Acesso em: 4 abr. 2022.

VOICE of the Mirror: Vote Labour to protect NHS, end poverty and for a kinder Britain. **The Mirror**, Londres, 10 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/news/politics/voice-mirror-vote-protect-nhs-21069336>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

WHAT We Learned From Meghan and Harry's Interview. **The New York Times**, Nova Iorque, 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/03/08/world/europe/recap-of-harry-meghan-oprah-interview.html>>. Acesso em: 4 abr. 2022.

WILLIAMS, Kevin. **Read All About It!**: A History of the British Newspaper. Londres: Routledge, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, Lda., 1995.

APÊNDICE A - TRADUÇÃO DA ENTREVISTA DE DIANA SPENCER A MARTIN BASHIR¹³

BASHIR: Sua Alteza Real, o quão preparada a senhora estava para as pressões que vieram ao se casar com a Família Real?

DIANA: Aos 19 anos, você sempre pensa que está preparado para tudo, e você acha que tem o conhecimento sobre o que está por vir. Mas apesar de estar assustada com a perspectiva naquela época, eu senti que tinha o apoio do meu futuro marido.

BASHIR: Quais eram as expectativas que a senhora tinha para a vida de casada?

DIANA: Eu acho que assim como qualquer casamento, especialmente quando você tem pais divorciados como eu, você quer tentar ainda mais fazer funcionar e não quer cair em um padrão que você viu acontecer em sua própria família. Eu quero deixar claro para todas aquelas pessoas que me amaram e me apoiaram durante os últimos 15 anos que eu nunca as decepcionaria. Eu desesperadamente queria fazer funcionar, eu desesperadamente amava meu marido e eu queria compartilhar tudo juntos, e eu pensei que nós éramos um time muito bom.

BASHIR: O quão ciente a senhora estava do significado do que aconteceu com a senhora? Afinal, você se tornou a Princesa de Gales, em última análise com vistas a se tornar Rainha.

DIANA: Eu não estava assustada, e eu não estou assustada pelas responsabilidades que esse papel cria. Era um desafio, é um desafio. Quanto a se tornar Rainha, isso, isso nunca esteve à frente na minha mente quando eu me casei com meu marido: estava muito longe desse pensamento. O aspecto mais assustador era a atenção da mídia, porque meu marido e eu, nos disseram quando noivamos que a mídia ficaria em silêncio e não aconteceu; e então, quando nos casamos, disseram que ficariam em silêncio e não aconteceu; e então começaram a focar muito em mim, e parecia que eu estava na capa de um jornal todo santo dia, o que é uma experiência muito solitária, e quanto mais alto a mídia te coloca, te posiciona, maior é a queda. E eu estava muito ciente disso.

BASHIR: Como a senhora lidou com a transição em ser Lady Diana Spencer para a mais fotografada, a mais falada, mulher do mundo?

¹³ SPENCER, Diana. An Interview with HRH The Princess of Wales. [Entrevista concedida a] Martin Bashir. **Panorama**, Londres, 20 nov. 1995. Transcrição disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/news/special/politics97/diana/panorama.html>>. Acesso em: 9 fev. 2022.

DIANA: Bem, levou um bom tempo para entender porquê as pessoas estavam tão interessadas em mim, mas eu entendi que era porque meu marido havia feito muitos trabalhos maravilhosos com a chegada do nosso casamento e do nosso relacionamento. Mas então eu, ao longo dos anos, você vê a si mesmo como um bom produto que fica numa prateleira e vende bem, e as pessoas fazem muito dinheiro por sua causa.

BASHIR: Foi sugerido em alguns jornais que a senhora foi deixada em grande parte para lidar com seu novo status por conta própria. A senhora sente que essa foi sua experiência?

DIANA: Sim, eu sinto, em reflexão. Mas então aqui estava uma situação que não havia acontecido antes na história, no sentido de que a mídia estava em todo lugar, e aqui havia uma história de conto de fadas que todo mundo queria que funcionasse. E assim foi, foi solitário, mas também era uma situação em que você não podia sentir pena de si mesmo: você deveria ou afundar ou nadar. E você tinha que aprender isso muito rápido.

BASHIR: E o que a senhora fez?

DIANA: Eu nadei. Nós fomos a Alice Springs, na Austrália, e fomos dar uma volta, e eu disse para o meu marido: “O que eu faço agora?” E ele disse, “Vá até o outro lado e fale com eles.” Eu disse, “Eu não consigo, eu simplesmente não consigo.” Ele disse, “Bem, você tem que fazer isso.” E ele foi embora e fez sua parte, e eu fui embora e fiz minha parte. Isso praticamente acabou comigo algumas vezes, e de repente eu percebi - eu voltei ao nosso quarto do hotel e percebi o impacto que, você sabe, eu tinha que me virar por conta própria. Nós fizemos uma turnê de seis semanas - quatro semanas na Austrália e duas semanas na Nova Zelândia - e no final, quando voltamos da Nova Zelândia, eu era uma pessoa diferente. Eu percebi o senso de dever, o nível de intensidade de interesse, e o papel demandante que agora eu me encontrava.

BASHIR: A senhora estava sobrecarregada pela pressão das pessoas inicialmente?

DIANA: Sim, eu estava muito assustada porque no que me dizia respeito eu era uma gorda, gordinha, de 20 anos, 21 anos, e eu não conseguia entender o nível de interesse.

BASHIR: Nesta fase inicial, a senhora diria que vocês eram um casal feliz?

DIANA: Muito. Mas, a pressão em nós dois como casal com a mídia era fenomenal, e mal compreendida por muitas pessoas. Estávamos dando uma volta na Austrália, por exemplo, e tudo o que você podia ouvir era, oh, ela está do outro lado. Agora, se você é um homem, como meu marido um homem orgulhoso, você se importa com

isso se você escuta todo dia durante quatro semanas. E você se sente mal com isso, ao invés de se sentir feliz e dividir isso.

BASHIR: Quando a senhora diz “ela está do outro lado”, o que quer dizer?

DIANA: Bem, eles não estavam no lado direito para acenar para mim ou me tocar.

BASHIR: Então eles estavam expressando uma preferência pela senhora em vez de seu marido?

DIANA: Sim - o que me fez me sentir muito desconfortável, e eu achei que era injusto, porque eu queria compartilhar.

BASHIR: Mas a senhora ficou lisonjeada pela atenção da mídia particularmente?

DIANA: Não, não particularmente, porque com a atenção da mídia veio muitos ciúmes, uma grande quantidade de situações complicadas devido a isso.

BASHIR: Nesta fase inicial do seu casamento, que papel a senhora via para si mesma como Princesa de Gales? A senhora tinha alguma ideia do papel que gostaria de desempenhar?

DIANA: Não, eu estava muito confusa sobre qual área eu deveria ir. Então eu me encontrei me envolvendo mais e mais com pessoas que eram rejeitadas pela sociedade - com, eu diria, vícios de drogas, alcoolismo, maltratado aqui, maltratado ali - e eu encontrei uma afinidade ali. E eu respeitava muito a honestidade que eu encontrei naquele nível com as pessoas que conheci, porque nos hospícios, por exemplo, quando as pessoas estão morrendo, elas são muito mais abertas e mais vulneráveis, e muito mais reais do que outras pessoas. E eu gostava disso.

BASHIR: O Palácio deu alguma ideia do papel que a senhora teria como Princesa de Gales?

DIANA: Não, ninguém sentou comigo com um pedaço de papel e disse: “Isso é o que é esperado de você.” Mas de novo, eu sou sortuda o suficiente por ter encontrado meu papel, e eu sou muito consciente disso, e eu amo estar com pessoas.

BASHIR: Então a senhora realmente criou o papel que desempenharia de verdade? Foi isso o que a senhora fez?

DIANA: Acho que sim. Eu lembro quando eu sentava nas camas de hospitais e segurava as mãos das pessoas, as pessoas ficavam um pouco chocadas porque elas diziam que nunca haviam visto isso antes, e para mim era uma coisa um tanto

quanto normal de se fazer. E quando eu vi a segurança que uma ação como aquela dava, eu fiz em todo lugar, e sempre farei.

BASHIR: Não demorou muito depois do casamento para a senhora ficar grávida. Qual foi sua reação quando soube que a criança seria um menino?

DIANA: Alívio enorme. Eu senti que o país inteiro estava em trabalho de parto comigo. Alívio enorme. Mas eu já sabia que William seria um menino, porque o ultrassom mostrou isso, então não houve surpresa.

BASHIR: A senhora sempre quis ter uma família?

DIANA: Sim, eu vim de uma família em que éramos quatro, então nos divertíamos muito. E então William e Harry chegaram - felizmente dois meninos, teria sido um pouco complicado se fossem duas meninas - mas isso por si só traz as responsabilidades de criá-los, o futuro do William sendo o que é, e Harry como uma forma de suporte nesse aspecto.

BASHIR: Como o restante da Família Real reagiu quando eles souberam que a sua criança seria um menino?

DIANA: Bem, todo mundo ficou muito entusiasmado. Foi uma gravidez um tanto difícil - eu não estive muito bem ao longo dela - então assim que William nasceu foi um grande alívio porque tudo estava em paz novamente, e eu estava bem por um tempo. Então eu fiquei mal de novo com a depressão pós-parto, a qual ninguém discute, depressão pós-parto, você tem que ler sobre isso depois, e isso por si só foi um tempo um tanto difícil. Você acorda de manhã sentindo que não queria sair da cama, você se sente incompreendido, e apenas muito, muito baixo em si mesmo.

BASHIR: Isso foi completamente fora do personagem para a senhora?

DIANA: Sim, muito. Eu nunca tinha tido uma depressão na minha vida. Mas então quando eu analisei isso, pude ver que as mudanças que eu fiz no último ano me esgotaram, e meu corpo dizia: "Nós queremos um descanso."

BASHIR: Então que tratamentos a senhora fez na verdade?

DIANA: Eu fiz vários tratamentos, mas eu sabia por mim mesma que na verdade o que eu precisava era de espaço e tempo para me adaptar a todos os diferentes papéis que entraram no meu caminho. Eu sabia que eu poderia fazer isso, mas eu precisava que as pessoas fossem pacientes e me dessem espaço para fazer isso.

BASHIR: Quando a senhora diz todos os diferentes papéis que entraram no seu caminho, o que quer dizer?

DIANA: Bem, isso foi em um curto espaço de tempo: em um espaço de um ano minha vida inteira havia mudado, virado de cabeça para baixo, e tiveram momentos maravilhosos, mas também houveram momentos desafiadores. E eu pude ver onde as beiradas grossas precisavam ser suavizadas.

BASHIR: Qual foi a reação da família à sua depressão pós-parto?

DIANA: Bem, talvez eu tenha sido a primeira pessoa na família que tenha tido uma depressão ou era abertamente chorosa. E obviamente isso é assustador, porque se você nunca viu isso antes como você dá suporte?

BASHIR: Que efeito a depressão teve em seu casamento?

DIANA: Bem, isso deu a todos um maravilhoso novo rótulo - Diana é instável e Diana é mentalmente desbalanceada. E infelizmente parece que isso ficou preso ao longo dos anos.

BASHIR: A senhora está dizendo que aquele rótulo ficou preso no seu casamento?

DIANA: Eu acho que as pessoas usaram isso e ficou preso, sim.

BASHIR: De acordo com os registros da imprensa, foi sugerido que foi por volta dessa época que as coisas começaram a ficar tão difíceis que a senhora na verdade tentou se machucar.

DIANA: Mmm. Quando ninguém te escuta, ou você sente que ninguém está te escutando, todo o tipo de coisa começa a acontecer. Por exemplo, você tem tanta dor dentro de você mesmo que você tenta e machuca a si mesmo por fora porque você quer ajuda, mas é a ajuda errada que você está pedindo. As pessoas vêem isso como um alarme sem razão ou busca por atenção, e eles pensam que porque você está na mídia o tempo todo você recebe atenção o suficiente, aspas. Mas eu estava na verdade chorando porque eu queria ficar bem para poder seguir em frente e continuar com meu dever e meu papel como esposa, mãe, Princesa de Gales. Então sim, eu me machuquei. Eu não gostava de mim mesma, eu estava envergonhada porque eu não consegui lidar com a pressão.

BASHIR: O que a senhora realmente fez?

DIANA: Bem, eu apenas machuquei meus braços e minhas pernas; e eu trabalho em ambientes agora onde eu posso ver mulheres fazendo algo parecido e eu sou capaz de entender completamente de onde elas vêm.

BASHIR: Qual foi a reação do seu marido a isso, quando a senhora começou a se machucar desse jeito?

DIANA: Bem, na verdade eu não fazia isso na frente dele. Mas obviamente qualquer um que ama alguém ficaria bem preocupado sobre isso.

BASHIR: Ele entendia o que estava por trás do ato físico de se machucar, a senhora acha?

DIANA: Não, mas então nem muitas pessoas teriam tirado um tempo para ver isso.

BASHIR: A senhora foi capaz de admitir que estava de fato mal, ou a senhora se sentiu compelida a simplesmente continuar atuando como a Princesa de Gales?

DIANA: Eu me senti compelida a atuar. Bem, quando eu digo atuar, eu estava compelida a sair e realizar meus compromissos e não magoar as pessoas e dar suporte a elas e amá-las. E de certa maneira ao estar em público eles me deram suporte, apesar de não estarem cientes do quanto estavam me curando, e isso me carregou.

BASHIR: Mas a senhora sentiu que teve que manter a imagem pública de uma sucedida Princesa de Gales?

DIANA: Sim eu senti, sim eu senti.

BASHIR: A depressão foi resolvida, como a senhora diz, mas em seguida foi reportado que a senhora sofria de bulimia. Isso é verdade?

DIANA: Sim, eu sofria. Eu tive bulimia por muitos anos. E essa é como uma doença secreta. Você se machuca porque sua autoestima está muito baixa, e você não pensa que é digno ou valioso. Você preenche seu estômago de quatro a cinco vezes ao dia - alguns fazem mais - e isso dá uma sensação de conforto. É como ter um par de braços à sua volta, mas é temporário. Então você sente nojo do inchaço no seu estômago, e então você traz tudo de volta. E é um padrão repetitivo o qual é muito destrutivo para si mesmo.

BASHIR: Com que frequência a senhora faria isso diariamente?

DIANA: Depende da pressão. Se fosse no que eu chamo de um dia fora, ou eu estive pelo país durante o dia inteiro, eu chegaria em casa me sentindo bem vazia, porque meus compromissos àquela época seriam com pessoas morrendo, pessoas muito doentes, problemas matrimoniais das pessoas, e eu chegaria em casa e seria muito difícil saber como me confortar depois de ter confortado muitas outras pessoas, então seria um padrão regular pular para dentro da geladeira. Era um

sintoma do que estava acontecendo no meu casamento. Eu estava implorando por ajuda, mas dando os sinais errados, e as pessoas estavam usando a bulimia como um “casaco no cabideiro”: eles decidiram que esse era o problema - Diana era instável.

BASHIR: Ao invés de olhar por trás do sintoma da causa.

DIANA: Uh, uh.

BASHIR: Qual era a causa?

DIANA: A causa era a situação em que meu marido e eu tínhamos que manter tudo nos conformes porque nós não queríamos desapontar o público, e ainda que obviamente havia muita ansiedade acontecendo em nossas quatro paredes.

BASHIR: A senhora quer dizer entre vocês dois?

DIANA: Uh, uh.

BASHIR: E então a senhora se sujeitou a essa fase de se machucar e vomitar?

DIANA: Você pode dizer a palavra sujeitar, mas era meu mecanismo de escape, e isso funcionou, para mim, naquela época.

BASHIR: A senhora buscou ajuda de algum outro membro da Família Real?

DIANA: Não. Você, você tem que saber que quando você tem bulimia você fica muito envergonhado de si mesmo e você se odeia, então - e as pessoas pensam que você está desperdiçando comida - então você não discute isso com as pessoas. E a coisa sobre bulimia é que seu peso sempre mantém o mesmo, enquanto a anorexia você visivelmente encolhe. Então você pode fingir durante todo o caminho. Não há provas.

BASHIR: Quando a senhora diz que as pessoas pensariam que estava desperdiçando comida, alguém sugeriu isso para a senhora?

DIANA: Oh sim, várias vezes.

BASHIR: O que foi dito?

DIANA: Bem, era apenas, “Eu imagino que você vai desperdiçar essa comida mais tarde?” E isso era uma pressão por si só. E claro que eu iria, porque aquilo era minha válvula de escape.

BASHIR: Por quanto tempo essa bulimia durou?

DIANA: Muito tempo, muito tempo. Mas eu estou livre disso agora.

BASHIR: Dois anos, três anos?

DIANA: Mmm. Um pouco mais que isso.

BASHIR: De acordo com os registros da imprensa nacional, foi por volta dessa época que a senhora começou a experienciar dificuldades no seu casamento, no seu relacionamento com o Príncipe de Gales. Isso é verdade?

DIANA: Bem, nós éramos um casal recém-casado, então obviamente que tivemos essas pressões também, e nós tínhamos a mídia, que era completamente fascinada por tudo o que fazíamos. E foi difícil compartilhar esse fardo, porque eu era a que sempre era lançada na frente, fossem minhas roupas, o que eu dizia, como meu cabelo estava, tudo - o que era um assunto bem chato, na verdade, e foi exaustivo ao longo dos anos - quando na verdade tudo o que queríamos ser, o que queríamos que fosse suportado era nosso trabalho, e como um time.

BASHIR: Que efeito teve o interesse da imprensa sobre a senhora em seu casamento?

DIANA: Tornou isso bem difícil, porque para a situação em que era um casal trabalhando no mesmo trabalho - nós saímos do mesmo carro, apertamos as mesmas mãos, meu marido fazia os discursos, eu fazia o aperto de mãos - então basicamente nós éramos um casal fazendo o mesmo trabalho, o que é muito difícil para qualquer um, e mais ainda se você tem toda a atenção para você. Nós sofremos um pouco com isso, foi bem difícil; e então meu marido decidiu que faríamos compromissos separados, o que foi um pouco triste para mim, porque eu gostava da companhia. Mas, de novo, eu não tive escolha.

BASHIR: Então não foi a seu pedido que a senhora fez isso sozinha?

DIANA: De jeito nenhum, não.

BASHIR: A biografia do Príncipe de Gales escrita por Jonathan Dimbleby, a qual a senhora sabe que foi publicada ano passado, sugeria que a senhora e seu marido tinham perspectivas muito diferentes, interesses muito diferentes. A senhora concordaria com isso?

DIANA: Não. Eu acho que nós tínhamos muitos interesses - nós dois gostávamos de pessoas, ambos gostávamos da vida no campo, ambos amávamos crianças, trabalhar no campo do câncer, trabalhar em hospícios. Mas eu era retratada pela

mídia naquela época, se eu bem me lembro, como alguém, “porque eu não havia passado em nenhum nível O e tirado nenhum nível A”, eu era estúpida. E eu cometi o grande erro de dizer uma vez a uma criança que eu era grossa como uma tábua, para aliviar o nervosismo da criança, o que aconteceu. Mas a manchete rodou o mundo inteiro, e eu prefiro me arrepender de ter dito isso.

BASHIR: O Príncipe de Gales, em sua biografia, é descrito como um grande pensador, um homem com uma tremenda variedade de interesses. O que ele pensava sobre os seus interesses?

DIANA: Bem, eu não acho que eu tinha permissão para ter algum. Eu acho que sempre fui a garota de 18 anos com quem ele noivou, então eu não acho que me deram o crédito para crescimento. E, meu Deus, eu tive que crescer.

BASHIR: Explique o que a senhora quer dizer quando diz isso.

DIANA: Bem, er...

BASHIR: Quando a senhora diz, quando a senhora diz que nunca recebeu nenhum crédito, o que a senhora quer dizer?

DIANA: Bem, qualquer coisa boa que eu fazia ninguém dizia algo, nunca disseram, “muito bem”, ou “isso foi OK?” Mas se eu tropeçava, o que invariavelmente acontecia, porque eu era nova no jogo, uma tonelada de tijolos caía sobre mim.

BASHIR: Como a senhora lidou com isso?

DIANA: Bem, obviamente havia muitas lágrimas, e poderia mergulhar na bulimia, na fuga.

BASHIR: Algumas pessoas achariam isso difícil de acreditar, que a senhora tinha muita coisa para lidar sozinha, e a descrição que a senhora deu sugere que seu relacionamento com seu marido não era muito bom mesmo no começo.

DIANA: Bem, nós tivemos pressões únicas colocadas sobre nós, e nós dois tentamos nosso melhor para encobri-las, mas obviamente não era para ser.

BASHIR: Por volta de 1986, de novo de acordo com a biografia escrita por Jonathan Dimpleby sobre seu marido, ele diz que seu marido renovou seu relacionamento com a senhorita Camilla Parker-Bowles. A senhora estava ciente disso?

DIANA: Sim eu estava, mas eu não estava em posição para fazer algo sobre isso.

BASHIR: Que evidência a senhora teve de que seu relacionamento continuava mesmo os senhores estando casados?

DIANA: Ah, o instinto de uma mulher é muito bom.

BASHIR: Isso é tudo?

DIANA: Bem, eu tinha, obviamente eu tinha conhecimento disso.

BASHIR: Pelos funcionários?

DIANA: Bem, de pessoas que se importavam com nosso casamento, sim.

BASHIR: Que efeito isso teve na senhora?

DIANA: Bem devastador. Bulimia desenfreada, se você pode ter bulimia desenfreada, e apenas um sentimento de não ser bom em nada e ser inútil e sem esperança e fracassado em todas as direções.

BASHIR: E com um marido que estava tendo um relacionamento com outra pessoa?

DIANA: Com um marido que amava outra pessoa, sim.

BASHIR: A senhora realmente achava isso?

DIANA: Uh, uh. Eu não achava, eu sabia disso.

BASHIR: Como a senhora sabia?

DIANA: Pelas mudanças de padrão de comportamento no meu marido; por todas as razões que o instinto de uma mulher produz; você simplesmente sabe. Já era difícil, mas se tornou cada vez mais difícil.

BASHIR: No sentido prático, como isso se tornou difícil?

DIANA: Bem, as pessoas estavam - quando eu digo pessoas eu quero dizer amigos, do lado do meu marido - estavam indicando que eu era novamente instável, doente, e deveria ser colocada em algum tipo de casa para melhorar. Eu era quase uma vergonha.

BASHIR: A senhora acha que ele realmente pensou isso?

DIANA: Bem, não há maneira melhor de desmantelar uma personalidade do que isolá-la.

BASHIR: Então a senhora estava isolada?

DIANA: Uh, uh, bastante.

BASHIR: A senhora acha que a senhorita Parker-Bowles foi um fator para o colapso do seu casamento?

DIANA: Bem, havia três de nós nesse casamento, então estava um pouco lotado.

BASHIR: Os senhores estão efetivamente vivendo vidas separadas, mas em público há essa aparência desse casal real feliz. Como isso foi visto pela Família Real?

DIANA: Eu acho que todos estavam muito ansiosos porque eles podiam ver que haviam complicações mas não queriam interferir, mas estavam lá, avisaram que estavam lá se necessário.

BASHIR: A senhora acha que foi aceito que se pudesse viver efetivamente duas vidas - uma em privado e outra em público?

DIANA: Não, porque mais uma vez a mídia estava muito interessada em nossa configuração, aspas; quando viajamos para o exterior, nós tínhamos apartamentos separados, apesar de estarmos no mesmo andar, então é claro que isso vazou, e isso causou complicações. Mas Charles e eu tínhamos nossos deveres para cumprir, e isso era primordial.

BASHIR: Então de certa forma a senhora lidou com isso, essas duas vidas, por causa do seu dever?

DIANA: Uh, uh. E nós éramos um ótimo time em público; apesar do que acontecia no privado, nós éramos um bom time.

BASHIR: Algumas pessoas achariam isso difícil de conciliar.

DIANA: Bem, isso é problema delas. Eu sei como foi.

BASHIR: A Rainha descreveu 1992 como seu “annus horribilis”, e foi nesse ano que o livro de Andrew Morton sobre a senhora foi publicado. A senhora conheceu Andrew Morton ou o ajudou pessoalmente com o livro?

DIANA: Eu nunca conheci ele, não.

BASHIR: A senhora o ajudou pessoalmente a escrever seu livro?

DIANA: Muitas pessoas viram a angústia em que minha vida estava, e eles sentiram que era algo de apoio ajudar da maneira que fizeram.

BASHIR: A senhora permitiu seus amigos, seus amigos próximos, a falar com Andrew Morton?

DIANA: Sim, permiti. Sim, permiti.

BASHIR: Por quê?

DIANA: Eu estava no fim das minhas forças. Estava desesperada. Eu acho que estava tão farta de ser vista como alguém que era um caso perdido, porque eu sou uma pessoa muito forte e eu sei que isso causa complicações no sistema em que eu vivo.

BASHIR: Como um livro mudaria isso?

DIANA: Eu não sei. Talvez as pessoas compreendam melhor, talvez tenham várias mulheres por aí que sofram do mesmo nível mas em um ambiente diferente, que são incapazes de se defenderem porque sua autoestima está partida em dois. Eu não sei.

BASHIR: Que efeito a senhora acha que o livro teve em seu marido e na Família Real?

DIANA: Eu acho que eles ficaram chocados e horrorizados e muito desapontados.

BASHIR: A senhora consegue entender por quê?

DIANA: Eu acho que o livro do Sr. Dimpleby foi um choque para muitas pessoas e desapontante também.

BASHIR: Que efeito teve o livro de Andrew Morton no seu relacionamento com o Príncipe de Gales?

DIANA: Bem, o que estava escondido - ou melhor, o que achávamos que estava escondido - veio à tona e foi falado diariamente, e a pressão era para que resolvêssemos de certa forma. Nós iríamos ficar juntos ou iríamos nos separar? E a palavra separação e divórcio continuou aparecendo na mídia diariamente.

BASHIR: O que aconteceu depois que o livro foi publicado?

DIANA: Bem, nós lutamos. Fizemos nossos compromissos juntos. E a nossa vida privada estava obviamente turbulenta.

BASHIR: As coisas vieram à tona?

DIANA: Sim, devagar, sim. Meu marido e eu, nós discutimos isso bem tranquilamente. Nós podíamos ver o que o público estava querendo. Eles queriam clareza de uma situação que estava obviamente se tornando intolerável.

BASHIR: Então o que aconteceu?

DIANA: Então nós reunimos os advogados, discutimos separação - obviamente havia muitas pessoas com quem discutir: o Primeiro Ministro, Sua Majestade - e então a coisa mudou, por assim dizer.

BASHIR: Em dezembro daquele ano, como a senhora diz, os senhores concordaram com uma separação legal. Quais eram seus sentimentos na época?

DIANA: Profunda, profunda, profunda tristeza. Porque nós lutamos para continuar, mas obviamente nós dois perdemos o fôlego. E de certa forma eu suponho que tenha sido um alívio para nós dois termos finalmente decidido. Mas meu marido pediu pela separação e eu o apoiei.

BASHIR: Não foi sua ideia?

DIANA: Não. De jeito nenhum. Eu venho de uma família divorciada, e eu não queria entrar nessa de novo.

BASHIR: O que aconteceu em seguida?

DIANA: Nós, eu pedi para meu marido se podíamos anunciar antes que as crianças voltassem da escola para as férias de Natal porque elas estavam protegidas na escola em que estavam. E ele fez isso, e saiu no dia 9 de dezembro. Eu estava em um compromisso no norte. Eu ouvi na rádio, e foi apenas muito, muito triste. Realmente triste. O conto de fadas chegou ao fim, e o mais importante nosso casamento havia tomado um turno, um turno diferente.

BASHIR: Os senhores contaram para suas crianças que iriam separar?

DIANA: Sim. Desci uma semana antes, e expliquei para eles o que estava acontecendo. E eles aceitaram como as crianças fazem - com muitas perguntas - e eu esperava poder tranquilizá-los. Mas, quem sabe?

BASHIR: Que efeito a senhora acha que o anúncio teve neles?

DIANA: Eu acho que o anúncio teve um grande efeito em mim e Charles, realmente, e as crianças estavam muito por fora, no sentido de que elas estavam escondidas na escola.

BASHIR: Uma vez que a separação tenha ocorrido, chegando em 1993, o que aconteceu durante aquele período?

DIANA: As agendas das pessoas mudaram da noite para o dia. Eu era agora a esposa separada do Príncipe de Gales, eu era um problema, eu era a dependência (vista como), e como nós vamos lidar com ela? Isso nunca aconteceu antes.

BASHIR: Quem estava fazendo essas perguntas?

DIANA: Pessoas ao meu redor, pessoas nesse ambiente, e...

BASHIR: A casa real?

DIANA: Pessoas no meu ambiente, sim, sim.

BASHIR: E eles começaram a ver a senhora como um problema?

DIANA: Sim, bastante, uh, uh.

BASHIR: Como isso se mostrou?

DIANA: Por visitas ao exterior sendo bloqueadas, por coisas que vinham naturalmente em meu caminho sendo interrompidas, cartas indo, que se perdiam, e várias coisas.

BASHIR: Então apesar do fato de que seu interesse sempre tenha sido continuar com seus deveres, a senhora se deparou com seus deveres sendo tirados da senhora?

DIANA: Sim. Tudo mudou depois que nos separamos, e a vida se tornou bem difícil então para mim.

BASHIR: Quem estava por trás dessa mudança?

DIANA: Bem, o lado do meu marido estava bem ocupado me parando.

BASHIR: Qual foi sua reação quando surgiram notícias de que supostamente uma conversa telefônica entre a senhora e o Sr. James Gilbey havia sido gravada?

DIANA: Eu me senti muito protetora em relação a James porque ele tinha sido um bom amigo para mim e um amigo muito bom para mim, e eu não podia suportar que sua vida fosse bagunçada porque ele tinha conexão comigo. E aquilo me preocupou. Eu sou muito protetora sobre meus amigos.

BASHIR: A senhora teve a suposta conversa no telefone?

DIANA: Sim nós tivemos, absolutamente tivemos. Sim, tivemos.

BASHIR: Nessa fita, o Sr. Gilbey expressa sua afeição pela senhora. Essa transcrição foi precisa?

DIANA: Sim. Quero dizer, ele é uma pessoa muito carinhosa. Mas as implicações dessa conversa eram que tínhamos um relacionamento adúltero, o que não era verdade.

BASHIR: A senhora tem ideia de como essa conversa veio a ser publicada pela imprensa nacional?

DIANA: Não, mas foi feito para me prejudicar gravemente, e essa foi a primeira vez que experimentei o que era estar de fora da rede, por assim dizer, e não estar na família.

BASHIR: Qual a senhora acha que foi o propósito que estava por trás disso?

DIANA: Foi para fazer o público mudar sua atitude em relação a mim. Era, você sabe, se vamos nos divorciar, meu marido teria mais cartas do que eu - era muito mais um jogo de pôquer, um jogo de xadrez.

BASHIR: Houve também uma série de telefonemas que alegadamente foram feitos pela senhora para o Sr. Oliver Hoare. A senhora fez o que foi descrito como telefonemas incômodos?

DIANA: Eu tinha a fama de ter feito 300 telefonemas em um espaço de tempo muito curto, o que, tendo em conta o meu estilo de vida naquela época, me tornou uma senhora muito ocupada. Não, eu não fiz, eu não fiz. Mas isso novamente foi uma grande jogada para tirar meu crédito, e muito quase conseguiram, a injustiça disso, porque eu fiz minha própria lição de casa sobre esse assunto, e conseqüentemente descobri que um menino havia feito a maioria delas. Mas eu li que eu tinha feito todos eles. O Sr. Hoare me disse que suas linhas estavam sendo grampeadas pela delegacia de polícia local. Ele disse, você sabe, não ligue. Então eu não fiz, mas alguém claramente fez.

BASHIR: A senhora fez alguma dessas ligações?

DIANA: Eu costumava, sim, eu tinha ligado, sim.

BASHIR: Uma vez, duas, três vezes?

DIANA: Não sei. Durante um período de seis a nove meses, algumas vezes, mas certamente não de forma obsessiva, não.

BASHIR: A senhora realmente acredita que uma campanha estava sendo travada contra a senhora?

DIANA: Sim eu acreditei, absolutamente, sim.

BASHIR: Por quê?

DIANA: Eu era a esposa separada do Príncipe de Gales, eu era um problema, ponto final. Nunca aconteceu antes, o que vamos fazer com ela?

BASHIR: Não podemos mandá-la para algum lugar silenciosamente em vez de fazer campanha contra ela?

DIANA: Ela não vai ficar em silêncio, esse é o problema. Eu vou lutar até o fim, porque acredito que eu tenho um papel a cumprir, e tenho dois filhos para criar.

BASHIR: No final de 1993 a senhora teve dificuldades persistentes com a imprensa - essas conversas telefônicas foram tornadas públicas - e a senhora decidiu se retirar da vida pública. Por que a senhora fez isso?

DIANA: A pressão era intolerável na época, e meu trabalho, meu trabalho estava sendo afetado. Eu queria dar 110% no meu trabalho, e só podia dar 50. Eu estava constantemente cansada, exausta, porque a pressão era apenas, era tão cruel. Então pensei que a única maneira de fazer isso era me levantar e fazer um discurso e me extrair antes que eu começasse a me decepcionar e não realizar meu trabalho. Foi minha decisão fazer esse discurso porque eu devia ao público dizer isso, você sabe, "obrigada. Estou desaparecendo um pouco, mas eu vou voltar."

BASHIR: Não demorou muito para a senhora voltar, é claro.

DIANA: Bem, eu não sei. Quer dizer, eu fiz muito trabalho, bem, oculto, sem nenhuma atenção da mídia, então eu nunca parei realmente de fazer isso. Eu simplesmente não fazia todos os dias fora, eu simplesmente não podia fazê-lo. Sabe, a campanha naquele momento estava sendo bem-sucedida, mas surpreendeu as pessoas que estavam causando a dor - as surpreendeu quando eu

me retirei do jogo. Eles não esperavam isso. E eu acredito muito que você deve sempre confundir o inimigo.

BASHIR: Quem era o inimigo?

DIANA: Bom, o inimigo era o departamento do meu marido, porque eu sempre tive mais publicidade, meu trabalho era mais, era muito mais discutido do que ele. E, você sabe, desse ponto de vista eu entendo. Mas eu estava fazendo coisas boas, e eu queria coisas boas. Eu nunca iria machucar ninguém, eu nunca iria decepcionar ninguém.

BASHIR: Mas a senhora realmente acredita que foi por ciúmes que eles quiseram miná-la?

DIANA: Acho que foi por medo, porque aqui estava uma mulher forte fazendo sua parte, e de onde ela tirava forças para continuar?

BASHIR: Qual foi sua reação à revelação de seu marido a Jonathan Dimpleby de que ele havia de fato cometido adultério?

DIANA: Bem, eu desconhecia totalmente o conteúdo do livro, e na verdade vi no noticiário naquela noite que ele havia saído, e minha primeira preocupação foi com as crianças, porque elas foram capazes de entender o que estava saindo, e eu queria protegê-las. Mas eu mesma estava bastante devastada. Mas então eu admirava a honestidade, porque é preciso muito para fazer isso.

BASHIR: Em que sentido?

DIANA: Bem, para ser honesto sobre um relacionamento com outra pessoa, na posição dele - isso é bastante coisa.

BASHIR: Como a senhora lidou com isso com as crianças?

DIANA: Eu fui à escola e disse a William, particularmente, que se você encontrar alguém que ama na vida você deve segurá-la e cuidar dela, e se você teve a sorte suficiente de encontrar alguém que o amava você então deve protegê-la. William me perguntou o que estava acontecendo, e eu poderia responder suas perguntas, o que eu fiz. Ele disse, foi essa a razão pela qual nosso casamento acabou? E eu disse, bem, havia três de nós neste casamento, e a pressão da mídia foi outro fator, então os dois juntos foram muito difíceis. Mas embora eu ainda amasse o Papai eu não podia viver sob o mesmo teto que ele, e também com ele.

BASHIR: Que efeito a senhora acha que isso teve no Príncipe William?

DIANA: Bem, ele é uma criança que pensa profundamente, e não sabemos por alguns anos como isso aconteceu. Mas eu coloquei gentilmente, sem ressentimento ou raiva.

BASHIR: Olhando para trás agora, a senhora se sente responsável pelas dificuldades em seu casamento?

DIANA: Mmm. Eu assumo total responsabilidade, assumo alguma responsabilidade por nosso casamento ter sido do jeito que foi. Vou levar metade, mas não vou levar mais do que isso, porque são precisos dois para chegar nessa situação.

BASHIR: Mas a senhora tem alguma responsabilidade?

DIANA: Absolutamente, nós dois cometemos erros.

BASHIR: Outro livro que foi publicado recentemente dizia a respeito de um Sr. James Hewitt, no qual ele afirmava ter tido uma relação muito próxima com a senhora, por volta de 1989 eu acho. Qual era a natureza do seu relacionamento?

DIANA: Ele foi um grande amigo meu em um momento muito difícil, mais um momento difícil, e ele sempre estava lá para me apoiar, e eu fiquei absolutamente devastada quando este livro apareceu, porque eu confiava nele, e porque, novamente, eu me preocupava com a reação nos meus filhos. E, sim, havia evidências factuais no livro, mas muitas delas foram, vinham de outro mundo, não correspondiam ao que aconteceu.

BASHIR: O que a senhora quer dizer?

DIANA: Bem, havia muita fantasia naquele livro, e foi muito angustiante para mim que um amigo meu, em quem eu confiava, estava fazendo dinheiro comigo. Eu realmente me importei com isso. E ele me ligou 10 dias antes do livro chegar nas livrarias para me dizer que não havia nada para me preocupar, e eu acreditei nele, estupidamente. E então, quando chegou, a primeira coisa que eu fiz foi correr para falar com meus filhos. E William fez uma caixa de chocolates e disse, "Mãe, acho que você se machucou. Estes são para fazer você sorrir novamente." Então...

BASHIR: Seu relacionamento foi além de uma amizade próxima?

DIANA: Sim foi, sim.

BASHIR: A senhora foi infiel?

DIANA: Sim, eu adorava ele. Sim, eu estava apaixonada por ele. Mas eu estava muito chateada.

BASHIR: Como a senhora descreveria sua vida agora? A senhora vive muito sozinha, não é?

DIANA: Sim, eu não me importo com isso na verdade. Sabe, as pessoas pensam que no final das contas um homem é a única resposta. Na verdade, um trabalho gratificante é melhor para mim. (RISADA)

BASHIR: O que a senhora quer dizer com isso?

DIANA: Bem, quero dizer que qualquer cavalheiro que passou pela minha porta, nós instantaneamente fomos colocados juntos na mídia e todo o inferno se soltou, então isso tem sido muito difícil para os amigos homens que tive, e obviamente do meu ponto de vista.

BASHIR: Isso significa que a senhora sente que pelo resto de sua vida a senhora terá que ficar sozinha?

DIANA: Não, eu não estou realmente sozinha. Tenho amigos maravilhosos, tenho meus meninos, tenho meu trabalho. É apenas por viver no Palácio de Kensington obviamente é um pouco solitário, mas, você sabe, talvez todos nós nos sentimos assim.

BASHIR: Como a senhora se sente sobre a forma como a imprensa se comporta em relação à senhora agora?

DIANA: Ainda hoje acho o interesse assustador e fenomenal, porque eu na verdade não gosto de ser o centro das atenções. Quando tenho meus deveres públicos, eu entendo que quando saio do carro estou sendo fotografada, mas na verdade agora é quando saio pela minha porta, pela porta da frente, eu estou sendo fotografada. Eu nunca sei onde uma lente vai estar. Um dia normal seria ser seguida por quatro carros; um dia normal eu voltaria ao meu carro e encontraria seis fotógrafos freelancers pulando ao meu redor. Algumas pessoas diriam, Bem, se você tivesse um policial seria mais fácil. Não seria de forma alguma. Eles decidiram que eu ainda sou um produto, depois de 15, 16 anos, que vende bem, e todos gritam comigo, dizendo: "Ah, vamos lá, Di, olhe para cima. Se você nos der uma foto eu posso levar meus filhos para uma escola melhor." E, você sabe, você pode rir disso. Mas você consegue isso o tempo todo. É bem difícil.

BASHIR: Algumas pessoas diriam que nos primeiros anos de seu casamento a senhora foi parcialmente responsável por estimular o interesse da imprensa - a senhora dançou com pessoas como Wayne Sleep, a senhora parecia gostar, vocês tinham um relacionamento muito bom e caloroso. A senhora sente alguma responsabilidade pela forma como a imprensa se comportou em relação à senhora?

DIANA: Eu nunca encorajei a mídia. Havia um relacionamento que funcionava antes, mas agora eu não posso tolerar isso porque se tornou abusivo e é assédio. Mas eu não quero ser vista como tendo autopiedade. Eu não tenho. Eu entendo que eles têm um trabalho a fazer. Você poderia compará-lo a uma novela realmente. Ele continua e continua e continua, e a história nunca muda. E cada vez que a gente se diverte - embora seja em uma situação diferente - você tem que pagar por isso, porque as pessoas criticam, o que vem com o pacote, como eu disse anteriormente. Mas sou um espírito livre - infelizmente para alguns.

BASHIR: Mas aqui no Palácio de Kensington, a senhora está isolada?

DIANA: Bem, pela natureza da minha situação, sim, mas eu não sinto pena de mim mesma de forma alguma. Tenho meu trabalho que eu escolho fazer, e eu tenho meus filhos, e eu tenho muitas oportunidades surgindo no próximo ano - visitas ao exterior: estou prestes a ir para a Argentina, que estou muito feliz, e espero muito continuar o bom relacionamento que agora foi adotado entre os dois países. Eu espero poder ajudar aí.

BASHIR: Que papel a senhora vê para si mesma no futuro?

DIANA: Eu gostaria de ser uma embaixadora para este país. Eu gostaria de representar este país no exterior. Como eu tenho todo esse interesse da mídia, não vamos apenas sentar neste país e sermos agredidos por ele. Vamos levá-los, essas pessoas, para representar este país e as boas qualidades dele no exterior. Quando eu for para o exterior temos de 60 a 90 fotografos, só deste país, vindo comigo, então vamos usar de forma produtiva, para ajudar este país.

BASHIR: A senhora diz que sente que seu futuro é como uma espécie de embaixadora. A mando de quem é isso? Com base em quê a senhora acha que tem o direito de se considerar uma embaixadora?

DIANA: Eu estou em uma posição privilegiada há 15 anos. Eu tenho um tremendo conhecimento sobre as pessoas e como me comunicar. Eu aprendi isso, eu tenho isso, e eu quero usá-lo. E quando olho para as pessoas na vida pública, eu não sou um animal político mas acho que a maior doença que este mundo sofre hoje em dia é a doença das pessoas que se sentem não amadas, e sei que posso dar amor por um minuto, por meia hora, por um dia, por um mês, mas posso dar - estou muito feliz em fazer isso e quero fazer isso.

BASHIR: A senhora acha que o povo britânico está feliz com a senhora em seu papel?

DIANA: Eu acho que o povo britânico precisa de alguém na vida pública para dar carinho, para fazê-los se sentirem importantes, para apoiá-los, para dar-lhes luz em seus túneis escuros. Eu vejo isso como um papel possivelmente único, e sim, eu tive dificuldades, como todos testemunharam ao longo dos anos, mas agora vamos usar o conhecimento que reuni para ajudar outras pessoas em apuros.

BASHIR: A senhora acha que consegue?

DIANA: Eu sei que consigo, eu sei que consigo, sim.

BASHIR: Até a senhora vir para esta família, a monarquia parecia ter uma posição inquestionável no coração da vida britânica. A senhora se sente culpada pelo fato de que a sobrevivência da monarquia é agora uma pergunta que as pessoas estão fazendo?

DIANA: Não, eu não sinto culpa. Quero dizer, uma ou duas vezes eu ouvi as pessoas me dizerem que, você sabe, “Diana está querendo destruir a monarquia”, o que me deixou perplexa, porque, por que eu iria querer destruir algo que é o futuro dos meus filhos. Vou lutar pelos meus filhos em qualquer nível para que eles sejam felizes e tenham paz de espírito e cumpram seus deveres. Mas eu acho que o que mais me preocupa sobre como as pessoas discutem a monarquia é que elas se tornam indiferentes, e acho que isso é um problema, e eu acho que isso deveria ser resolvido, sim.

BASHIR: Quando a senhora diz indiferente, o que quer dizer?

DIANA: Elas não se importam. As pessoas não se importam mais. Elas foram tão alimentadas à força com problemas conjugais, seja o que for, seja o que for, seja o que for, que estão fartos. Eu estou farta de ler sobre isso. Eu estou nisso, então Deus sabe o que as pessoas lá fora devem pensar.

BASHIR: A senhora acha que a monarquia precisa se adaptar e mudar para sobreviver?

DIANA: Eu entendo que a mudança é assustadora para as pessoas, especialmente se não há para onde ir. É melhor ficar onde está. Eu entendi isso. Mas eu acho que há algumas coisas que podem mudar, que aliviariam essa dúvida, e às vezes a relação complicada entre monarquia e público. Eu acho que eles poderiam andar de mãos dadas, ao invés de estarem tão distantes.

BASHIR: O que a senhora está fazendo para tentar efetuar algum tipo de mudança?

DIANA: Bem, com William e Harry, por exemplo, eu os levo em projetos de sem-teto, eu levei William e Harry para pessoas morrendo de Aids - embora eu tenha dito a

eles que era câncer - eu levei as crianças para todos os tipos de áreas onde eu não tenho certeza se alguém dessa idade nesta família já esteve antes. E eles têm um conhecimento - eles podem nunca usá-lo, mas a semente está lá, e eu espero que cresça porque conhecimento é poder.

BASHIR: O que a senhora espera que essa experiência para seus filhos - que impacto essa experiência terá em seus filhos?

DIANA: Eu quero que eles tenham uma compreensão das emoções das pessoas, das inseguranças das pessoas, do sofrimento das pessoas, e das esperanças e sonhos das pessoas.

BASHIR: Que tipo de monarquia a senhora prevê?

DIANA: Eu gostaria de uma monarquia que tivesse mais contato com seu povo - e não me refiro a andar de bicicleta e coisas assim, mas apenas ter um entendimento mais profundo. E eu não digo isso como uma crítica à atual monarquia: eu digo apenas pelo que vejo e ouço e sinto diariamente no papel que escolhi para mim.

BASHIR: Há muita discussão no momento sobre como os assuntos entre a senhora e o Príncipe de Gales serão resolvidos. Existe até a sugestão de um divórcio entre os senhores. Quais são seus pensamentos sobre isso?

DIANA: Eu não quero o divórcio, mas obviamente precisamos de clareza sobre uma situação que tem sido muito discutida nos últimos três anos em particular. Então tudo o que eu digo a isso é que aguardo a decisão do meu marido sobre o caminho que todos seguiremos.

BASHIR: Se ele desejasse o divórcio, a senhora aceitaria isso?

DIANA: Eu obviamente discutiria isso com ele, mas até agora nenhum de nós discutiu esse assunto, embora o resto do mundo pareça ter discutido.

BASHIR: Seria seu desejo se divorciar?

DIANA: Não, não é meu desejo.

BASHIR: Por quê? Isso não resolveria o problema?

DIANA: Por que isso resolveria o problema?

BASHIR: Isso daria a clareza de que a senhora fala, resolveria as questões no que diz respeito ao público talvez.

DIANA: Sim, mas e as crianças? Nossos meninos - isso que importa, não é mesmo?

BASHIR: A senhora acha que um dia será a Rainha?

DIANA: Não, eu não acho, não.

BASHIR: Por que a senhora acha isso?

DIANA: Eu gostaria de ser a rainha do coração das pessoas, no coração das pessoas, mas não me vejo sendo a Rainha deste país. Eu não acho que muitas pessoas vão querer que eu seja Rainha. Na verdade, quando eu digo muitas pessoas eu quero dizer o estabelecimento com o qual me casei, porque eles decidiram que eu não sou uma iniciante.

BASHIR: Por que a senhora acha que eles decidiram isso?

DIANA: Porque eu faço as coisas de forma diferente, porque eu não sigo um livro de regras, porque eu lidero com o coração, não com a cabeça, e embora isso tenha me causado problemas no meu trabalho, eu entendo isso. Mas alguém tem que ir lá e amar as pessoas e mostrar isso.

BASHIR: A senhora acha que por causa da maneira como a senhora se comporta isso a impediu efetivamente de se tornar Rainha?

DIANA: Sim, bem, não me impediu. Eu não diria isso. Só acho que eu não tenho tantos apoiadores nesse ambiente como eu tinha.

BASHIR: A senhora quer dizer dentro da Casa Real?

DIANA: Uh, uh. Eles me vêem como uma ameaça de algum tipo, e eu estou aqui para fazer o bem: não sou uma pessoa destrutiva.

BASHIR: Por que eles vêem a senhora como uma ameaça?

DIANA: Eu acho que toda mulher forte na história teve que trilhar um caminho semelhante, e eu acho que é a força que causa a confusão e o medo. Por que ela é forte? De onde ela tira isso? Onde ela está levando? Onde ela vai usar? Por que o público ainda a apoia? Quando digo público, você vai e faz um noivado e há um grande número de pessoas lá.

BASHIR: A senhora acha que o Príncipe de Gales algum dia será Rei?

DIANA: Eu não acho que algum de nós sabe a resposta para isso. E obviamente é uma pergunta que está na cabeça de todo mundo. Mas quem sabe, quem sabe o que o destino produzirá, quem sabe o que as circunstâncias provocarão?

BASHIR: Mas a senhora o conheceria melhor do que a maioria das pessoas. A senhora acha que ele gostaria de ser Rei?

DIANA: Sempre houve conflito sobre esse assunto com ele quando discutimos isso, e eu entendi esse conflito, porque é um papel muito exigente, sendo Príncipe de Gales, mas é um papel igualmente mais exigente ser Rei. E ser Príncipe de Gales produz mais liberdade agora, e ser Rei seria um pouco mais sufocante. E porque conheço o personagem acho que o trabalho principal, como eu chamo, traria enormes limitações para ele, e não sei se ele poderia se adaptar a isso.

BASHIR: A senhora acha que faria mais sentido à luz das dificuldades conjugais que a senhora e o Príncipe de Gales tiveram se o cargo de monarca passasse diretamente para seu filho Príncipe William?

DIANA: Bem, então você tem que ver que William é muito jovem no momento, então você quer que um fardo como esse seja colocado em seus ombros com essa idade? Então não posso responder a essa pergunta.

BASHIR: Seria seu desejo que quando o Príncipe William atingisse a idade que ele sucedesse à Rainha ao invés do atual Príncipe de Gales?

DIANA: Meu desejo é que meu marido encontre paz de espírito, e daí decorrem outras coisas, sim.

BASHIR: Por que a senhora decidiu dar esta entrevista agora? Por que a senhora decidiu falar neste momento?

DIANA: Porque estaremos separados três anos em dezembro, e a percepção que me foi dada nos últimos três anos tem sido muito confusa, turbulenta, e em algumas áreas tenho certeza que muitas, muitas pessoas duvidam de mim. E eu quero garantir a todas as pessoas que me amaram e me apoiaram nos últimos 15 anos que eu nunca os decepcionaria. Isso é uma prioridade para mim, junto com meus filhos.

BASHIR: E então a senhora sente que falando dessa maneira a senhora será capaz de tranquilizar as pessoas?

DIANA: Uh, uh. As pessoas que importam para mim - o homem na rua, sim, porque isso é o que importa mais do que qualquer outra coisa.

BASHIR: Algumas pessoas podem pensar - algumas pessoas podem interpretar isso como a senhora simplesmente aproveitando a oportunidade para se vingar do seu marido.

DIANA: Eu não sento aqui com ressentimento: eu sento aqui com tristeza porque um casamento não deu certo. Eu sento aqui com esperança porque há um futuro pela frente, um futuro para meu marido, um futuro para mim e um futuro para a monarquia.

BASHIR: Sua Alteza Real, obrigado.

APÊNDICE B - TRADUÇÃO DA ENTREVISTA DE MEGHAN MARKLE A OPRAH WINFREY¹⁴

OPRAH: Não podemos nos abraçar, todo mundo está usando duas máscaras e proteção para o rosto. Você está adorável. Vocês já sabem se vão ter um menino ou uma menina?

MEGHAN: Agora sabemos. Vou esperar meu marido se juntar a nós e podemos compartilhar isso com você.

OPRAH: Isso seria muito bom. Antes de começarmos, eu só quero deixar claro para todos que, apesar de sermos vizinhos, eu estou na estrada, vocês estão na estrada, nós estamos usando a casa de uma amiga. Não houve um acordo, vocês não sabem o que eu vou perguntar, não há assunto que esteja fora dos limites e vocês não estão sendo pagos por esta entrevista.

MEGHAN: Tudo isso está correto.

OPRAH: Eu me lembro de estar sentada na capela — obrigada por ter me convidado, à propósito. Eu me lembro desta sensação mágica. Nunca havia experimentado nada como aquilo. Quando você passou por aquela porta, você parecia que estava flutuando pelo corredor. Você sequer estava dentro de seu corpo naquele momento?

MEGHAN: Tenho pensado bastante sobre isso. Foi como ter uma experiência fora do corpo na qual eu estava muito presente. Na noite anterior, eu dormi a noite inteira, o que é um milagre, e então acordei e comecei a ouvir Going To The Chapel (Indo para a Capela), para torná-lo divertido e leve e nos lembrar que este era o nosso dia. Ambos sabíamos de antemão que este não era o nosso dia, este era o dia planejado para o mundo.

OPRAH: Todo mundo que se casa sabe que, na verdade, você está se casando com a família. Mas você não estava apenas se casando com uma família, você estava se casando com uma instituição de 1.200 anos, você estava se casando com a monarquia. Como você achou que seria?

MEGHAN: Eu diria que entrei nisso ingenuamente porque eu não cresci sabendo muito sobre a Família Real. Não era algo que fazia parte das conversas em casa. Não era algo que nós acompanhávamos. Minha mãe até me disse alguns meses

¹⁴ MARKLE, Meghan; HARRY, Príncipe. Oprah With Meghan And Harry: A CBS Primetime Special. [Entrevista concedida a] Oprah Winfrey. **CBS**, Santa Barbara, 7 mar. 2021. Transcrição disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/news/14277841/meghan-markle-oprah-interview-full-transcript/>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

atrás, “Diana já deu uma entrevista?” Agora eu posso dizer “sim, uma bem famosa”, mas minha mãe não sabe disso.

OPRAH: Mas você estava ciente da realeza e, se você fosse se casar com a realeza, você faria uma pesquisa sobre o que isso significaria?

MEGHAN: Eu não fiz pesquisa alguma sobre o que aquilo significaria.

OPRAH: Você não fez pesquisa alguma?

MEGHAN: Não. Eu não senti nenhuma necessidade, porque tudo o que eu precisava saber ele estava compartilhando comigo. Tudo o que pensávamos que eu precisava saber, ele estava me contando.

OPRAH: Então, você não conversou consigo mesma, nem falou com seus amigos sobre como seria se casar com um príncipe, que é o Harry, por quem você se apaixonou... você não pensou muito sobre isso?

MEGHAN: Não. Nós pensamos muito sobre o que achávamos que poderia ser. Eu não entendia completamente qual era o trabalho: O que significa trabalhar como membro da realeza? O que você faz? O que isso significa? Ele e eu estávamos muito alinhados com a nossa causa - trabalho direcionado, que fazia parte da nossa conexão inicial. Mas não tinha como entender o que seria o dia a dia, e é tão diferente porque eu não romantizei qualquer elemento dele. Mas acho que, especialmente como americanos, o que você sabe sobre a realeza é o que você lê nos contos de fadas, e você acha que é o que você sabe sobre a realeza. É fácil ter uma imagem tão distante da realidade, e é isso que foi tão complicado nos últimos anos, quando a percepção e a realidade são duas coisas diferentes e você sendo julgado pela percepção mas está vivendo a realidade daquilo. Há um desalinhamento completo e não tem como explicar isso para as pessoas.

OPRAH: Em qualquer família as coisas ficam sérias quando você é levado para conhecer a avó ou a mãe. A avó é a matriarca e, no seu caso, é a Rainha.

MEGHAN: Ela foi uma das primeiras pessoas que eu conheci. A verdadeira Rainha.

OPRAH: Como foi? Você estava preocupada em causar a impressão certa?

MEGHAN: Não teve uma grande formalidade na primeira vez que eu conheci Sua Majestade a Rainha. Nós estávamos indo para um almoço no Royal Lodge, que é onde alguns outros membros da família moram, especificamente Andrew e Fergie, e Eugenie e Beatrice passavam bastante tempo lá. Eugenie e eu nos conhecemos antes de eu conhecer Harry, então isso foi confortável e acabou que a Rainha estava terminando um serviço na igreja em Windsor e então ela estaria na casa. Harry e eu

estávamos no carro e ele disse, “OK, então, minha avó está lá, você vai conhecê-la”. (Eu disse) “OK, ótimo”. Eu amava minha avó, eu costumava cuidar dela. (Ele disse) “Você sabe fazer uma reverência?” “O quê?” “Você sabe fazer uma reverência?” Eu pensei genuinamente que aquilo era o que acontecia lá fora, que era parte da fanfarra. Eu não pensava que isso acontecia lá dentro. Eu disse, “Mas é sua avó”. Ele disse, “É a Rainha!”

OPRAH: Uau!

MEGHAN: E esse foi realmente o primeiro momento em que a ficha caiu.

OPRAH: Você pesquisou como fazer a reverência?

MEGHAN: Não, nós estávamos no carro. No fundo, para mostrar respeito, eu aprendi bem rapidamente na frente da casa. Nós praticamos e entramos.

OPRAH: Harry praticou?

MEGHAN: Sim, e Fergie saiu correndo e disse, “Você está pronta? Você sabe fazer uma reverência? Oh, meu Deus, vocês”. Eu pratiquei bem rapidamente e entrei, e aparentemente eu fiz uma reverência bem profunda, e nós apenas sentamos lá e conversamos e foi adorável e fácil e eu penso, graças a Deus, eu não sabia muito sobre a família. Graças a Deus, eu não tinha pesquisado. Eu estaria tão na minha cabeça sobre tudo isso.

OPRAH: (O que) você está compartilhando conosco é que você não estava mais nervosa do que alguém comum que vai conhecer a avó de alguém.

MEGHAN: Eu tinha confundido a ideia. Eu cresci em LA, você vê celebridades o tempo todo. Isso não é o mesmo mas é muito fácil, especialmente como americana, dizer, “Estas são pessoas famosas”. Este é um jogo de bola completamente diferente.

(Corta para eles e Oprah na casa deles)

OPRAH: Como vocês estão se sentindo aqui (na casa deles)? Qual é a palavra?

MEGHAN: Paz.

OPRAH: Paz?

MEGHAN: Sim.

(Oprah narra) Um dia depois da nossa entrevista, eu parei na nova casa de Harry e Meghan.

MEGHAN: Olá, Guy (cachorro).

OPRAH: Olá, Guy.

MEGHAN: Sim, Guy passou — Guy passou por tudo comigo.

OPRAH: Sim, desde o começo, desde o primeiro encontro, né?

MEGHAN: Se Guy, quero dizer, eu o tive no Canadá. Eu o peguei em um abrigo para matar em Kentucky.

OPRAH: É?

(No galinheiro de Harry e Meghan)

MEGHAN: Oi, meninas!

(Oprah narra) Nós colocamos galochas para alimentar as galinhas que Meghan e Harry haviam resgatado recentemente de uma fazenda industrial. “Eu amo a configuração desta pequena casa. A pousada das galinhas de Archie. Oh, que gracinha é aquilo.”

HARRY: Ela sempre quis galinhas.

MEGHAN: Bom, você sabe, eu apenas amo resgatar.

OPRAH: Então, isso é parte da sua nova vida? Sobre o que vocês estão mais animados?

MEGHAN: Ops! Você está bem...

OPRAH: Sobre o que vocês estão mais animados sobre sua nova vida? Sobre o que estão mais animados? Aqui, piu, piu, piu, piu.

MEGHAN: Eu acho que apenas ser capaz de viver autenticamente.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Certo? Como esse tipo de coisa. É tão, é tão básico, mas é realmente gratificante. Só voltando ao básico. Eu estava pensando sobre isso — mesmo no nosso casamento, sabe, três dias antes do nosso casamento, nós nos casamos...

OPRAH: Ah!

MEGHAN: Ninguém sabe disso. Mas nós ligamos para o Arcebispo, e apenas dissemos, “Olha, esta coisa, este espetáculo é para o mundo, mas nós queremos nossa união entre nós”. Então, tipo, os votos que emolduramos em nosso quarto são apenas nós dois em nosso quintal com o Arcebispo de Canterbury, e essa foi a peça que...

HARRY: Só nós três.

OPRAH: Sério?

HARRY: Só nós três.

MEGHAN: Só nós três.

(De volta à Oprah)

OPRAH: Sabe, o casamento foi a imagem mais perfeita, você sabe, que alguém já viu. Mas através daquela imagem que todos estávamos vendo, nos bastidores, obviamente, tinha muito drama acontecendo. E logo depois do casamento, os tablóides começaram a oferecer histórias que pintavam uma imagem não tão lisonjeira de você em seu novo mundo. Havia rumores sobre você ser o “Furacão Meghan”.

MEGHAN: Eu não tinha ouvido isso.

OPRAH: OK.

OPRAH: Então, havia rumores sobre você ser o Furacão Meghan, por parte de vários funcionários de alto nível do palácio. E também tinha uma história — você ouviu essa? — sobre você fazer Kate Middleton chorar?

MEGHAN: Essa eu ouvi.

OPRAH: Você ouviu sobre essa. OK.

MEGHAN: Isso foi... aquilo foi... aquele foi um momento de virada.

OPRAH: Aquele foi um momento de virada?

MEGHAN: Sim.

(Oprah narra) Seis meses depois do casamento de Harry e Meghan, manchetes começaram a girar em torno de uma rixa entre Meghan e sua cunhada, a Duquesa de Cambridge, Kate Middleton. Foi relatado que Meghan deixou Kate “em lágrimas” pelas “exigências rígidas” da noiva sobre os vestidos das daminhas.

MEGHAN: A narrativa com a Kate — a qual não aconteceu — foi muito, muito difícil e algo que... eu acho que foi quando tudo mudou, realmente.

OPRAH: Você diz que a narrativa com a Kate, ela não aconteceu. Então, especificamente, você fez Kate chorar?

MEGHAN: Não.

OPRAH: Então, de onde isso veio?

MEGHAN: (Suspiros)

OPRAH: Houve uma situação em que ela pode ter chorado? Ou que ela tenha chorado?

MEGHAN: Não, não. O contrário aconteceu. E eu não digo isso para depreciar ninguém, porque foi uma semana muito difícil a do casamento. E ela estava chateada com alguma coisa, mas ela controlou isso, e se desculpou. E ela me trouxe flores e um bilhete, pedindo desculpas. E ela fez o que eu faria se soubesse que magoei alguém, né, apenas para assumir a responsabilidade por isso. O que foi chocante é que... isso foi o que, seis, sete meses depois do nosso casamento?

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Que o inverso disso estaria no mundo.

OPRAH: A história saiu seis, sete meses depois que realmente aconteceu?

MEGHAN: Sim.

OPRAH: Então, quando você diz...

MEGHAN: Eu nunca gostaria que isso viesse à tona sobre ela, mesmo que tivesse acontecido. Eu protegi isso de nunca estar no mundo.

OPRAH: Então, quando você diz que o inverso aconteceu, nos explique o que quer dizer com isso.

MEGHAN: Alguns dias antes do casamento, ela estava chateada com algo pertinente — sim, a questão estava correta — sobre os vestidos das daminhas, e isso me fez chorar, e isso realmente machucou meus sentimentos. E eu pensei, no contexto de tudo o que estava acontecendo naqueles dias próximos ao casamento, que não fazia sentido não estar apenas fazendo o que todo mundo estava fazendo, que era estar tentando ser solidária, sabendo o que estava acontecendo com meu pai e tudo mais.

OPRAH: Essa foi realmente uma grande história na época, que você fez Kate chorar. Agora você está dizendo que não fez Kate chorar, Kate fez você chorar. Então, tudo o que queremos saber, o que faria você chorar? O que... pelo que você estava passando? Você estava passando por toda a ansiedade que noivas passam ao organizar seu casamento e passando por todos os problemas com seu pai: Ele viria? Ele não viria?

MEGHAN: Mmm.

OPRAH: E houve um confronto sobre os... os vestidos?

MEGHAN: Não foi um confronto, e na verdade eu não acho que seja justo com ela entrar nos detalhes disso, porque ela se desculpou.

OPRAH: OK.

MEGHAN: E eu a perdoei.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: O que foi difícil de superar foi ser culpada por algo que eu não só não fiz mas que aconteceu comigo. E as pessoas que fizeram parte do nosso casamento indo para nossa equipe de comunicação e dizendo: “Eu sei que isso não aconteceu”. Eu não tenho que dizer a eles o que realmente aconteceu.

OPRAH: OK.

MEGHAN: Mas posso pelo menos registrar e dizer que ela não a fez chorar. E todos disseram o mesmo...

OPRAH: Então, durante todo o tempo que as histórias vazaram que você fez Kate chorar... você sabia o tempo todo, e as pessoas à sua volta sabiam que aquilo não era verdade?

MEGHAN: Todo mundo na instituição sabia que aquilo não era verdade.

OPRAH: Então, porque ninguém disse isso?

MEGHAN: Essa é uma boa pergunta.

OPRAH: Hmm.

MEGHAN: Eu não estou compartilhando essa parte sobre Kate com alguma intenção de depreciá-la. Acho que é muito importante as pessoas entenderem a verdade.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Mas eu também acho, muito disso, foi alimentado pela mídia. E eu esperava que ela quisesse que isso fosse corrigido, e talvez da mesma forma que o Palácio não deixaria mais ninguém...

OPRAH: Sim.

MEGHAN: ... negar isso, eles não permitiriam, porque ela é uma boa pessoa. E acho que muito do que vi acontecer é essa ideia de polaridade, onde se você me ama, não precisa odiá-la. E se você a ama, não precisa me odiar.

OPRAH: Mm-hmm. Sabe, houve várias histórias que comparavam as manchetes escritas sobre você com aquelas escritas sobre Kate.

MEGHAN: Mmm.

OPRAH: Como você não lê as coisas, deixa eu te contar o que foi dito.

MEGHAN: OK.

OPRAH: Houve histórias em que Kate foi elogiada por estar segurando sua barriga grávida.

MEGHAN: Oh, meu Deus, eu fiz isso desde que nós estávamos sentadas?

OPRAH: Sim, você tem feito isso o tempo todo.

MEGHAN: Provável. OK.

OPRAH: Kate foi elogiada por embalar sua barriga de bebê, e a manchete sobre você fazendo a mesma coisa dizia, "Meghan não consegue tirar as mãos de sua barriga de bebê por orgulho ou vaidade".

MEGHAN: O que isso tem a ver com orgulho ou vaidade?

OPRAH: Bom, eu só estou — só estou contando as histórias, OK?

MEGHAN: OK, eu te escuto.

OPRAH: Depois, havia um artigo online inteiro sobre isso: “Kate come abacates para ajudar com os enjoos matinais”.

MEGHAN: (Risos) Eu ouvi — OK, eu ouvi sobre essa do abacate.

OPRAH: Mas você estava comendo abacates...

MEGHAN: E alimentando um assassinato, aparentemente.

OPRAH: Abatendo uma fruta ligada à escassez de água, desmatamento ilegal e devastação ambiental. Havia, parece... parece que havia... havia um...

MEGHAN: Isso é um pedaço de torrada realmente carregado. (Risos) Quer dizer... você tem que rir em um certo ponto, porque é ridículo.

OPRAH: Isso é bom: “Isso é uma torrada carregada”. É sobre desmatamento e...

MEGHAN: Oh, cara!

OPRAH: Oh, uau! Então, você acha que havia um padrão para Kate em geral e um separado para você? E se sim, por quê?

MEGHAN: Eu não sei porquê. Eu posso ver agora quais camadas estavam em jogo.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: E, de novo, realmente parecia que eles queriam uma narrativa de um herói e um vilão.

OPRAH: Sim. Você veio como a primeira pessoa mestiça a se casar na família, e isso a preocupou em ser capaz de se encaixar?

MEGHAN: Mmm.

OPRAH: E isso a preocupou em ser capaz de se encaixar? Você pensou sobre isso alguma vez?

MEGHAN: Eu pensei sobre isso porque eles me fizeram pensar sobre isso.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Certo? Mas ao mesmo tempo agora, depois de refletir, graças a Deus aquelas coisas todas eram verdade. Graças a Deus eu tive aquela experiência de vida. Graças a Deus eu conhecia o valor do meu trabalho. Meu primeiro emprego foi quando eu tinha 13 anos, em uma loja de iogurte congelado chamada Humphrey Yogart.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Eu sempre trabalhei. Eu sempre valorizei independência. Eu sempre fui franca, especialmente sobre os direitos das mulheres. Quer dizer, essa é a triste ironia dos últimos quatro anos... que eu defendo há tanto tempo que as mulheres usem suas vozes, e então eu fiquei em silêncio.

OPRAH: Você ficou em silêncio? Ou você foi silenciada?

MEGHAN: O último.

OPRAH: Então, como isso funciona? Você foi dita pela equipe de comunicação, ou a, não sei, a instituição? Te disseram para ficar em silêncio? Como disseram para você lidar com os tablóides ou as fofocas? Você foi... te disseram para não dizer nada?

MEGHAN: Todos do... todos do meu mundo receberam uma direção bem clara, a partir do momento que o mundo soube que Harry e eu estávamos namorando, para sempre dizer, "Sem comentários". Estes eram meus amigos, minha mãe e meu pai.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: E nós o fizemos.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Eu fiz tudo o que me disseram para fazer — é claro que eu fiz, porque também foi através das lentes de, "E nós protegeremos você". Então, mesmo quando as coisas começaram a sair na mídia que eu não vi — mas meus amigos me ligavam e diziam, "Meg, isso é muito ruim" — porque eu não via, eu dizia, "Não se preocupe. Estou protegida".

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: Eu acreditava nisso. E eu acho que aquilo foi... aquilo foi muito difícil de conciliar porque foi só... foi só quando nos casamos e tudo começou a piorar que eu percebi que eu não só não estava sendo protegida, mas eles estavam dispostos a mentir para proteger outros membros da família mas eles não estavam dispostos a dizer a verdade para me proteger e proteger meu marido.

OPRAH: Então, você está dizendo que não se sentiu apoiada pelos poderes constituídos, seja a Firma, a monarquia, todos eles?

MEGHAN: É difícil para as pessoas distinguirem os dois porque é... é um negócio de família, certo?

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Então, tem a família, e aí tem as pessoas que estão administrando a instituição. Essas são duas coisas separadas. E é importante poder compartilhar isso, porque a Rainha, por exemplo, sempre foi maravilhosa comigo. Quer dizer, tivemos um dos nossos primeiros compromissos conjuntos juntas. Ela me perguntou se eu gostaria de me juntar a ela, e eu...

OPRAH: Isso foi no trem?

MEGHAN: Sim, no trem.

OPRAH: Sim.

MEGHAN: Nós tomamos café da manhã juntas naquela manhã, e ela havia me dado um presente lindo, e eu apenas realmente amei estar na sua companhia. E eu me lembro que estávamos no carro...

OPRAH: Você pode compartilhar o que foi o presente? Ou...

MEGHAN: Sim. Ela me deu lindos brincos de pérolas e um colar combinando. E nós estávamos no carro indo para os compromissos, e ela tem um cobertor que ela fica sobre os joelhos para se aquecer. E estava frio, e ela disse, "Meghan, venha cá" e colocou-o sobre meus joelhos também.

OPRAH: Oh, legal.

MEGHAN: Certo. Apenas momentos de... e isso me fez pensar sobre minha avó, onde ela sempre foi calorosa e convidativa e... e muito acolhedora.

OPRAH: Então, OK, ela fez você se sentir acolhida?

MEGHAN: Sim.

OPRAH: Você se sentiu acolhida por todos? Parecia que você e Kate... no jogo de Wimbledon onde vocês foram assistir um amigo jogar tênis...

MEGHAN: (Risos)

OPRAH: Era o que parecia? Vocês são duas cunhadas por aí no mundo, se conhecendo. Ela estava te ajudando, abraçando você na família, te ajudando a se ajustar?

MEGHAN: Eu acho que todos me acolheram.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: E, sim, quando você diz, “Era o que parecia?”, meu entendimento e minha experiência dos últimos quatro anos é de que nada é como parece ser. Não é nada como parece ser. E eu... e eu me lembro que muitas vezes as pessoas de dentro da Firma diziam, “Bem, você não pode fazer isso porque vai parecer aquilo. Você não pode”. Então, até mesmo, “Posso sair para almoçar com meus amigos?” “Não, não, não, você está saturada, está em todo lugar, é melhor que você não saia para almoçar com seus amigos”. Eu disse, “Bem, eu não tenho... eu não tenho saído de casa há meses”. Quer dizer, teve um dia que um dos membros da família, ela veio até mim, e ela disse, “Por que você não fica quieta por um tempinho, porque você está em todos os lugares agora”. E eu disse, “Eu saí de casa duas vezes em quatro meses. Eu estou em todo lugar, mas eu não estou em lugar algum”. E desse ponto de vista, eu continuei dizendo às pessoas, “Eu sei que há uma obsessão sobre como as coisas parecem, mas alguém já falou sobre como é? Porque agora, eu não poderia me sentir mais só”.

OPRAH: Hmm. Você estava se sentindo sozinha, apesar de seu príncipe... você está apaixonada, você está com ele.

MEGHAN: Eu não estou sozinha... eu não estava sozinha com ele.

OPRAH: Sim.

MEGHAN: Houve momentos que ele precisava sair para trabalhar ou precisava viajar, tem momentos no meio da noite. E assim, havia muito pouco do que eu tinha permissão para fazer.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: E então, sim, é claro que isso gera solidão quando você vem de uma vida tão plena ou quando você vem da liberdade. Eu acho que o jeito mais fácil agora das pessoas entenderem isso é o que todos passamos no confinamento.

OPRAH: Sim, bem, todos podem certamente se identificar agora.

(Corta para a gravação da entrevista com Tom Bradby da ITV's na África do Sul em Outubro, 2019)

MEGHAN: ... perguntou se eu estou bem, mas é uma coisa muito real estar nos bastidores.

BRADBY: E a resposta é, seria justo dizer, “Não muito bem”, já que realmente tem sido uma luta?

MEGHAN: Sim.

(De volta à Oprah)

OPRAH: Bom, eu teria que dizer, na África do Sul, quando o repórter parou e perguntou: “Você está bem...?”

MEGHAN: Mmm.

OPRAH: E, uau, todos nós sentimos isso. Por que essa pergunta atingiu tal nervo? O que estava acontecendo com você, internamente naquela época?

MEGHAN: Aquele era o último dia da turnê. Sabe, aquelas turnês são... eu tenho certeza que conseguiram fotos lindas e elas parecem vibrantes, e tudo isso é verdade. Também é realmente exaustivo. Então, eu estava frita, e eu acho que aquilo me atingiu tão forte porque estávamos fazendo parecer que estava tudo bem. Eu consigo entender por que as pessoas ficaram muito surpresas de ver que havia dor ali.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Porque estávamos fazendo nossos trabalhos. Nosso trabalho era estar ligado e sorrir. E então, quando ele me perguntou aquilo, acho que eu senti que nunca havia ocorrido a ninguém que eu, que eu não estava bem, e que eu estava mesmo sofrendo. E eu já sabia há muito tempo e vinha pedindo ajuda à instituição há muito tempo.

OPRAH: Ajuda para o que?

MEGHAN: Depois que voltamos da nossa turnê na Austrália — que foi cerca de um ano antes disso — e nós conversamos sobre quando as coisas realmente começaram a mudar, quando eu sabia que nós não estávamos protegidos. E foi durante essa parte da minha gravidez, especialmente, que eu comecei a entender como seria a nossa realidade contínua.

OPRAH: Que tipo de proteção você queria que você sentiu que não estava recebendo?

MEGHAN: Quer dizer, eles iriam para o registro e negariam a história mais ridícula para qualquer um, certo? Estou falando sobre coisas que são super-artificiais e inconsequentes. Mas a narrativa sobre, você sabe, fazer Kate chorar, eu acho que foi o começo de um verdadeiro assassinato de personagem. E eles sabiam que aquilo não era verdade. E eu pensei, bem, se eles não vão matar coisas assim, então o que nós vamos fazer?

MEGHAN: Além disso, o que estava acontecendo a portas fechadas era, você sabe, nós sabíamos que eu estava grávida. Nós agora sabemos que é o Archie, e que é um menino. Nós não sabíamos nada disso naquela época. Nós podemos falar sobre isso como Archie agora. E foi quando eles estavam dizendo que não queriam que ele fosse um príncipe ou princesa — sem saber qual seria o gênero, o que seria diferente do protocolo — e que ele não receberia segurança.

OPRAH: O quê?

MEGHAN: Foi bem difícil.

OPRAH: O que você quer dizer?

MEGHAN: Ele não ia receber segurança. Isso continuou nos últimos meses da nossa gravidez, onde eu dizia, “Espere um minuto”.

OPRAH: Que o seu filho — e de Harry, filho do Príncipe Harry não ia receber segurança?

MEGHAN: É isso mesmo, eu sei.

OPRAH: Como... mas como isso funciona?

MEGHAN: Como isso funciona? É como, “Não, não, não. Olha, porque se ele não vai ser príncipe, é tipo, OK, bem, ele precisa estar seguro, então não estamos dizendo para não fazer dele um príncipe ou princesa — seja lá o que for... Mas se você está dizendo que o título é o que vai dar proteção à criança, nós não criamos essa máquina monstruosa ao nosso redor em termos de clickbait e forragem de

tablóide. Você permitiu que isso acontecesse, o que significa que nosso filho precisa estar seguro”.

OPRAH: Então, como eles explicam para você que o seu filho, o neto, o bisneto da Rainha...

MEGHAN: Mm-hmm.

OPRAH: ... não vai ter... ele não seria um príncipe? Como eles te contaram isso? E que motivos eles deram? E então diz, “E então, portanto, você não... você não precisa de proteção”.

MEGHAN: Não tem explicação.

OPRAH: Hmm.

MEGHAN: Não há versão. Quero dizer, essa é a outra parte disso...

OPRAH: Quem te fala isso?

MEGHAN: Eu ouvi muito através de Harry e depois outras partes através de conversas com...

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: ... membros da família. E essa foi uma decisão que eles acharam apropriada. E eu pensei, bom...

OPRAH: O título... ele ser chamado de príncipe, Archie ser chamado de príncipe, era importante para você?

MEGHAN: Se isso significasse que ele estaria seguro, então, é claro. Toda a grandeza que envolve essas coisas é um apego que eu pessoalmente não tenho, certo? Eu fui garçõete, atriz, princesa, duquesa. Eu sempre continuei sendo só a Meghan, certo? Então, para mim, está claro quem eu sou, independente destas coisas. E o título mais importante que eu sempre terei é Mãe. Eu sei disso.

MEGHAN: Mas a ideia de nosso filho não estar seguro, e também a ideia de que o primeiro membro de cor nesta família não ter o mesmo título que outros netos teriam... Sabe, a outra parte dessa conversa é que, há uma convenção — eu esqueço se foi a convenção de George V ou George VI — que quando você é o neto do monarca, então quando o pai de Harry se torna rei, automaticamente Archie e nosso próximo bebê se tornariam príncipe ou princesa, ou o que quer que eles fossem.

OPRAH: Então, para você, é sobre proteção e segurança, não muito o que... o que o título significa para o mundo.

MEGHAN: Essa é uma grande parte disso, mas, quer dizer, mas...

OPRAH: ... e que ter o título lhes dá segurança e proteção?

MEGHAN: Sim, mas também não é direito deles tirar isso.

OPRAH: Sim.

MEGHAN: Certo? Então, eu acho que mesmo com essa convenção que estou falando, enquanto eu estava grávida, eles disseram que queriam mudar a convenção para o Archie.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: Bem, por quê?

OPRAH: Você teve uma resposta?

MEGHAN: Não.

OPRAH: Você ainda não tem uma resposta?

MEGHAN: Não.

OPRAH: Sabe, nós ouvimos — o mundo, aquele em que nós estamos aqui lendo as coisas ou ouvindo as coisas — que foi você e Harry que não queriam que Archie tivesse um título de príncipe. Então, você está me dizendo que isso não é verdade?

MEGHAN: Não, e não é nossa decisão para tomar, certo?

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: ... apesar de que eu tenho muita clareza sobre o que vem com os títulos, bom e ruim — e pela minha experiência, muita dor.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Eu, de novo, não desejaria dor aos meus filhos, mas esse é o direito de nascença deles de fazer uma escolha.

OPRAH: OK, então, para mim parece que as coisas começaram a mudar quando você e Harry decidiram que não iriam tirar a foto que fazia parte da tradição há anos e...

MEGHAN: Não nos pediram para tirar a foto. Isso também faz parte do giro, isso foi realmente prejudicial. Eu pensava, “Vocês podem só dizer a eles a verdade? Vocês podem dizer ao mundo que não estão dando um título a ele, e que nós queremos mantê-lo seguro, e que se ele não será príncipe, então isso não faz parte da tradição? Basta dizer às pessoas, e então elas vão entender?”

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Mas eles não fariam isso.

OPRAH: Mas vocês estavam... vocês dois, obviamente, sabiam que isso fazia parte da tradição? E tinha uma... tinha uma razão específica para você não querer fazer parte da tradição? Eu acho que muitas pessoas interpretaram aquilo como se vocês dois estivessem dizendo, “Vamos fazer as coisas do nosso jeito. Vamos fazer as coisas de uma maneira diferente”.

MEGHAN: Não é nada disso. Quero dizer, eu acho que foi muito difícil... então, imagine, agora que você sabe o que acontecia nos bastidores, certo? Havia muito medo em torno disso. Eu estava com muito medo de ter que oferecer nosso bebê, sabendo que eles não o manteriam em segurança.

OPRAH: Você certamente deve ter tido conversas com Harry sobre isso e tem suas próprias suspeitas sobre por que eles não queriam fazer de Archie um príncipe. Quais são... quais são esses pensamentos? Por que você acha que é isso? Você acha que é por causa da raça dele?

MEGHAN: (Suspiros)

OPRAH: E eu sei que esta é uma pergunta pesada, mas...

MEGHAN: Mas eu posso te dar uma resposta honesta. Naqueles meses em que eu estava grávida, todos nessa mesma época... então temos em conjunto a conversa de “Ele não vai ter segurança, ele não vai ter um título” e também preocupações e conversas sobre quão escura sua pele pode ser quando ele nascer.

OPRAH: O quê?

MEGHAN: E...

OPRAH: Quem... quem teve essa conversa com você? O quê?

MEGHAN: Então...

OPRAH: Tem uma conversa... espera aí. Segura. Segura. Pare agora mesmo.

MEGHAN: Houve... houve várias conversas sobre isso.

OPRAH: Houve uma conversa com você...?

MEGHAN: Com Harry.

OPRAH: Sobre quão escura a pele do seu bebê seria?

MEGHAN: Potencialmente, e o que isso significaria ou seria.

OPRAH: Uau. E você não vai me dizer quem teve essa conversa?

MEGHAN: Eu acho que isso seria muito prejudicial a eles.

OPRAH: OK. Então, como... como se tem essa reunião?

MEGHAN: Isso me foi transmitido por Harry. Essas eram conversas que a família tinha com ele. E eu acho...

OPRAH: Uau.

MEGHAN: Foi realmente difícil ver que essas conversas foram compartilhadas.

OPRAH: Porque eles estavam preocupados que se ele fosse muito escuro, isso seria um problema? Você está dizendo isso?

MEGHAN: Não consegui explicar o porquê, mas isso — se essa é a suposição que você está fazendo, eu acho que parece bastante segura, o que foi muito difícil de entender, certo? Especialmente quando — veja, eu — a Commonwealth é uma grande parte da monarquia, e eu morei no Canadá, que é um país da Commonwealth, por sete anos. Mas foi só quando Harry e eu estávamos juntos que começamos a viajar pela Commonwealth, eu diria que 60%, 70% dos quais são pessoas de cor, certo?

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: E crescendo como uma mulher de cor, como uma garotinha de cor, eu sei o quão importante é a representação. Eu sei como você quer ver alguém que se pareça com você em certas posições.

OPRAH: Obviamente.

MEGHAN: Até mesmo Archie. Tipo, nós lemos esses livros, e agora ele tem sido — tem uma frase que diz, “Se você pode ver, você pode ser”. E ele diz, “Você pode ser!” E eu penso muito sobre isso, especialmente no contexto daquelas jovens garotas, mas mesmo mulheres e homens adultos que, quando eu os encontrava no nosso tempo na Commonwealth, o quanto isso significava para eles poder ver alguém que se parece com eles...

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: ...nesta posição. E eu nunca consegui entender como isso não seria visto como um benefício adicional...

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: ...e um reflexo do mundo de hoje. Em todos os momentos, mas especialmente agora, para dizer — “quão inclusivo é isso, que você pode ver alguém que se parece com você nesta família, muito menos alguém que nasceu nela?”

(Oprah narra) Quando Meghan se juntou à Família Real em 2018, ela se tornou alvo de ataques implacáveis e generalizados. Abuso racista online direcionado à Meghan Markle. Havia inegáveis conotações racistas. Isso se destaca do tipo de cobertura que vimos de qualquer outro membro da realeza.

Houve críticas constantes, comentários sexistas e racistas flagrantes de tablóides britânicos e trolls da internet. Vimos o racismo contra ela em tempo real. Referindo-se a ela como "direto de Compton". O ataque diário de vitriolo e condenação da imprensa do Reino Unido tornou-se esmagador e, nas palavras de Meghan, “quase impossível de sobreviver”. (De volta a Oprah)

OPRAH: Você disse em um podcast que se tornou “quase impossível de sobreviver”, e isso me impressionou, porque parece que você estava com algum tipo de problema mental. O que realmente estava acontecendo? “Quase impossível de sobreviver” soa como se houvesse um ponto de ruptura.

MEGHAN: Sim, havia. Eu só não vi solução. Eu me sentava à noite, e ficava apenas, tipo, não entendo como tudo isso está sendo produzido. E, de novo, eu não estava vendo, mas é quase pior quando você sente através da expressão da minha mãe ou dos meus amigos, ou eles me ligando chorando, apenas, tipo, “Meg, eles não estão protegendo você”. E percebi que tudo estava acontecendo só porque eu estava respirando.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: E, olha, eu estava com muita vergonha de dizer isso na época e vergonha de ter que admitir isso para Harry, especialmente, porque eu sei quanta perda ele sofreu. Mas eu sabia que se eu não dissesse, eu faria. E eu... Eu simplesmente não... Eu só não queria mais estar viva. E esse era um pensamento constante muito claro e real e assustador. E eu me lembro — eu me lembro de como ele me embalou. E eu fui — eu fui à instituição, e disse que precisava ir a algum lugar para obter ajuda. Eu disse que, “eu nunca me senti assim antes, e preciso ir a algum lugar”. E me disseram que não poderia, que não seria bom para a instituição. E eu liguei...

OPRAH: Então a instituição nunca é uma pessoa. Ou é uma série de pessoas?

MEGHAN: Não, é uma pessoa.

OPRAH: É uma pessoa.

MEGHAN: São várias pessoas. Mas eu fui a uma das pessoas mais velhas apenas para... para conseguir ajuda. E isso — sabe, eu compartilhar isso, porque tem tantas pessoas que têm medo de falar que precisam de ajuda. E eu sei, pessoalmente, como é difícil não apenas falar isso, mas quando você fala, ouvir um não.

OPRAH: Uau.

MEGHAN: E então, eu fui para os recursos humanos, e disse, “Eu realmente só — eu preciso de ajuda”. Porque no meu antigo trabalho, havia uma união, e eles me protegeriam. E eu me lembro dessa conversa como se fosse ontem, porque eles disseram, “Meu coração está com você, porque eu vejo o quão ruim é, mas não há nada que possamos fazer para protegê-la porque você não é uma funcionária remunerada da instituição”.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: Isso não foi uma escolha. Isso foi e-mails e implorando por ajuda, dizendo bem especificamente, “Eu estou preocupada com o meu bem-estar mental”. E as pessoas dizendo, “Ah, sim, sim, é desproporcionalmente terrível o que vemos lá fora para qualquer outra pessoa”. Mas nada jamais foi feito, então tivemos que buscar uma solução.

OPRAH: Uau! “Eu não quero mais estar viva,” isso é...

MEGHAN: Eu achei que isso teria resolvido tudo para todos, certo?

OPRAH: Então, você estava pensando em se machucar? Você estava tendo pensamentos suicidas?

MEGHAN: Sim. Isso ficou muito, muito claro.

OPRAH: Uau.

MEGHAN: Muito claro e muito assustador. E, você sabe, eu não sabia a quem recorrer. E uma das pessoas que eu procurei, que continuou sendo amiga e confidente, era uma das melhores amigas da mãe do meu marido, uma das melhores amigas da Diana. Porque é, tipo, quem mais poderia entender o que é... o que é realmente por dentro?

OPRAH: Você já pensou em ir a um hospital? Ou isso é possível, que você possa se consultar em algum lugar?

MEGHAN: Não, era isso que eu estava pedindo para fazer.

OPRAH: Sim.

MEGHAN: Você não pode simplesmente fazer isso. Eu não podia, sabe, chamar um Uber para o palácio.

OPRAH: Sim.

MEGHAN: Você não podia simplesmente ir. Você não podia. Quero dizer, você tem que entender, também, quando eu entrei na família, aquela foi a última vez, até chegarmos aqui, que eu vi meu passaporte, minha carteira de motorista, minhas chaves. Tudo aquilo se transforma. Eu não vi mais nada disso.

OPRAH: Bom, do jeito que você está descrevendo isso, é... é como se você estivesse presa e não conseguisse ajuda, mesmo que você esteja à beira do suicídio. É isso que você está descrevendo. É isso que estou ouvindo.

MEGHAN: Sim.

OPRAH: E essa seria uma interpretação precisa, sim?

MEGHAN: Essa é a verdade.

OPRAH: Essa é a verdade.

MEGHAN: Sabe, e se você pensar sobre... isso foi uma das coisas que... o que ainda me assombra é essa fotografia que alguém me mandou. Tivemos que ir a um

evento oficial. Tivemos que ir a esse evento no Royal Albert Hall, e um amigo disse, “Eu sei que vocês não olham para as fotos, mas, ah, meu Deus, vocês estão tão lindos...”

OPRAH: Sim.

MEGHAN: ... e me enviou. E eu dei um zoom, e o que eu vi foi a verdade do que aquele momento era, porque logo antes de termos que ir para isso, eu tinha acabado de ter aquela conversa com Harry naquela manhã, e foi no dia seguinte que eu conversei com a instituição.

OPRAH: Vocês tiveram a conversa “Eu não quero mais estar viva?”

MEGHAN: Sim.

OPRAH: Uau.

MEGHAN: Não, e foi... e não era nem, “Eu não quero”.

OPRAH: E então, você...?

MEGHAN: Foi tipo, “Estes são os pensamentos que eu estou tendo no meio da noite que são muito claros...”

OPRAH: Sim, clareza.

MEGHAN: “... e eu estou com medo, porque isso é muito real. Isso não é uma ideia abstrata. Isso é metódico, e isso não é quem eu sou”. Mas tivemos que ir para esse evento, e eu me lembro dele dizendo, “Eu não acho que você deva ir”. E eu disse, “Eu não posso ficar sozinha”.

OPRAH: Porque você estava com medo do que poderia fazer consigo mesma?

MEGHAN: E nós fomos, e aquela...

OPRAH: Eu sinto muito em ouvir isso.

MEGHAN: ... e aquela foto, se você aumentar o zoom, o que eu vejo é como os nós dos dedos dele estão apertados em torno dos meus. Você consegue ver os brancos de nossos dedos, porque estávamos sorrindo e fazendo nosso trabalho, mas nós dois estávamos apenas tentando aguentar firme. E toda vez que aquelas luzes se apagavam naquele Royal Box, eu chorava, e ele segurava minha mão.

OPRAH: Uau.

MEGHAN: E então, foi, “OK, o intervalo está acabando, as luzes estão prestes a acender, todo mundo está olhando para nós de novo”, e você só tem que estar ligado novamente.

OPRAH: Sim.

MEGHAN: E isso é, eu acho, tão importante para as pessoas lembrarem que você não tem ideia do que está acontecendo com alguém atrás das portas fechadas. Você não tem ideia. Mesmo as pessoas que dão o maior sorriso e brilham as luzes mais brilhantes, ao que parece, têm compaixão pelo que está realmente acontecendo.

OPRAH: Eu sei. O público está te olhando. E pensar que você, mais cedo naquele dia, havia dito para Harry que você não queria mais estar viva.

MEGHAN: Sim. E apenas horas antes, apenas sentando nos... nos degraus da nossa casa de campo.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: ... apenas sentada lá e depois dizendo, “ok, bem, suba e coloque sua bolsa de maquiagem na sua pia e tente se recompor”.

OPRAH: Ninguém deveria ter que passar por isso.

MEGHAN: E, você sabe, Harry e eu estamos trabalhando nesta série sobre saúde mental para a Apple, e nós — sim, então — nós, nós, nós ouvimos muito dessas histórias. Ninguém deveria ter que passar por isso. É preciso ter muita coragem para admitir que você precisa de ajuda.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: É preciso ter muita coragem para falar sobre isso. E como eu disse, eu estava envergonhada. Eu deveria ser mais forte que isso.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Eu não quero colocar mais nos ombros do meu marido. Ele está carregando o peso do mundo. Eu não quero trazer isso para ele. Eu trago soluções. Admitir que você precisa de ajuda, admitir o quão escuro é o lugar que você está.

OPRAH: Você disse algumas coisas bem chocantes aqui, reveladoras...

MEGHAN: Eu não estava planejando dizer nada chocante.

OPRAH: OK.

MEGHAN: Eu estou apenas te contando o que aconteceu.

OPRAH: OK.

MEGHAN: Me desculpe se isso te chocou! Tem sido muito.

OPRAH: Eu estou um pouco chocada.

MEGHAN: Tem sido muito.

OPRAH: Como você se sente sobre o palácio ouvindo você dizer sua verdade hoje? Você está com medo de uma reação ou de sua reação?

MEGHAN: Quero dizer, eu acho que não vou viver minha vida com medo. Sabe, eu acho que muito disso é dito com uma compreensão da verdade.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Mas acho que, para responder à sua pergunta, eu não sei como eles poderiam esperar que depois de todo esse tempo, nós ainda ficaríamos em silêncio se houvesse um papel ativo que a Firma está desempenhando na perpetuação de falsidades sobre nós.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: Que em um certo ponto, você vai dizer, “Mas, pessoal, alguém apenas fale a verdade”. E se isso vem com o risco de perder coisas, quer dizer, eu perdi... tem muita coisa que já foi perdida.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: E eu sofro muito. Quero dizer, eu perdi meu pai. Eu perdi um bebê. Eu quase perdi meu nome. Quer dizer, há a perda de identidade. Mas ainda estou de pé, e minha esperança para as pessoas que estão entendendo isso é saber que existe um outro lado.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Saber que a vida vale a pena ser vivida.

OPRAH: OK. Estou tão feliz que você veja isso agora. Nós vamos fazer uma pausa, pessoal, e Harry vai se juntar a nós.

MEGHAN: (Risos)

(Anúncios e de volta à Oprah)

OPRAH: Então, oi.

HARRY: Olá.

OPRAH: Obrigada por se juntar a nós.

HARRY: Obrigado por me receber.

OPRAH: Você estava assistindo ao lado, né?

HARRY: Um pouco.

OPRAH: Sim. Eu quero dizer, antes de mais nada, vamos dizer parabéns...

HARRY: Obrigado.

OPRAH: ... para a nova adição à sua família. Meghan disse que queria esperar até que você estivesse aqui para nos contar, é um menino ou uma menina?

MEGHAN: Você pode contá-la.

OPRAH: Não, pode contar.

MEGHAN: Não, não.

HARRY: É uma menina.

OPRAH: (Gritos)

MEGHAN: É uma menina.

HARRY: Sim!

OPRAH: Vocês vão ter uma filha. Uau.

MEGHAN: É uma menina.

OPRAH: Quando você percebeu isso e viu no ultrassom, qual... qual... qual foi seu primeiro pensamento?

HARRY: Incrível. Apenas grato, como qualquer outro — ter qualquer criança, qualquer um ou dois teria sido incrível. Mas ter um menino e então ter uma menina, sabe, o que mais você pode pedir? Mas agora, sabe, agora nós — nós temos nossa família. Nós temos, sabe, nós quatro e nossos dois cachorros, e é ótimo.

OPRAH: Chega. Chega? Dois é isso?

HARRY: Chega.

MEGHAN: Dois é isso.

OPRAH: Dois é isso.

MEGHAN: Dois é isso.

OPRAH: E quando é o nascimento do bebê?

MEGHAN: No verão.

OPRAH: Este verão?

MEGHAN: Isso.

OPRAH: Então, vocês todos têm vivido na ensolarada Califórnia agora por...

MEGHAN: Desde março.

OPRAH: Desde março, OK.

(Oprah narra) No final de 2019, Príncipe Harry e Meghan deixaram o Reino Unido e se mudaram para o Canadá. O casal diz que escolheu o Canadá, uma comunidade da Grã-Bretanha, com a intenção de continuar servindo à Rainha. Após a mudança, Harry e Meghan disseram que a segurança normalmente fornecida pela Família Real foi cortada. Em março de 2020, poucos dias antes do início do confinamento por Covid, Meghan, Harry e Archie se mudaram para Los Angeles, onde o magnata da mídia Tyler Perry lhes ofereceu sua casa como um refúgio temporário. Ele também forneceu segurança.

Três meses depois eles compraram sua própria casa e se estabeleceram na área de Santa Bárbara. Na primavera passada, o Duque e a Duquesa de Sussex criaram sua própria fundação e empresa de conteúdo de mídia chamada Archewell.

OPRAH: E então vocês ficaram na casa de Tyler Perry por vários meses.

HARRY: Três meses, creio eu.

MEGHAN: Sim, porque não tínhamos um plano. Nós precisávamos... nós precisávamos de uma casa e ele ofereceu segurança também, então isso nos deu um espaço para respirar para tentar descobrir o que iríamos fazer.

HARRY: A maior preocupação era que enquanto estávamos no Canadá, na casa de outra pessoa, fui informado a curto prazo que a segurança seria removida. A essa altura, cortesia do Daily Mail, o mundo sabia exatamente... nossa localização exata. Então de repente ocorreu-me, “Espera um segundo. As fronteiras podem ser fechadas. Nós vamos ter nossa segurança removida. Quem sabe quanto tempo vai durar o confinamento? O mundo sabe onde estamos. Não é seguro. Não é seguro”.

MEGHAN: Bom, e também...

HARRY: Provavelmente precisamos sair daqui.

OPRAH: Então, que segurança vocês tinham na época que ela seria removida?

HARRY: Nós tínhamos nossa segurança do Reino Unido.

OPRAH: Então você tem notícias do exterior?

HARRY: Sim.

OPRAH: Que “estamos tirando sua segurança”. Por que eles estavam fazendo isso?

HARRY: A justificativa deles é uma mudança de status, da qual eu recusei disse, “Bem, há uma mudança de ameaça ou risco?” E depois de muitas semanas esperando, finalmente eu recebi a confirmação de que não, o risco e a ameaça não mudaram mas devido à nossa mudança de status, (por) que não seríamos mais membros oficiais da Família Real, eles obviamente... o que propusemos foi meio período, ou pelo menos o máximo que poderíamos fazer sem ser totalmente consumidos por causa de, eu acho, do que a maioria de vocês já cobriu.

MEGHAN: Na verdade não falamos sobre isso. Tem ido tanto na direção errada, como se nós desistimos, nos afastamos, nós... todas as conversas dos dois anos antes de finalmente anunciarmos.

(Oprah narra) Em janeiro de 2020, o Príncipe Harry e Meghan anunciaram que eles deixariam de ser membros seniores da Família Real. A rapidez com que tomaram

essa decisão, apenas 18 meses depois que se casaram, pegou todos de surpresa, desde a Rainha até o fim.

A notícia bombástica provocou um frenesi na mídia mundial apelidado de “Megxit” pela imprensa britânica. Muitos repórteres e postagens virais culpavam Meghan pela decisão. Em um comunicado oficial, a Rainha Elizabeth disse: “Embora tivéssemos preferido que eles continuassem trabalhando em tempo integral como membros da Família Real, nós respeitamos e entendemos seu desejo de viver uma vida mais independente como uma família enquanto permanecem como uma parte valiosa de minha família”. (De volta à Oprah)

OPRAH: OK, deixe-me perguntar.

MEGHAN: Sim?

OPRAH: Então, há mais de um ano, vocês chocaram o mundo. Vocês anunciaram que estavam se afastando como membros seniores da Família Real. E então a mídia reportou que vocês “surpreenderam” a Rainha, sua avó. Então aqui está a hora de esclarecer as coisas. Qual foi o ponto de inflexão que fez vocês decidirem que tinham que sair?

HARRY: Sim, foi desesperador. Eu fui a todos os lugares que achei que deveria ir, para pedir ajuda. Nós dois fomos.

MEGHAN: Mm-hmm.

HARRY: Separadamente e juntos.

OPRAH: Então vocês saíram porque estavam pedindo ajuda e não conseguindo?

HARRY: Sim, basicamente. Mas nós nunca saímos.

MEGHAN: Nós nunca deixamos a família e só queríamos ter o mesmo tipo de papel que existe, certo? Tem os membros seniores da família e então tem os membros não-seniores. E nós dissemos, especificamente, “Nós estamos nos afastando dos cargos seniores para ser como vários...” Quer dizer, eu consigo pensar em tantos agora mesmo que são todos... eles são altezas reais, príncipe ou princesa, duque ou duquesa... que ganham a vida, vivem em terrenos do palácio, podem apoiar a Rainha se e quando solicitados. Então não estávamos reinventando a roda aqui. Estávamos dizendo, “OK, se isso não está funcionando para todos, nós estamos sofrendo muito, vocês não podem nos providenciar a ajuda de que precisamos, nós podemos apenas dar um passo para trás. Podemos fazê-lo em um país da Commonwealth”. Nós sugerimos Nova Zelândia, África do Sul...

HARRY: Respirar um pouco.

MEGHAN: Canadá.

OPRAH: Sim. E vocês queriam respirar um pouco do que exatamente? Vamos ser claros.

HARRY: Desta... esta barreira constante. Minha maior preocupação era a história se repetir e eu disse isso em várias ocasiões, bem publicamente. E o que eu estava vendo era a história se repetindo. Mas mais, talvez. Ou definitivamente mais perigoso porque você adiciona a questão racial e as mídias sociais. E quando eu falo sobre a história se repetindo, eu estou falando sobre minha... minha mãe.

HARRY: Quando você vê algo acontecendo da mesma forma, qualquer um pediria ajuda, pediria ao sistema do qual você faz parte — especialmente quando você sabe que há uma relação ali — que eles possam ajudar e compartilhar algumas verdades ou ligar... acalmar os cachorros, como quiserem chamar. Então não receber ajuda alguma e ouvir continuamente, “É assim que as coisas são. É apenas como as coisas são. Todos nós passamos por isso”... e eu acho que o maior ponto de virada para mim foi... e não demorou muito. Na verdade foi bem no começo... foi, OK, esta união... nós, eu sendo... ter uma namorada seria algo. Claro que seria. Mas eu... eu nunca esperei, ou nunca pensei...

OPRAH: Porque ela era mestiça?

HARRY: Não, só... só nós dois para começar. Eu não havia realmente pensado sobre a parte racial porque eu acho, bem... bem, primeiramente, sabe, eu passei muitos anos fazendo o trabalho e aprendendo por conta própria. Mas minha educação no sistema, na qual eu fui criado e ao que eu fui exposto, não era... eu não estava ciente disso para começar. Mas, meu Deus, não demora muito para de repente se conscientizar disso.

OPRAH: Sim, porque você disse que você realmente não estava ciente do preconceito inconsciente e tudo o que isso representa.

HARRY: Não.

OPRAH: Até você conhecer Meghan.

HARRY: Sim. Sabe, por mais triste que seja dizer isso, é preciso viver no lugar dela — neste caso, por um dia, ou aqueles primeiros oito dias — para ver onde isso iria e até onde eles iriam.

OPRAH: E fugir disso?

HARRY: E fugir disso e ser tão descarado sobre isso. Essa é a parte que me chocou. Isso é... estamos falando sobre a imprensa do Reino Unido aqui, certo? E este... o Reino Unido é meu lar. Isso é... foi onde eu fui criado. Então sim, eu tenho meu próprio relacionamento que remonta a um longo caminho com a mídia. Eu pedi calma aos tablóides britânicos — uma vez como namorado, uma vez como marido e uma vez como pai.

OPRAH: Então quando eu pergunto, “Por que vocês foram embora?” a resposta simples é...?

HARRY: Falta de suporte e falta de entendimento.

OPRAH: Então, eu quero clareza. A mudança foi sobre fugir da imprensa do Reino Unido? Porque a imprensa, como vocês sabem, está em todo lugar. Ou a mudança foi porque vocês não estavam recebendo apoio suficiente da Firma?

HARRY: Ambos.

OPRAH: Ambos.

HARRY: Sim.

OPRAH: Você surpreendeu a Rainha?

HARRY: Não. Eu nunca surpreendi minha avó. Eu tenho muito respeito por ela.

OPRAH: Então de onde veio essa história?

HARRY: Arrisco um palpite de que isso provavelmente vem de dentro da instituição.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: Então, eu lembro que você conversou com ela várias vezes sobre isso durante...

HARRY: Dois anos.

MEGHAN: Dois anos. Mas mesmo na noite anterior, dias antes, com a declaração saindo, eu me lembro dessa conversa.

OPRAH: Então, como vocês sabem que ela não foi surpreendida? Porque do jeito que foi apresentado pela imprensa é que de repente vocês fizeram essa declaração. Ela não sabia que isso estava vindo.

HARRY: Não, eu... quando estávamos no Canadá, eu tive três conversas com minha avó e duas conversas com meu pai e — e ele disse, “Você pode colocar tudo por escrito sobre qual é seu plano?”

OPRAH: Seu pai pediu para você colocar por escrito.

HARRY: Sim. Ele me pediu para escrever e eu coloquei todos os detalhes lá, até o fato de que estávamos planejando lançar o anúncio em 7 de janeiro.

OPRAH: Então você acabou de dizer que seu pai parou de atender suas ligações. Por que ele parou de atender suas ligações?

HARRY: Porque eu tomei as dores... a essa altura, eu tomei as dores para mim. Foi tipo, “Eu preciso fazer isso pela minha família. Isso não é surpresa para ninguém. É muito triste que tenha chegado neste ponto mas eu preciso fazer algo para minha própria saúde mental, da minha esposa e do Archie também”. Porque eu conseguia ver onde isso estava indo.

MEGHAN: Ter sentado e não ter dito isso por tanto tempo, parece realmente...

OPRAH: Ter sido silenciado esse tempo todo.

MEGHAN: Sim.

HARRY: Foram três anos e meio, quatro anos. Ou mais, na verdade.

MEGHAN: Nós estávamos dizendo... Deus, deve ter sido anos atrás que estávamos sentados em Nottingham (casa de campo em Nottingham, onde Harry morava quando estava solteiro e quando se casou)... Eu estava sentada na casa de campo de Nottingham e A Pequena Sereia começou a passar. Agora, quem assiste... que adulto realmente assiste A Pequena Sereia? Mas começou a passar e eu estava tipo, “Bom, eu estou aqui o tempo todo, então talvez eu assista isso”. E eu disse, “Oh, meu Deus! Ela se apaixonou por um príncipe e por causa disso, ela deve perder sua voz”.

OPRAH: Mmm.

MEGHAN: Mas no final, ela recupera sua voz.

OPRAH: Recupera sua voz.

MEGHAN: Sim.

OPRAH: E foi isso o que aconteceu aqui? Você sente que recuperou sua voz?

MEGHAN: Sim.

OPRAH: Então, vocês... vocês estão se afastando de sua frustração e só precisam sair. E, sabe, você ouviu Meghan compartilhar conosco...

HARRY: Mm-hmm.

OPRAH: No momento em que ela veio até você, teve coragem suficiente de dizer em voz alta...

HARRY: Mm-hmm.

OPRAH: “Eu não quero mais viver.”

HARRY: Mm-hmm.

OPRAH: E você não sabia o que fazer?

HARRY: Eu não fazia ideia do que fazer. Eu não estava... Não estava preparado para aquilo. Eu entrei... eu entrei em um lugar muito sombrio também. Mas eu... eu queria estar lá para ela e...

MEGHAN: Também, nós não saímos naquele minuto, certo?

HARRY: Eu estava aterrorizado.

MEGHAN: Nós ainda... isso é quase um ano depois.

OPRAH: Então você disse a outras pessoas da família, “Eu preciso conseguir ajuda para ela. Nós precisamos de ajuda para ela”?

HARRY: Não. Essa não é apenas uma conversa que aconteceria.

OPRAH: Por quê?

HARRY: Eu acho que estava envergonhado de admitir isso para eles.

OPRAH: Oh.

HARRY: E eu não sei se... eu não sei se eles tiveram o mesmo... se eles tiveram os mesmos sentimentos ou pensamentos. Eu não fazia ideia. E é um ambiente muito aprisionador no qual muitos deles estão presos.

OPRAH: Você estava com vergonha de admitir que Meghan precisava de ajuda?

HARRY: Sim.

OPRAH: Mmm.

HARRY: Eu não tinha ninguém a quem recorrer.

OPRAH: Mm-hmm.

HARRY: Sabe, nós temos alguns amigos bem próximos que... que tem estado com a gente durante todo esse processo mas para a família, eles têm muito essa mentalidade de “É assim que é. É assim que está destinado a ser. Você não pode mudá-lo. Todos nós já passamos por isso”.

OPRAH: “Todos nós já passamos pela pressão. Todos nós já passamos pela exploração”?

HARRY: Sim. Mas o que foi diferente para mim era a questão racial, porque agora não era apenas sobre ela, mas é sobre o que ela representa. E portanto não estava apenas afetando minha esposa. Estava afetando muitas outras pessoas também. E isso... isso foi o gatilho para mim para eu realmente me envolver nessas conversas com o Palácio... funcionários seniores do Palácio e minha família dizer, “Gente, isso não vai terminar bem”.

OPRAH: E quando você diz “terminar bem”, o que você quer dizer?

HARRY: Para qualquer um isso não vai terminar bem. Porque do jeito que eu vi era que havia uma maneira de fazer as coisas mas para nós — para esta união e as especificidades em torno de sua raça — havia uma oportunidade, muitas oportunidades, para minha família demonstrar algum apoio público.

OPRAH: Mmm.

HARRY: E eu acho que uma das partes mais reveladoras — e uma das partes mais tristes, eu acho — foi que mais de 70 Membros do Parlamento, mulheres Membros do Parlamento, tanto Conservadoras quanto Trabalhistas — saíram e apontaram os... os tons coloniais de artigos e manchetes escritos sobre Meghan. No entanto ninguém da minha família nunca falou algo ao longo desses três anos. E isso... isso machuca. Mas eu também estou bem ciente de onde minha família está e como eles estão com medo dos tablóides se voltarem contra eles.

OPRAH: Se voltar contra eles pelo quê? Eles são a Família Real.

HARRY: Sim, mas tem... existe esse invisível... o que é denominado ou referido como o "contrato invisível" atrás de portas fechadas entre a instituição e os tablóides, os tablóides do Reino Unido.

OPRAH: Como?

HARRY: Bem, é... para simplificar, é o caso de se você... se você como membro da família estiver disposto a beber, jantar e dar acesso total a esses repórteres, então você terá uma imprensa melhor.

OPRAH: Por que você se importa com uma imprensa melhor se você é da realeza?

HARRY: Eu acho que todo mundo precisa ter um pouco de compaixão por... por eles nessa situação, certo? Tem um nível de controle por medo que existe há gerações. Quero dizer, gerações.

OPRAH: Mas quem está controlando quem? É a instituição. Do nosso ponto vista, apenas o público. É...

HARRY: Sim mas a instituição sobrevive com base nisso, nessa percepção. Então na verdade, se você não...

OPRAH: Então você está dizendo que existe essa relação de que Meghan estava contando... é tipo, simbiótica. Um vive ou prospera porque o outro existe.

MEGHAN: Mmm.

OPRAH: É isso o que você está dizendo.

HARRY: Essa é... essa é a ideia.

MEGHAN: Bem, veja, eu acho que existe uma razão para que todos esses tablóides tenham festas de final de ano no Palácio. Eles são hospedados pelo Palácio, os tablóides são. Sabe, existe uma construção em jogo ali. E porque desde o início do nosso relacionamento, eles estavam atacando tanto e incitando tanto racismo, realmente, isso mudou nosso... nível de risco, porque foi... não era apenas fofoca maldosa. Isso estava trazendo à tona uma parte das pessoas que eram racistas na forma como foi cobrado. E isso mudou a ameaça. Isso mudou o nível das ameaças de morte. Isso mudou tudo.

OPRAH: Então, me diga isso: Você disse momentos atrás, machuca que sua família nunca tenha conhecimento sobre o papel que o racismo desempenhou aqui. Você achou que ela foi bem recebida no começo?

HARRY: Sim. Muito melhor do que eu esperava. (Risos) Mas, sabe, minha avó tem sido incrível o tempo todo. Você sabe, meu pai, meu irmão, Kate e... e todo o resto da família, eles foram, eles foram muito receptivos. Mas realmente mudou depois da turnê da Austrália, depois da nossa turnê no Pacífico Sul.

MEGHAN: Foi quando anunciamos que estávamos grávidos do Archie. Foi a nossa primeira turnê.

HARRY: Mas também foi... também foi a primeira vez que a família pôde ver o quão incrível ela é em seu trabalho. E isso trouxe memórias.

OPRAH: Estou pensando, porque eu assisto The Crown (A Coroa) OK? Eu assisto The Crown. Vocês todos assistem The Crown?

MEGHAN: (Risos)

HARRY: Eu assisti um pouco. Você assistiu um pouco?

MEGHAN: Eu assisti um pouco.

OPRAH: Mas tem essa... eu acho que foi na quarta temporada, na verdade, onde tem uma turnê na Austrália. Então, é disso que você está falando? Trouxe memórias disso? Da turnê na Austrália.

HARRY: Sim.

OPRAH: Onde seu pai e sua mãe foram lá, e sua mãe foi deslumbrante. Então, você está dizendo que havia indícios de ciúmes?

HARRY: Olha, eu apenas desejo que todos nós aprendêssemos com o passado. Mas ver que... ver o quão fácil foi Meghan entrar na família tão rapidamente na Austrália e em toda Nova Zelândia, Fiji e Tonga, e apenas poder se conectar com as pessoas em um...

OPRAH: Mas...

HARRY: Eu sei, eu sei, eu sei, eu sei. Mas é...

OPRAH: Por que, quer dizer, por que todos não amariam isso? Não é o que vocês querem? Vocês querem que ela entre para a família e que, como a Rainha disse em algum momento, o jeito que a Meghan basicamente, não nas suas palavras, foi assimilada à família.

HARRY: Sim, eu acho, você sabe, como nós falamos, ela foi muito bem recebida na família, não apenas pela família, mas pelo mundo.

OPRAH: Sim.

HARRY: Certamente pela Commonwealth. Quero dizer, aqui você tem um dos maiores bens para a Commonwealth que a família poderia ter desejado.

OPRAH: Eu apenas não consigo... eu estou meio que voltando à isso. Então, vocês estão no Canadá porque vocês haviam dado um passo atrás. Sua Firma diz que vocês não vão mais ter proteção. Então, vocês pediram por isso? Porque vocês queriam... vocês estavam tentando ter as duas coisas? Vocês queriam dar um passo atrás mas também manter seus pés nos negócios reais, ao que parece.

HARRY: É interessante que você diz sobre isso ser, você sabe, "Ter as duas coisas" na questão... na questão da segurança. Eu nunca pensei que eu teria minha segurança removida, porque eu nasci nesta posição. Eu herdei o risco. Então isso foi um choque para mim. Foi isso que mudou completamente todo o plano.

OPRAH: Então, que você como Príncipe Harry terá sua segurança removida.

MEGHAN: Sim. E eu ainda... eu ainda escrevi cartas para a família dele dizendo, "Por favor, está bem claro que a proteção para mim ou Archie não é uma prioridade. Eu aceito isso. Está tudo bem. Por favor mantenham meu marido seguro. Eu vejo ameaças de morte. Eu vejo a propaganda racista. Por favor mantenham ele seguro. Por favor não tirem sua segurança e anunciem ao mundo quando ele e nós estamos mais vulneráveis". E eles disseram que isso apenas não era possível.

OPRAH: Mm-hmm. Eu acho que o que nós realmente temos que esclarecer aqui é porque uma das histórias que continuam a viver, seja por meio dos rumores ou das mídias sociais, no mundo, é que você, Meghan, é quem manipulou, calculou, e é responsável por este Megxit.

MEGHAN: Oh, meu Deus. É incrível como eles conseguem usar Meg para tudo.

OPRAH: Sim. Tem até histórias de que você sabia o tempo todo que isso iria acontecer. Você passou por todo o processo, e foi intencional para construir sua marca.

MEGHAN: Você consegue imaginar o quão pouco sentido isso faz? Eu deixei minha carreira, minha vida. Eu deixei tudo porque eu amo ele, certo? E nosso plano era fazer isso para sempre.

HARRY: Sim.

MEGHAN: Nosso plano... para mim, quero dizer, eu escrevi cartas para a família dele quando eu cheguei lá, dizendo, “Eu estou dedicada a isto. Eu estou aqui para vocês. Me usem como quiserem”. Não teve orientação, também, certo? Havia certas coisas que você não poderia fazer. Mas, sabe, diferente do que você vê nos filmes, não tem uma aula em como... como falar, como cruzar as pernas, como ser da realeza. Não há treinamento algum. Isso pode existir para outros membros da família. Isso não foi algo que foi oferecido a mim.

OPRAH: Então, ninguém te conta nada?

MEGHAN: Não.

OPRAH: Ninguém te prepara?

MEGHAN: Ninguém nem...

HARRY: Tem um...

MEGHAN: Desculpa, mas até mesmo, tipo, o Hino Nacional. Ninguém pensou em dizer, “Oh, você é americana. Você não vai saber disso”. Essa sou eu tarde da noite, pesquisando como... qual é o Hino... eu tive que aprender isso. Eu não quero constrangê-los. Eu preciso aprender esses 30 hinos para a igreja. Tudo isso é televisionado. Nós estávamos treinando nos bastidores, porque eu só queria deixá-los orgulhosos.

OPRAH: OK, mas aqui vai a pergunta: Você acha que vocês teriam saído ou dado um passo atrás se não fosse pela Meghan?

MEGHAN: Hm.

HARRY: Não. A resposta para a sua pergunta é não.

OPRAH: Você não teria?

HARRY: Eu não seria... eu não teria sido capaz, porque eu mesmo estava preso também. Eu não vi uma saída.

OPRAH: Ela se sentiu presa, você estava preso?

HARRY: Sim, eu não vi uma saída.

OPRAH: Mas você teve essa vida, sua vida inteira. Esta tem sido sua vida sua vida inteira.

HARRY: Sim, mas, você sabe, eu estava preso, mas eu não sabia que estava preso.

OPRAH: Mmm.

HARRY: Mas no momento em que eu conheci Meg, e então nossos mundos meio que colidiram do jeito mais incrível, e então ver como...

OPRAH: Por favor explique como você, Príncipe Harry, criado em um palácio e com uma vida de privilégios — literalmente, um Príncipe... como você estava preso.

HARRY: Preso no sistema, como o resto da minha família está. Meu pai e meu irmão, eles estão presos. Eles não podem sair. E eu tenho uma grande compaixão por isso.

OPRAH: Bem, OK, então a impressão do mundo — talvez seja uma falsa impressão — é que, por todos esses anos antes da Meghan, você estava vivendo sua vida como realeza, Príncipe Harry... o amado Príncipe Harry e que você estava curtindo aquela vida. Nós não tínhamos a impressão que você estava se sentindo preso naquela vida.

HARRY: Aproveitando a vida porque havia fotos minhas sorrindo enquanto eu estava apertando as mãos e encontrando pessoas? Tipo, eu tenho certeza que vocês cobriram um pouco daquilo. Isso é... isso é parte do trabalho. Isso é parte do papel. Isso é o que é esperado. Não importa quem você é na família, não importa o que está acontecendo na sua vida pessoal, não importa o que acabou de acontecer, se as motos chegarem e os carros chegarem, você tem que estar vestido, você tem que entrar lá. Você enxuga suas lágrimas, se livra do que está pensando e tem que estar no seu melhor jogo.

OPRAH: Mm-hmm. O que você acha que sua mãe diria sobre esse passo atrás, essa decisão de se afastar da Família Real? Como ela se sentiria sobre esse momento?

HARRY: Eu acho que ela ficaria muito zangada com a forma como isso aconteceu, e muito triste. Mas, em última análise, ela... tudo o que ela... tudo o que ela sempre quis é que fôssemos felizes.

OPRAH: Você queria liberdade da... daquela vida? Você queria liberdade para fazer seu próprio dinheiro. Você queria liberdade para fazer acordos com Netflix e Spotify. Mas você também queria servir a Rainha?

HARRY: Sim, nós não queríamos... não queríamos desistir, ou não queríamos dar as costas para as associações e as pessoas que nós... que nós estamos apoiando.

MEGHAN: Mas também, Oprah, isso existe.

HARRY: Sim, isso existe. Mas, também, a Netflix e o Spotify, eles todos... isso nunca foi parte do plano.

MEGHAN: Sim.

OPRAH: Porque vocês não tinham um plano?

MEGHAN: Nós não tínhamos um plano.

HARRY: Nós não tínhamos um plano. Isso nos foi sugerido por outra pessoa no ponto em que minha família literalmente me cortou financeiramente, e eu tive que pagar... pagar segurança para nós.

OPRAH: Espere. Segure... segure um pouco. Espere um minuto. Sua família te cortou?

HARRY: Sim, na primeira metade, o primeiro quarto de 2020. Mas eu tenho o que minha mãe me deixou, e, sem isso, nós não teríamos conseguido fazer isso.

OPRAH: OK.

HARRY: Então, sabe, voltando ao que você me perguntou, o que minha mãe pensaria disso, eu acho que ela viu isso vindo. E eu certamente senti sua presença durante todo esse processo. E, você sabe, para mim, eu... eu só estou realmente aliviado e feliz de estar sentado aqui conversando com você e minha esposa do meu lado. Porque eu não consigo começar a imaginar como deve ter sido para ela passar por esse processo sozinha todos esses anos anteriores, porque tem sido inacreditavelmente difícil para nós dois, mas pelos menos temos um ao outro.

OPRAH: Como é seu relacionamento agora com sua família?

HARRY: Eu tenho falado mais com minha avó nesse último ano do que eu falei por muitos, muitos anos.

OPRAH: Vocês todos fazem chamadas no Zoom?

HARRY: Nós fizemos algumas chamadas no Zoom com Archie.

MEGHAN: Às vezes, sim, para que eles possam ver Archie.

OPRAH: Sim.

HARRY: Minha avó e eu temos um relacionamento muito bom.

OPRAH: Mm-hmm.

HARRY: ...e um entendimento. E eu tenho um respeito profundo por ela. Ela é minha Chefe-Coronel, certo? Ela sempre vai ser.

OPRAH: Seu relacionamento com seu pai? Ele está atendendo suas ligações agora?

HARRY: Sim. Sim, ele está. Tem muito o que trabalhar ali, sabe? Eu me sinto realmente decepcionado, porque ele passou por algo parecido. Ele sabe como é a dor, e isso é... e Archie seu neto. E... mas, ao mesmo tempo, sabe, eu, claro que eu sempre... eu sempre vou amá-lo, mas houve muita dor. E... e eu sempre vou continuar a... a fazer disso uma das minhas prioridades para tentar e curar aquele relacionamento. E, mas eles só sabem o que eles sabem, e é isso. E eu tentei...

MEGHAN: Ou o que são ditos.

HARRY: Ou o que são ditos. E eu tentei educá-los durante o processo que eu fui educado.

OPRAH: Porque é como estar em uma grande bolha real?

HARRY: Sim.

OPRAH: Sim. E seu irmão? Relacionamento? Muito foi dito sobre isso.

HARRY: Sim, e muito vai continuar a ser dito sobre isso. Sabe, como eu disse antes, eu amo muito William. Ele é meu irmão. Nós passamos pelo inferno juntos. Quero dizer, nós compartilhamos experiência. Mas nós... sabe, nós estamos... nós estamos em caminhos diferentes.

OPRAH: Bom, o que é particularmente impressionante é o que Meghan compartilhou conosco mais cedo, é que ninguém quer admitir que há algo sobre raça ou que a raça desempenhou um papel na trollagem e no vitrólo, e ainda Meghan compartilhou conosco que houve uma conversa com você sobre o tom de pele de Archie.

HARRY: Mm-hmm.

OPRAH: O que foi aquela conversa?

HARRY: Aquela conversa eu nunca vou compartilhar, mas na época... na época, foi estranho. Eu estava um pouco chocado.

OPRAH: Você pode... você pode nos dizer qual foi a questão?

HARRY: Não. Eu não... eu não me sinto confortável em compartilhar isto.

OPRAH: OK.

HARRY: Mas aquilo foi... foi bem no começo, certo?

OPRAH: Tipo, como será o bebê?

HARRY: Sim, como serão as crianças?

OPRAH: Como serão as crianças?

HARRY: Mas aquilo foi logo no começo, quando ela não iria receber segurança, quando membros da minha família estavam sugerindo que ela continuasse atuando, porque não havia dinheiro suficiente para pagá-la, e coisas assim. Tipo, havia alguns sinais óbvios antes mesmo de nos casarmos de que isso seria muito difícil.

OPRAH: Então, em conclusão, se vocês tivessem o apoio, vocês ainda estariam lá?

HARRY: Sem dúvidas.

MEGHAN: Sim.

HARRY: Eu estou triste que... que o que aconteceu tenha acontecido, mas sabe, e eu estou confortável em saber, que nós fizemos tudo o que podíamos para fazer funcionar. E nós fizemos tudo no processo de saída do jeito que... do jeito que deveria ter sido feito.

MEGHAN: Com muito respeito.

HARRY: Com muito respeito.

MEGHAN: E, oh, meu Deus, nós só fizemos tudo o que podíamos para... para protegê-los.

OPRAH: Então, o que vocês dizem para as pessoas que dizem vocês vieram aqui, fizeram esses acordos multimilionários e que vocês são apenas a realeza que rouba dinheiro?

HARRY: Antes de mais nada, essa nunca foi a intenção.

OPRAH: Mm-hmm.

MEGHAN: Sim.

HARRY: E nós certamente não estamos reclamando. Nós... nossa vida é ótima agora. Nós temos uma linda casa. Nós temos uma linda... eu tenho uma linda família. E os cachorros... os cachorros estão muito felizes. Mas naquela época, durante a Covid, a sugestão de um amigo foi, "Que tal streamers (criador de conteúdo digital)?"

MEGHAN: Sim, nós genuinamente não pensamos sobre isso antes.

HARRY: Nós não pensamos sobre isso. Então havia várias opções diferentes. E, olha, da minha perspectiva, tudo o que eu precisava era dinheiro suficiente para ser capaz de pagar pela segurança para manter minha família segura.

OPRAH: Mm. Como vocês vão usar a Archewell como meio de falar sobre as coisas que são importantes para você no mundo?

MEGHAN: Eu acho que criando... quer dizer, a vida é sobre contar histórias, certo? Sobre as histórias que contamos sobre nós mesmos, as histórias que nos são contadas, o que compramos. E... e para sermos capazes de contar nossas histórias através de uma lente verdadeira, que esperamos que seja encorajadora, será ótimo saber com quantas pessoas isso pode acontecer. E ser capaz de dar voz a muitas pessoas que estão sub-representadas e não são realmente ouvidas.

OPRAH: Algum arrependimento?

MEGHAN: Essa manhã, eu acordei mais cedo que H (Harry) e vi um bilhete de alguém do nosso time do Reino Unido dizendo que o Duque de Edimburgo havia ido ao hospital.

OPRAH: Sim.

MEGHAN: Mas eu só peguei o telefone e liguei para a Rainha só para checar.

OPRAH: Você checkou?

MEGHAN: Apenas tipo, eu faria... sabe... isso é o que fazemos. É tipo, ser capaz de não ter que pensar a todo momento, "Isso é apropriado?"

OPRAH: Sim.

HARRY: Para muitos da minha família, o que eles fazem é... existe um nível de controle, certo? Porque eles têm medo do que os jornais vão dizer sobre eles.

OPRAH: Sim.

HARRY: Enquanto conosco, era apenas, tipo, apenas seja... apenas seja você mesmo. Só seja genuíno. Só seja autêntico. Apenas vá e faça isso. Se você errar, você errou. Se você acertar, você acertou.

(Oprah narra) Em 19 de fevereiro de 2021, o Palácio de Buckingham divulgou um comunicado anunciando que foi acordado que o Príncipe Harry e Meghan não retornariam como membros trabalhadores da Família Real. Os patrocínios reais de Harry e Meghan e os títulos militares honorários do Príncipe Harry seriam devolvidos à Rainha. O comunicado da Rainha foi divulgado após nossa entrevista (De volta à Oprah)

OPRAH: Seu acordo de saída com a Família Real, é... será anunciada ao final deste mês.

HARRY: A decisão é, eu acho. Sim, quer dizer, a decisão — o que, na semana passada, ou o que quer que tenha sido — é que eles removerão tudo.

OPRAH: Você está chateado com essa decisão?

HARRY: Eu estou chateado. Mas ao mesmo tempo eu respeito completamente a decisão da minha avó. Eu ainda adoraria que nós pudéssemos continuar a dar suporte a essas associações, embora sem o título ou a função.

OPRAH: Você poderia estar tão satisfeito agora, fazendo isso por meio de sua própria organização, Archewell?

MEGHAN: Bem, nós... isso é o que estamos fazendo, certo? Nós ainda estamos fazendo isso. Nós sempre iremos fazer o trabalho. Mas eu também acho que é importante para você ou todo mundo que saibam que essa decisão foi tomada sobre patrocínios e tudo isso foi antes que alguém soubesse que estávamos conversando com você.

HARRY: Sim.

MEGHAN: Eu acho que isso... eu só consigo imaginar...

OPRAH: Eu ouvi a história de que vocês estão sendo punidos agora. Eles foram retirados porque vocês conversaram comigo.

MEGHAN: Sim, mas aquilo foi... aquelas cartas, aquelas conversas, aquilo foi... aquilo foi finalizado antes que qualquer pessoa sequer soubesse que nós íamos conversar. Então isso apenas não é verdade.

OPRAH: Tudo bem, me falem isso. Harry, o que te encanta agora na sua experiência cotidiana e as coisas que você realmente aprecia na sua vida aqui com Archie e Meghan?

HARRY: Este ano foi uma loucura para todo mundo. Mas ter um espaço ao ar livre onde eu posso sair para passear com Archie, e nós podemos passear como família e com os cachorros, e nós podemos fazer caminhadas — nós vamos à praia, que é pertinho — todas essas coisas são apenas... eu acho, que o ponto alto para mim é colocá-lo nas costas da bicicleta em seu pequeno assento de bebê e levá-lo a esses passeios de bicicleta, o que é algo que eu nunca pude fazer quando era mais novo. Eu posso vê-los nas costas e ele levanta seus braços e diz, “Whoo!” conversando, conversando, conversando, dizendo, “Palmeira! Casa!” e esse tipo de coisa. E eu faço... eu penso comigo mesmo...

OPRAH: Qual é sua nova palavra favorita? Qual é sua palavra favorita agora?

MEGHAN: Oh meu Deus, ele está evoluindo rapidamente. Nas últimas duas semanas tem sido hidratar, o que é simplesmente histérico.

HARRY: Mas também, sempre que alguém sai de casa, ele diz, “Dirija com cuidado”.

MEGHAN: “Dirija com cuidado”.

(Oprah ri)

HARRY: O que realmente é...

MEGHAN: Ele ainda nem fez dois anos!

OPRAH: Você disse que seu irmão estava preso. Você disse que você ama seu irmão e sempre vai amá-lo. Você não me disse como seu relacionamento está agora, no entanto.

HARRY: O relacionamento está no espaço no momento. E, você sabe, o tempo cura as coisas, esperançosamente.

OPRAH: Algum arrependimento?

HARRY: Não. Quero dizer... não, eu acho que nós fizemos... eu estou realmente orgulhoso de nós, sabe? Eu estou tão orgulhoso de... estou tão orgulhoso da minha esposa. Tipo, ela deu à luz ao Archie com segurança durante um período de tempo que foi tão cruel e tão maldoso. E todo dia, eu voltava do trabalho, de Londres, eu estava voltando para minha esposa chorando enquanto amamentava Archie. Isso estava vindo de alguém que não estava lendo nada. E como ela pontuou mais cedo, se ela tivesse lido alguma coisa, ela não estaria aqui agora. Então nós fizemos o que tínhamos que fazer — e agora nós temos outra pequena a caminho.

MEGHAN: Eu tenho um. Meu arrependimento é de ter acreditado neles quando disseram que eu estaria protegida. Eu acreditei nisso. E eu me arrependo de ter acreditado nisso porque eu penso, “se eu realmente tivesse visto que aquilo não estava acontecendo, eu teria conseguido fazer mais”. Mas eu acho que eu não deveria ver isso. Eu não deveria saber. E... e agora, porque nós estamos do outro lado, na verdade nós não apenas sobrevivemos mas estamos prosperando. Sabe, isso... quer dizer, isso é um milagre. Eu... sim, eu acho que todas aquelas coisas que eu estava torcendo aconteceram... e isto é de alguma forma apenas o começo para nós. Sabe, nós passamos por muita coisa. Parece uma vida inteira. (Risos.) Uma vida inteira.

OPRAH: Então, sua história com o príncipe tem um final feliz?

MEGHAN: Tem sim.

HARRY: Sim.

MEGHAN: Sim. (Risos) Realmente teve.

OPRAH: Tem um final feliz porque vocês fizeram ter.

MEGHAN: Sim, melhor do que qualquer conto de fadas que você já leu.

OPRAH: Melhor do que qualquer conto de fadas.

MEGHAN: Sim, sim.

OPRAH: O que você descreveu aqui hoje — estar preso e nem estar ciente disso e todas as coisas que aconteceram, e então ela entra na sua vida e então você está fazendo terapia — você acha que de alguma forma ela te salvou?

HARRY: Sim. Sem dúvidas. Teve um... teve um grande propósito. Tiveram outras forças em jogo, eu acho, durante todo este processo. Eu sou a última pessoa a pensar, “Ooh!” Sabe? Mas é inegável quando essas coisas aconteceram, onde está a sobreposição. Então sim, ela fez. Sem dúvidas que ela me salvou.

MEGHAN: E eu faria... eu faria... quer dizer, eu acho isso adorável. Eu discordaria. Eu acho que ele salvou a todos nós, certo? Ele finalmente ligou e disse, "Temos que encontrar um caminho para nós, para Archie". E você tomou essa decisão que salvou... certamente salvou minha vida e salvou a todos nós. Mas, você sabe, você precisa querer ser salvo.

OPRAH: Bem, obrigada a vocês por compartilhar sua história de amor. Não podemos esperar pelo grande dia neste verão.

MEGHAN: Sim, com certeza.

OPRAH: Em algum momento este verão.

MEGHAN: Sim.

OPRAH: Obrigada a vocês dois por confiarem em mim para compartilhar sua história.

MEGHAN: Obrigada por nos dar espaço para isso.

HARRY: Sim, obrigado.

OPRAH: Essa conversa não termina aqui. Havia muito mais que não coube neste especial.